

Nathalia Piacentini

**CONSTRUÇÃO E ESTUDOS INICIAIS DE VALIDAÇÃO DE
UMA MEDIDA DE RESILIÊNCIA**

Dissertação submetida ao Programa de
Pós-Graduação em Psicologia da
Universidade Federal de Santa
Catarina, para obtenção do grau de
Mestre em Psicologia.

Orientador: Carlos Henrique Sancineto
da Silva Nunes

Florianópolis

2014

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Piacentini, Nathalia
CONSTRUÇÃO E ESTUDOS INICIAIS DE VALIDAÇÃO DE UMA
MEDIDA DE RESILIÊNCIA / Nathalia Piacentini ; orientador,
Carlos Henrique Sancineto da Silva Nunes - Florianópolis,
SC, 2014.
119 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa
de Pós-Graduação em Psicologia.

Inclui referências

1. Psicologia. 2. Resiliência. 3. Construção de
instrumentos. 4. Parâmetros psicométricos. I. Sancineto da
Silva Nunes, Carlos Henrique. II. Universidade Federal de
Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Psicologia.
III. Título.

Nathalia Piacentini

***Construção e estudos iniciais de validade de uma medida de
resiliência***

Dissertação aprovada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina.

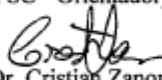
Florianópolis, 07 de fevereiro de 2014.



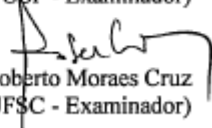
Dra. Carmen Leontina Ojeda Ocampo Moré
(Coordenadora - PPGP/UFSC)



Dr. Carlos Henrique Sancineto da Silva Nunes
(PPGP - UFSC - Orientador)



Dr. Cristian Zanón
(PPGP – USF - Examinador)



Dr. Roberto Moraes Cruz
(PPGP - UFSC - Examinador)

Dra. Maiana Farias Oliveira Nunes
(PSI - AVANTIS - Suplente)

Dedico este trabalho ao Mateus (*in memoriam*)
meu primo, amigo e irmão que sempre acreditou em mim
Este trabalho é a realização do nosso sonho

AGRADECIMENTOS

Se este trabalho foi finalizado, é graças às pessoas que tive ao meu lado que me apoiaram e ajudaram. Seria impossível agradecer a todas as pessoas que me guiaram a este momento, assim agradeço aqueles que em algum momento me deram força, ou através de conversas sobre psicologia e ciência despertaram a minha curiosidade e vontade de conhecer mais.

Um agradecimento especial ao meu orientador Prof. Dr. Carlos Nunes, por me acolher quando era apenas uma mestranda, como costume brincar, perdida. Por ter me ensinado a ter amor pelos números e acolheu o meu amor pelo lado virtuoso do ser humano. Sem você meu sonho não seria possível. Obrigada pelas orientações, pelas conversas e por sempre me ajudar a organizar meus pensamentos ansiosos e responder com muita calma meus e-mails desesperados. Nossos momentos de orientação foram muito importantes (e divertidos) para mim.

Também gostaria de agradecer ao Prof. Dr. Eduardo Legal, que me mostrou que é possível no campo da psicologia pensar nos aspectos positivos, que podemos refletir sobre a felicidade autêntica. Muito obrigada pelas conversas intermináveis sobre resiliência no Laboratório de AEC da Univali, local onde aprendi sobre o rigor científico e no qual iniciei minha caminhada. Obrigada pelas valiosas contribuições.

Agradeço também ao Prof. Dr. Roberto Cruz, por ter avaliado este trabalho na banca de qualificação, e juntamente com o Prof. Dr. Cristian Zanon ter aceitado participar do final dessa aventura: a banca de defesa.

Quero agradecer ao Prof. Dr. Pedro Geraldi e a Prof. Dra. Josiane Delvan, por abrirem as portas do curso de Psicologia da Univali, do qual são coordenadores, e darem apoio frente aos cursos da Universidade a fim de conseguir a amostra pretendida, bem como a todos os professores que disponibilizaram tempo da sua aula e a Prof. Eluana Pivatto possibilitou a coleta com estudantes de ensino, deixando que eu adentrasse a escola em que é diretora.

Agradeço ao CAPES pelo auxílio financeiro que me possibilitou completar este sonho.

Meus agradecimentos ao pessoal do Lpap (Laboratório de Pesquisa em Avaliação Psicológica), que fizeram do mestrado mais divertido através dos grupos de estudo, das reuniões, cafés da manhã de sexta-feira e muita psicometria.

Um agradecimento especial aos meus amigos João, Roberta e Maiara, por estarem presentes durante essa jornada, por dividirem este sonho e todos os seus percalços comigo, dedico a vocês o meu muito obrigada.

Agradeço também ao meu amigo André, por me acompanhar desde a graduação, compartilhar ideias malucas, histórias únicas, pelas caronas incontáveis, por saber o momento em me chamar para um café, por compartilhar laboratório (por vezes sendo confundido como integrante do Lpap) e pela ajuda em momentos de desespero que normalmente aconteciam em horas inesperadas.

Agradeço ao Gabriel, pelas conversas na madrugada que serviram para pensar sobre resiliência e alimentar o meu amor pela ciência, sempre lembrando que existem outros caminhos, pelos devaneios psicológicos, pela cerveja no final do dia, pelas risadas e pela hospedagem.

Também quero agradecer a Caroline, por ouvir paciente, meus desabafos, sempre ter uma palavra de apoio, me ajudar com minha coleta, por vezes saindo de sua cidade e quando chegava ao local de coleta receber um não, pois não seria possível realiza-la e não havíamos sido avisadas. Por compartilhar metas, as quais ainda vamos concretizar. Allons-y.

Sem esquecer de agradecer aos produtores de café, chá preto, chá mate e chá verde, sem vocês concluir esta dissertação teria sido um trabalho mais difícil e menos prazeroso.

Agradeço a Deus por estar sempre comigo, e me proporcionando sentido de vida, juntamente com fé que serve de apoio, no meu caminho.

Quero agradecer ao Mateus, por ser meu primo, meu amigo, meu irmão, presente até hoje em minha vida, infelizmente não mais fisicamente, mas com o seu amor, carinho e palavras de apoio que me acompanham até hoje. Você me ensinou que é possível acreditar em si mesmo, que sonhos podem se realizar, e que não devemos nunca perder a vontade de mudar o mundo, pois como você mesmo dizia “as pessoas são boas, até que se prove o contrário”. Saber que você tinha orgulho de mim e acreditava em mim, me faz ter forças pra seguir em frente e saber que os obstáculos são grandes, mas a gente pode superá-los. Você foi o primeiro a me mostrar o que é a resiliência e por isso eu te agradeço.

Mas nada disso seria possível sem minha família. Meus pais Ivo e Beatriz que me apoiaram e incentivaram a seguir meus sonhos, mesmo

sabendo que este seria o caminho mais difícil, nunca deixando houvesse dúvidas com relação aos meus sonhos. Também agradeço à minha irmã, Maria da Graça, por estar sempre presente, comemorando minhas vitórias, chorando comigo, incentivando e sempre me guiando a acreditar em mim. A vocês fica meu maior agradecimento. Amo vocês.

Agradeço por fim a minha resiliência, pois por mais que tenham acontecido situações difíceis, estressantes, foi possível encontrar um meio de passar por elas, aprendendo e me tornando mais forte no decorrer do processo. Sendo importante ser transformado por essas situações, mas sempre tendo a consciência dessa mudança.

Agradeço a todos os que passaram por mim e me ajudaram direta ou indiretamente. Esta é a finalização de um sonho o qual me ensinou, me fez crescer e agora chega ao fim.

“Todos nós mudamos. Quando você pensa sobre isso, somos pessoas diferentes durante toda a nossa vida, e isso é bom. Você tem que se manter em movimento, desde que você lembre-se todas as pessoas que costumava ser. Eu não vou esquecer uma linha disto. Nem um dia, eu juro” (Doctor Who)

A arte de sorrir, cada vez que o mundo diz “não”

Maria Bethania

RESUMO

Este estudo teve como objetivo construir e buscar evidências de validade de uma escala que meça os diferentes fatores individuais para avaliação de resiliência. A escala foi desenvolvida a partir do referencial teórico do fenômeno, adotando como conceito geral de resiliência a capacidade de se adaptar, superar e transformar diante de situações desfavoráveis. A construção e busca de evidências de validade do instrumento, denominado Escala de Traço Resiliente (ETR) foram feitos em quatro estudos. O primeiro envolveu a construção do instrumento, análise de juízes, composta de cinco juízes e análise semântica, que contou com quatro participantes. O segundo estudo visou identificar a estrutura interna da ETR, formado por uma amostra de 434 pessoas, com nível de estudo diversificado e de vários estados do Brasil. Dessas pessoas 70,6% eram do sexo feminino e a idade variou entre 13 e 63 anos. Foram feitas análises fatoriais que indicaram uma estrutura unidimensional para a primeira subescala da ETR e quatro fatores para a segunda subescala, sendo os fatores: autoestima, autoeficácia, otimismo e autorregulação. As variâncias explicadas destes fatores foram respectivamente 62%; 15,46; 10,48; 7,23; 7,0. Para a verificação dos parâmetros psicométricos dos itens foi feita uma análise com base no modelo de Rasch, identificando índices de desajuste (misfit), correlação item-theta, desordens nas categorias e, por fim, mapa de itens, nesse estudo 39 itens foram eliminados e foi verificada precisão da versão final dos fatores da ETR com Alpha de Cronbach, que variou de 0,87 a 0,96, e precisão pela TRI variou entre 0,77 e 0,92 a real e a modelada entre 0,80 e 0,93. O terceiro estudo verificou evidências de validade da ETR baseadas nas relações com outras variáveis por meio da correlação. Para esse estudo foram utilizados instrumentos de avaliação de esperança, neuroticismo, autoestima, autoeficácia e resiliência. Os instrumentos utilizados foram EFN, ER, EAG, EAR e EEC. Com essas análises percebeu-se que o fator vulnerabilidade da EFN apresentou correlação negativa moderada com os fatores da ETR, e correlação alta com o fator otimismo. A ER apresentou correlação de moderada à alta com os fatores da ETR. Por fim foi realizado um quarto estudo, em que foi feita uma análise de correspondência de protótipo, para esta análise foi elencado participantes que tivessem respondido aos quatro fatores da EFN ou a ao menos três fatores das outras escalas aplicadas. Com esses dados foi realizada uma comparação entre o perfil esperado nessas

escalas (protótipo) e o perfil resiliente. Foram realizadas duas regressões independentes, uma para cada modelo, chegando assim ao poder explicativo de 23% para o modelo com a EFN e 27% para o modelo com os outros instrumentos. Esses valores elevados. Com base nos resultados de todos os estudos verificou-se evidências de que é possível avaliar e interpretar o traço resiliente a partir da ETR. Conclui-se que o fenômeno resiliência apresenta uma grande complexidade, no entanto este pode ser avaliado quando analisado sobre uma perspectiva de suas dimensões, pois a presente dissertação encontrou evidências iniciais de validação que dão suporte ao uso da escala.

Palavras-chave: Resiliência, construção de instrumentos, parâmetros psicométricos.

ABSTRACT

This study aimed to build and seek evidence of validation of a scale which measures the different individual factors for resilience evaluation. The scale was developed from the theoretical framework of the phenomenon. Embracing as general concept the capacity of adaptation, of overcoming and of transforming before adverse situations. The building seek evidence of validation of the instrument called ETR (Resilient Trace Scale) four studies were made. The first one involved the building of the instrument, analysis of judges, compound of five judges and semantic analysis, which accounted four participants. The second study aimed to identify the internal structure of ETR, made by a sample of 434 people, with diverse level of education and from many states of Brazil. Among these people 70,6% were from the female gender and the age ranged from 13 to 63 years. A factor analysis was made which revealed an unidimensional structure for the first subscale of ETR and four factors for the second subscale, being them: self-esteem, self-efficacy, optimism and self-regulation. The explained variances of these factors were respectively 62%; 15,46; 10,48; 7,23; 7,0. For the verification of psychometric parameters of the items an analysis was made based on the model of Rasch, identifying indexes of misfit, correlation item-theta, disorders in categories and, at last map of items, 39 items were eliminated in these study and the precision of the final version of ETR factors was analysed with Alpha of Cronbach, which ranged from 0,87 to 0,96, and the precision of TRI ranged from 0,77 to 0,92, the real and molded from 0,80 to 0,93. The third study verified evidences of validity of ETR based on relations with other variables by correlation means. For this study instruments of evaluation of expectation, neuroticism, self-esteem, self-efficacy and resilience were used. The used instruments were RFN, ER, EAG, EAR and EEC. It was noted that with these analysis the vulnerability factor of EFN presented negative moderate correlation with ETR factors, and high correlation with the optimism factor. The ER presented moderate to high correlation with ETR factors. At last a fourth study was done, in which an analysis of prototype correspondence was made, for this analysis participants which had answered to the four factors were chosen or at least answered three factors of other scales applied. With this data a comparison of expected profile in this scale (prototype) and the resilient profile was done. Two independent regressions were done, one for each model, reaching to the explanatory capacity of 23% to the model with

the EFN and 27% with the model of other instruments, which are considered elevated. Based on results of every study it was verified evidence that it is possible to evaluate and interpret the resilient trace from the ETR. It is concluded that the resilience phenomenon presents a great complexity, however it can be measured when analyzed over a perspective of its dimensions, for the present dissertation found initial evidence of validation which supports the use of the scale.

Key-words: Resilience, instrument creation, psychometric parameters.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Gráfico de sedimentação para análise dos dados observados e simulados da primeira subescala da ETR	Erro!	Indicador	não definido.
Figura 2 - Gráfico de sedimentação para análise dos dados observados e simulados da segunda subescala			57
Figura 3 - Mapa de Itens subescala Adaptação			64
Figura 4 - Mapa de Itens subescala Superação/Transformação – Autoestima			69
Figura 5 - Mapa de Itens subescala Superação/Transformação – Autoeficácia			72
Figura 6 - Mapa de Itens subescala Superação/Transformação – Otimismo.....			75
Figura 7 - Mapa de Itens subescala Superação/Transformação – Autorregulação.....			78
Figura 8 - Modelo de regressão Com EFN			83
Figura 9 - Modelo de regressão com ER, EAR, EAG, EEC – Stepwise			84

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Testes de resiliência adaptados para o Brasil	31
Tabela 2 - Carga fatorial primeira parte	54
Tabela 3 - Carga fatorial segunda parte.....	58
Tabela 4 - Itens da subescala adaptação ordenados a partir do infit e outfit	62
Tabela 5 - Parâmetros psicométrico estimados pelo Winsteps para a subescala adaptação.....	65
Tabela 6- Itens da subescala superação/transformação ordenados a partir do infit e outfit – Autoestima	67
Tabela 7 - Parâmetros psicométrico estimados pelo Winsteps para a subescala superação/transformação – autoestima.....	70
Tabela 8 - Itens da subescala superação/transformação ordenados a partir do infit e outfit – Autoeficácia.....	71
Tabela 9 - Parâmetros psicométrico estimados pelo Winsteps para a subescala superação/transformação – Autoeficácia	73
Tabela 10 - Itens da subescala superação/transformação ordenados a partir do infit e outfit – Otimismo	73
Tabela 11 - Parâmetros psicométrico estimados pelo Winsteps para a subescala superação/transformação –Otimismo	76
Tabela 12 - Itens da subescala superação/transformação ordenados a partir do infit e outfit – Autorregulação	77
Tabela 13 - Parâmetros psicométrico estimados pelo Winsteps para a subescala superação/transformação – Autorregulação	79
Tabela 14 - Correlação entre fatores da ETR e escala de construto relacionados.....	81

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABC – Região metropolitana de São Paulo, formada pelas cidades Santo André, São Bernardo do campo e São Caetano do Sul

AEf – Fator Autoeficácia da Escala de Traço Resiliente

AEs – Fator Autoestima da Escala de Traço Resiliente

AF – Análise Fatorial

AR – Fator Autorregulação da Escala de Traço Resiliente

APA – American Psychological Association

CD-RISC - Connor-Davidson Resilience Scale

CD-RISC-10 - Connor-Davidson Resilience Scale, 10 itens

DSM II - O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – Segunda Edição

DSM III - O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – Terceira Edição

DSM IV - O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais - Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – Quarta Edição

EAG – Escala de Autoeficácia Geral

EAR – Escala de Autoestima de Rosenberg

EEC – Escala de Esperança Cognitiva

EFN – Escala Fatorial de Neuroticismo/Desajuste Emocional

EPM – Erro Padrão de Medida

EPR – Escala Pilares da Resiliência

ER – Escala de Resiliência

ETR – Escala de Traço Resiliente

IL-6 – Citocina Pró-inflamatória Interleucina

KMO – Kaiser-Meyer-Olkin

MMPI - Minnesota Multiphasic Personality Inventory

O – Fator Otimismo da Escala de Traço Resiliente

PCA - Análise Fatorial Dos Componentes Principais

PPGP – Programa de Pós-Graduação em Psicologia

RS-14 – Escala de Resiliência, 14 itens

RSES - Rosenberg Self-esteem scale

TCT – Teoria Clássica dos Testes

TRI – Teoria de Resposta ao Item

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	19
2 OBJETIVOS	23
3. REVISÃO DE LITERATURA	24
3.1 Resiliencial.....	24
3.2 Instrumentos para avaliação de resiliencial.....	28
3.3 Fatores.....	34
3.3.1 Autoestima	34
3.3.2 Autorregulação	35
3.3.3 Autoeficácia	36
3.3.4 Otimismo	38
4. MÉTODO	39
5. RESULTADOS.....	50
5.1 Aspectos Qualitativos	51
5.2 Aspectos Quantitativos	52
5.2.1 Análise Fatorial.....	52
5.2.1.1 Análise Fatorial primeira subescala da ETR.....	52
5.2.1.2 Análise Fatorial segunda subescala da ETR	55
5.2.2 Verificação das propriedades psicométricas da ETR com o uso do modelo de Rash	61
5.2.2.1 Análise do modelo de Rasch da primeira subescala da ETR.....	61
5.2.2.2 Análise do modelo de Rasch da segunda subescala da ETR.....	66
5.2.3 Análise de associação entre ETR e variáveis relacionadas ..	80
5.2.3 Associação entre protótipo do perfil resiliente e construtos relacionados	82
6. DISCUSSÃO	84
7. CONCLUSÕES	90
8. REFERÊNCIAS.....	93
APÊNDICES	
ANEXOS	

1. INTRODUÇÃO

Os estudos iniciais em Psicologia, principalmente na área clínica e no campo da avaliação psicológica, tiveram como foco a investigação das psicopatologias e fatores associados a incapacidades. Tais estudos visavam de uma forma geral, identificar indivíduos que apresentassem níveis de desadaptação tais que gerassem prejuízos funcionais aos mesmos e formas de beneficiá-los, propiciando a sua adaptação na sociedade. Ainda hoje quando um aluno verifica sua grade curricular do curso de Psicologia, se depara com disciplinas como psicopatologia, psicodiagnóstico, teorias da personalidade e teorias da aprendizagem (principalmente os transtornos descritos nessas teorias), e não são raros os programas que têm como foco diagnosticar e tratar tais aspectos mal adaptativos, perpetuando o estudo sobre a patologia. Mas e as pessoas realizadas, felizes? Onde elas se encontram? Em meio a tantos problemas, há pessoas que conseguem dar-se bem na vida e ser bem sucedidas?

Atualmente a Psicologia e seus pesquisadores tem se interessado sobre porque e como algumas pessoas passam por situações estressantes e difíceis e conseguem resistir a elas, chegando a aprender com a mesma, enquanto que outras permanecem em sofrimento. Seligman (2009) aponta a necessidade de maior atenção aos aspectos positivos do desenvolvimento humano, os quais são separados em dois níveis: o nível individual, que tem o foco em traços positivos como coragem, habilidade interpessoal, perseverança, amor e espiritualidade; e o nível grupal, focado em virtudes cívicas, como responsabilidade, altruísmo, tolerância. A partir dessa abordagem, um dos propósitos da Psicologia é estabelecer uma perspectiva de homem com ênfase nos aspectos saudáveis e por valorizar a importância do estudo desses construtos supracitados. Neste contexto, os estudos dos aspectos positivos do desenvolvimento psicológico humano ganharam mais destaque e interesse da comunidade científica e a esta área do conhecimento foi dado o nome de Psicologia Positiva.

Carr (2007) compreende que o nível individual citado anteriormente, estuda as experiências subjetivas e os traços de personalidade, bem como os processos cognitivos e emoções envolvidas. Dentre esses fatores, a resiliência ganha destaque, pois ela é envolta por eles se configurando como um fenômeno que compreende como as pessoas passar por situações difíceis, como conseguem superá-las e sair transformadas delas, a partir de experiências subjetivas, processos cognitivos e emoções. No entanto as pesquisas iniciais

tinham foco nos fatores de risco e modelos de desajustamento (Rutter, 1985; Werner, 1997) e mesmo diante de toda a dificuldade vivenciada encontrou-se pessoas que conseguiam se desenvolver de forma saudável e realizada, iniciando assim os estudos sobre esse fenômeno. Nos primórdios resiliência foi concebida como invulnerabilidade frente situações difíceis e não a capacidade de se sair bem frente a elas. Com o passar do tempo a resiliência passou a ser como a capacidade de superação e adaptação a uma situação adversa (Masten, 2011) sofrendo modificações e crescimento no processo, o que não acontecia com a invulnerabilidade.

No Brasil os estudos sobre resiliência iniciaram-se em meados dos anos 90, com foco em crianças e famílias de nível socioeconômico considerado baixo, sendo um fator de risco para o desenvolvimento do ser humano (Sapientza & Pedromônico, 2005). Yunes (2003) aponta que o termo resiliência é pouco conhecido nas ciências sociais, mas possui um uso relativamente frequente em áreas da engenharia, física e até mesmo odontologia por se referir nessas áreas à resistência de materiais, ou seja, quanta pressão um material aguenta sem se deformar.

No campo da Psicologia também se encontra discussões que discorrem sobre resiliência ser permanente ou circunstancial. Um indivíduo resiliente, será resiliente sempre? Ou é possível ser resiliente uma situação estressante e em outra não? Estudos iniciais sobre este fenômeno apontavam como um traço estável, focando principalmente o desenvolvimento individual, mas com o tempo essa perspectiva foi se modificando e tal fenômeno passou a ser entendido como um processo de construção relacional (Peltz, Moraes & Carlotto, 2010), onde diversos fatores interagem entre si, não sendo um fenômeno inato.

Deslandes e Junqueira (2003) apontam que não são em todas as situações que o indivíduo apresenta resiliência, tendo em vista de que para tais autores, não se trata de uma condição intrínseca, mas sim de uma habilidade do indivíduo considerando as circunstâncias da situação. Taboada, Legal e Machado (2006) referem que existe uma tendência em tratar resiliência como uma habilidade que aparece em algumas situações e contextos considerados de risco e dependendo das características particulares apresentadas pelos sujeitos. No entanto, tratar como fator estável não significa que em todos os momentos o sujeito será resiliente, levando como exemplo a personalidade que apesar de possuir um padrão, esta não é estanque e não apresenta uma característica determinística sobre os comportamentos dos indivíduos. A definição da APA (2010) de personalidade concebe-o como um

conjunto de traços com padrões prevalentes que propiciam comportamentos.

Traços de resiliência e comportamentos resilientes são duas dimensões diferentes que formam a conduta resiliente. Esta é formada pela interação das dimensões, que por sua vez mudam de acordo com as fases do desenvolvimento humano e com as condições ambientais. De modo que as condições ambientais não são permanentes e exigem mudança na conduta resiliente (Grotberg, 2005). Traço de resiliência e comportamento são duas dimensões diferentes, mas que são interdependentes para que a resiliência ocorra. Uma pessoa que apresente um elevado nível em traço resiliente potencialmente terá mais condições para superar situações adversas que uma pessoa com baixo nível. No entanto, caso tal situação supere os recursos que o indivíduo apresenta (e se ele não tiver fatores sociais de proteção, como apoio social, habilidade social, entre outros), poderá não apresentar os comportamentos resilientes.

Entre as definições vigentes uma das mais aceitas e usadas refere-se à resiliência como a habilidade de um sujeito se adaptar e superar uma situação estressante de forma saudável e proveitosa (Barreira & Nakamura, 2006; Ralha-Simões, 2001; Taboada, Legal & Machado, 2006; Tavares, 2001; Yunes, 2003; Peltz, Moraes & Carlotto, 2010; Leipold & Greve, 2009; Lopes & Martins, 2011). No entanto, o conceito de resiliência por vezes é entendido como apenas um desses fatores. Ou seja, ora limita-se apenas a adaptação (Barlach, 2011), ora apenas a superação (Brown, 2010). Desse modo, as pesquisas com frequência investigam apenas uma parte do fenômeno, o que pode gerar problemas na hora da escolha do instrumento utilizado, pois se corre o risco de não estar utilizando um instrumento compatível com o conceito utilizado na pesquisa proposta. Por vezes a adequação do conceito com o instrumento mais adequado não é realizada corretamente, e o instrumento é escolhido apenas por se referir a resiliência, sem considerar a definição que o mesmo assume do fenômeno, o que gera uma incongruência entre os resultados e a discussão destes.

O presente trabalho assume resiliência como sendo a capacidade de reconstituição do sujeito, que se reorganiza de forma diferenciada da sua constituição inicial após enfrentar situações adversas. Adaptando-se e superando o evento de forma positiva e com modificações em suas estratégias para lidar com os eventos estressantes da vida (Grotberg, 2001).

De forma geral, os estudos sobre resiliência são voltados para a investigação de como ele ocorre e como identificar sua presença. No

Brasil há alguns estudos para a avaliação da resiliência, mas estes em sua maioria são adaptações de escalas. Estes instrumentos encontrados no Brasil avaliam apenas o momento que a pessoa está vivenciando durante a aplicação, não referencia situações de risco que ela possa ter vivido. Sendo assim este trabalho se propõe a construir uma escala de resiliência para uso no Brasil considerando as suas características particulares, o modo como os traços (autoestima, autoeficácia, otimismo, autorregulação) se relacionam com eventos circunstanciais.

Com base nos aspectos apresentados, esta proposta representa uma contribuição para os interesses de pesquisa da área de concentração “Processos Psicossociais, saúde e desenvolvimento psicológico”, linha 3 (Medida e avaliação de fenômenos psicológicos) do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGP). O instrumento proposto, além de cobrir uma lacuna das pesquisas sobre resiliência, poderá identificar os fatores de resiliência mais e menos desenvolvidos, expandindo as pesquisas sobre saúde e desenvolvimento.

Assim **desenvolver e realizar estudos para verificação de evidências de validade de uma escala que meça os fatores individuais para avaliação da resiliência** se mostra relevante, pois diante de resultados favoráveis, irá possibilitar mais pesquisas nesse campo e incentivar programas e projetos de saúde coletiva que promovam resiliência, pois não só de doenças e transtornos constitui-se o sujeito, mas de aspectos *virtuosos* também, como Seligman (2009) aponta. Assim, se faz a pergunta **Quais as evidências de validade em uma escala para mensurar resiliência?**

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Desenvolver e realizar estudos para verificação de evidências de validade de uma escala que meça os fatores individuais apontados pela literatura para avaliação da resiliência.

2.2 Objetivos Específicos

- Elaborar itens para uma escala que avalie fatores individuais da resiliência;
- Realizar de análise de juízes e análise semântica para verificar a adequação dos itens em relação ao conteúdo dos fatores avaliados e a linguagem utilizada para o público-alvo;
- Buscar evidências de validade da estrutura interna por meio da verificação da adequação de sua dimensionalidade ao modelo teórico adotado;
- Verificação de sua precisão;
- Realizar um estudo para verificação das propriedades psicométricas dos itens e dos fatores da ETR;
- Realizar um estudo para verificação de evidências de validade por construto relacionado e convergente.

3. REVISÃO DE LITERATURA

3.1 Resiliência

A maioria das pessoas já vivenciou, presenciou ou viu situações que servem como exemplos de resiliência. Na cultura *pop* tem-se, vários exemplos de resiliência em filmes, músicas e seriados. Como por exemplo, o filme “*Em busca da felicidade*”, quando o personagem principal interpretado pelo ator Will Smith, reconhece a situação em que está vivendo, separado, com pouco dinheiro e sem casa para morar, e com algumas estratégias adapta-se à mesma, buscando um trabalho que dê perspectiva de futuro.

Outro fruto da cultura *pop* é a série de livros e filmes Harry Potter, na qual o personagem principal, que dá nome a série, enfrenta inúmeros obstáculos, como a morte de seus pais, morar com pessoas as quais não o tratam bem, entre outros inimigos. Um Exemplo de situação adversa que Harry Potter vivencia foi ser inscrito em um torneio, em que corre risco de morte devido aos perigos; mas ele consegue terminar e ganhá-lo com o apoio de seus amigos que ficam ao seu lado incentivando, pesquisando soluções e sempre acreditando que conseguiria superar essa situação. E ao final ele sai fortalecido, transformado desta situação. Apesar de serem duas produções artísticas conhecidas, na maioria das vezes em que os sujeitos entram em contato com elas, percebem os fatores de resiliência, o comportamento resiliente, as estratégias utilizadas para que se alcance a resiliência, mas não sabem que tais elementos referem-se a esse construto.

Os estudos envolvendo o construto resiliência tiveram início há quatro décadas, nos anos de 1970 e em princípio as pesquisas centravam-se em situações de risco, que envolviam problemas devido à psicopatologia, pobreza, trauma, no entanto nos casos estudados foram encontrados indivíduos que apresentavam um desenvolvimento sadio (Rutter, 1985; Werner, 1997).

Um dos primeiros estudos sobre resiliência é considerado referência sobre o tema é o de Werner (1993, 1997). Esta pesquisa foi realizada na ilha mais noroeste do Havai e contou com uma amostra de 698 crianças, nascidas em 1955, chamadas de *as crianças de Kauai*. Elas foram acompanhadas por mais de 30 anos, sendo visitadas nos períodos de pré-natal, nascimento, 1, 2, 10, 18, 32 e 40 anos. Estas crianças provinham de grupos étnicos, e com traumas perinatal, psicopatologia parental ou abuso de substância química por algum membro da família.

Entre as crianças que vivenciaram fatores de risco aos dois anos de idade, dois terços delas quando chegaram por volta dos 10 anos de idade desenvolveram problemas de aprendizagem e/ou de comportamento e, por volta dos 18 anos, passaram por problemas de saúde mental. Apesar disso, um terço das crianças desenvolveu-se de forma saudável, chamadas de resilientes, consideradas afetuosas, bem-humoradas e com facilidade para se relacionar desde crianças. Com o passar do tempo também foram identificadas estratégias de enfrentamento, tais como autonomia, capacidade de pedir ajuda, crença na eficácia de seus comportamentos e um sentido de responsabilidade e autoestima elevada por parte desses indivíduos chamados resilientes (Werner, 1993, 1997).

Masten (2011) divide a história da resiliência em ondas. A primeira surgiu por volta da década de 1970, denominada de descritiva, e seus estudos destinavam-se à tentativas de operacionalização e mensuração. A segunda onda configura-se com uma mudança de foco nas pesquisas sobre resiliência, com ênfase nos testes das teorias emergentes na área, e no desenvolvimento de estratégias que visassem promover a resiliência, além de gerar teorias que explicassem as diferenças apontadas na primeira onda. A terceira onda surgiu com experimentos para produzir resiliência, sugerindo propostas de prática e políticas públicas de promoção à resiliência. Por fim, a quarta onda é focada nos diversos níveis de análises: social, individual, biológica e cultural. Tal categorização realizada por Masten (2011) permite a visualização dos vários momentos das investigações do fenômeno apontado. Assim, percebe-se que hoje em dia a resiliência é vista como um fenômeno amplo e que possui múltiplos fatores que abrangem aspectos, sociais, individuais, cognitivos e comportamentais, entretanto os psicólogos ainda têm um enorme caminho para pesquisar e entender como esses fatores organizam-se, constituem-se e, principalmente, como interagem entre si.

As pesquisas inicialmente referiam-se à invulnerabilidade, e não à resiliência. Segundo o dicionário Ferreira (1999), invulnerabilidade significa impossibilidade de ferimento, não exposição ao risco. Desta forma, pessoas invulneráveis passam por eventos estressores, mas são imunes a eles. No entanto, a resiliência exige uma situação de adversidade para que possa existir, e assim se adaptar e superar a dificuldade, não sendo necessariamente uma experiência agradável (Deslandes & Junqueira, 2001). Dayvidov, Stewart, Ritchie e Chaudieu (2010) relatam que, para a ocorrência da resiliência, o indivíduo deve ser capaz de reconhecer e neutralizar os possíveis efeitos adversos,

causados pela situação estressora em que se encontra.

Tendo esse princípio como base, deve-se salientar que o fenômeno não consiste na eliminação por completo das dificuldades, dos problemas, mas sim da resignificação dessa situação, e na reconstrução de si. Além disso, deve ser levado em consideração o contexto em que ela ocorre e as características pessoais (Oliveira, Reis, Zanelato & Neme, 2008) de modo que a resiliência é formada por interações de vários níveis.

Esses níveis que constituem a resiliência são foco de discussão, pois remetem à perspectiva pela qual o fenômeno é estudado. Windle (2010) aponta em seu estudo que a avaliação de traços como componentes da resiliência gera debates, sendo que alguns estudiosos do tema referem que traços são fixos, e que a resiliência não possui tal característica. No entanto, a definição de traço de personalidade de Allport (1961, citada por Nunes, 2005) delimita-o como “um amplo sistema de tendências para ação semelhante, e que existe na pessoa que estudamos”. Assim, percebe-se que o conceito de traços de personalidade não apresenta na sua definição a afirmativa de que os mesmos sejam imutáveis, apesar de estáveis. O mesmo pode-se pensar do traço resiliente. O conceito predispõe um padrão de comportamentos, não se nega que a resiliência seja um processo, contextual, e que provém da interação de várias dimensões, como aspectos sociais, cognitivos e individuais, apenas considera-se o traço resiliente, um desses fatores, propiciadores para a conduta resiliente, como aponta Grotberg (2005).

Reivich, Seligman e McBride (2011) referem que muitos aspectos da resiliência são ensináveis, entre eles encontra-se o otimismo, a autorregulação, a empatia e a autoeficácia. Corroborando com os apontamentos de que existem determinados fatores recorrentes na apresentação da resiliência, Grotberg (2001) argumenta que, independentemente do país, e das formas de cuidados semelhantes e/ou diferentes que os indivíduos vivenciam para promoção de resiliência todas as condutas resilientes apresentadas incluem fatores que remetem à percepção de *eu posso*, como otimismo e autoeficácia.

Em meio às discussões apresentadas, há um ponto em que todos os autores concordam, conduta resiliente, possui uma forte ligação com fatores de risco e proteção e o papel destes no desenvolvimento humano (Oliveira, Reis, Zanelato & Neme, 2008). Yunes (2006) indica que fatores de risco são eventos de vida com conotação negativa, que aumentam a probabilidade de que o indivíduo apresente comprometimento emocional, cognitivo e social. Exmplo disso são; negligência e problemas de saúde tanto por parte do indivíduo como de

seus cuidadores, pobreza, entre outros. Com relação aos fatores de proteção, Koller e Polleto (2008) utilizam-se do conceito de Rutter (1985) o qual apresenta como definição os eventos que agem de forma a modificar e melhorar as respostas individuais frente a fatores de risco, como, por exemplo, competência social, apoio social, empatia, otimismo, autoeficácia e autorregulação.

Os fatores de risco e proteção estão ligados à resiliência, pois esta se constitui de um processo que é formado em um primeiro momento pela exposição a uma situação adversa/estressante, e no reconhecimento desta como tal, a partir disso faz-se necessário a presença dos traços resilientes, os quais juntamente com o ambiente e fatores de proteção, propiciam os comportamentos resilientes. Devido a esta hierarquia de acontecimentos é importante compreender como ocorre à interação entre todos esses fatores (Windle, 2010). Mas, para investigar como se dá a relação entre os componentes e como se constituem, primeiro é preciso conhecê-los bem. Assim, para a existência de uma forma de medida é preciso reconhecer os traços comuns entre os indivíduos que apresentam resiliência. Windle (2010) afirma que para compreender resiliência é importante conhecer os fatores que antecedem a mesma, e também saber quais são as possíveis consequências da utilização desses fatores em determinada situação.

A resiliência individual é geralmente o foco das pesquisas, sendo a investigação voltada para os padrões de adaptação, superação e transformação obtidos, durante e após o evento estressor (Masten, 2011). A resiliência seria como anticorpos no sistema imunológico: com o contato com doses pequenas de bactérias (situações adversas) este vai se tornando forte e desenvolvendo capacidade para suportar alguns tipos de vírus e bactérias, de tal forma que a vacina nada mais é do que essas pequenas doses. Assim o treino para desenvolver os traços de menor intensidade faz com que em situações mais complexas apareça a resiliência.

Desse modo este trabalho foca-se no indivíduo, pois quando se trata de modificar fatores de risco para fatores de proteção, não se está mais falando de resiliência, mas sim de prevenção de riscos. Em contrapartida, quando se instrumentaliza o sujeito com base na sua capacidade, e reconhece os atributos que possui e que precisa desenvolver, promove-se resiliência.

3.2 Instrumentos para avaliação de resiliência

A avaliação de resiliência ainda é um dos aspectos que merece atenção dos pesquisadores, pois apesar do construto apresentar muitos instrumentos, não há um que possa ser considerado padrão ouro (Windle, Bennett & Noyes, 2011). Devido às discussões com relação ao construto de resiliência, se este é um fenômeno contextual ou não (Peltz, Moraes & Carlotto, 2010; Deslandes & Junqueira, 2003; Taboada, Legal & Machado, 2006), as escalas de resiliência sofrem inúmeras críticas. No entanto, estas críticas se referem ao fato de que os instrumentos, em sua maioria, afirmam avaliar o construto resiliência de forma completa, incluindo seus componentes situacionais e sociais, e o que elas avaliam é uma parcela do construto resiliência, não toda sua complexidade, que só pode ser alcançada através de diversos métodos, como aplicação de instrumentos, entrevistas e observação.

Comumente nas escalas de resiliência há a falta de algum estudo psicométrico ou os apresentados não são suficientes para uma conclusão sobre o teste utilizado. Ahern, Kiehl, Sole e Byers (2006) concluem em seu estudo que entre os instrumentos disponíveis no exterior para avaliar resiliência apenas um possui possível utilização com adolescentes, sendo este a Resilience Scale (Wagnild & Young, 1993).

Windle, Bennett e Noyes (2011) apontam Connor-Davidson Scale (CD_RISC) (Connor & Davidson, 2003), Resilience Scale for Adults (RSA) (Friborg, Hjemdsk & Martinussen, 2003) e Brief Resilience Scale (Smith & cols., 2008), como as escalas com maior número de dados psicométricos aceitáveis. No entanto, esses instrumentos não possuem os mesmos dados no Brasil.

A escala mais utilizada em pesquisas no Brasil é a Escala de Resiliência - ER, desenvolvida por Wagnild e Young (1993) e adaptada por Pesce e cols. (2005). Em busca de evidências de validade desse instrumento para o Brasil foi utilizada uma amostra conglomerada aleatória, combinada com a amostragem Sequencial de Poisson. Essa amostra foi composta por estudantes de escola pública de São Gonçalo-RJ. Foram entrevistados 485 alunos de 7ª e 8ª séries, e 512 alunos de 1º e 2º anos, ao todo a amostra contou com 997 alunos entre 12 e 19 anos, com maior número de meninas (57,7%). Para o teste-reteste foi utilizado uma amostra não probabilística, com 203 participantes. A análise de dados contou com alpha de Cronbach (0,85), o Kappa variou entre discreto e moderado, com intervalo de confiança de 95%. O valor do coeficiente de correlação interclasse, foi de 0,746, com intervalo de

confiança entre 0,624% e 0,829%.

As pesquisadoras de tal estudo encontraram correlação direta e significativa do escore da escala com autoestima, supervisão familiar, satisfação de vida e apoio social. Também identificaram correlação inversa com a escala que avalia violência psicológica. Para a análise fatorial foram utilizadas as rotações oblíqua e varimax e foram mantidos fatores que explicassem a variância total em mais de 5%. Assim, foram encontrados três fatores, os quais explicaram 32,8% da variância na rotação oblimin. Na rotação ortogonal varimax foi encontrado o mesmo número de fatores, no entanto esses explicaram 39,9% da variância. Com relação aos fatores, o primeiro permaneceu intacto nas duas análises fatoriais, entretanto o segundo e terceiro fatores mostraram-se híbridos, com isso as autoras optaram por manter três fatores. Na avaliação das variâncias as autoras perceberam que o primeiro fator teve pouca diferenciação se comparado com a escala original, sendo o segundo e terceiro fatores híbridos. Nas duas análises fatoriais rodadas (oblimin e varimax) os itens do segundo e terceiro mesclaram-se, apontando uma grande associação entre esses. De modo geral, foi obtido o primeiro fator com itens que indicam resolução de ações e valores, os quais explicaram 20,65% da variância total. O segundo fator, com itens de independência e determinação, que explicou 6,7% da variância total. Por último, o terceiro fator, explicou 5,5% da variância total dos fatores e agrupou itens que indicam auto-confiança e capacidade de adaptação a situações (Pesce e cols, 2005).

Outra escala adaptada para o Brasil por Barbosa (2006) foi originalmente desenvolvida por Reivichi e Shatté (2002), e possui 56 itens indicadores de resiliência com respostas do tipo Likert, divididos em sete fatores; cada um desses fatores é formado por oito itens, sendo metade deles negativos e metade positivos; são eles: administração das emoções, controle de impulsos, otimismo com a vida, análise do ambiente, empatia, autoeficácia e alcançar pessoas.

A amostra contou com 110 professores de quatro escolas, sem critérios de exclusão, apenas um corte de idade de no mínimo 18 anos. Entre as escolas três encontravam-se em bairros de baixo poder aquisitivo e conhecidos pela violência em uma escola de um bairro de classe média. Todas localizadas na grande ABC, São Paulo. O alpha de Cronbach foi de 0,80 (Barbosa, 2006).

Também há a Escala Connor-Davidson (CD-RISC-10), adaptada da Connor-Davidson Scale (CD-RISC-10) de Campbell-Sills e Stein (2007), a qual é uma versão resumida da Connor-Davidson Scale (CD-RISC) (Connor & Davidson, 2003). Ela foi adaptada para o Brasil

por Martins e Lopes (2011), em busca de evidências de validade. Foi utilizada uma amostra com 463 pessoas de diversas camadas da população, de ambos os sexos, com idade variando entre 18 e 68 anos. A escolaridade dos participantes oscilou entre ensino fundamental incompleto e ensino superior completo. Esta escala é composta por 10 itens que avaliam, por meio da percepção dos respondentes, a adaptação as mudanças, superação de adversidades. É auto-aplicável, os avaliados respondem uma escala de 0 a 4, na qual 0 significa *nunca é verdade* e 4 é sinônimo de *sempre é verdade*. Para calcular o resultado somam-se as respostas, sendo o menor resultado possível 0 e o maior, 40; desta forma conforme os escores vão aumentando significa maior resiliência.

Com relação à precisão, a escala obteve alpha de Cronbach 0,82. A média encontrada foi 29,07, com desvio padrão igual a 5,47. Foi realizada uma análise fatorial, a qual apontou a escala como unifatorial. A adequação de amostra verificada pelo teste Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) foi 0,89. O teste Bartlett de esfericidade foi significativo (940,981; $p < 0,001$), e o determinante da matriz de correlações foi de 0,11. Por meio da análise de variância não verificaram diferenças entre gêneros [$F(1,461) = 3,699$; $p > 0,05$], no entanto o teste de *Pearson* apontou correlação positiva entre idade e resiliência ($r = 0,10$; $p < 0,05$) (Martins & Lopes, 2011).

Por último há a Escala de Resiliência 14-item (RS-14), desenvolvida por Wagnild e Young (2010) e adaptada para o Brasil por Damásio, Borsa e Silva (2011). Esta escala é uma versão reduzida da Escala de Resiliência (Wagnild e Young, 1993) apresentada anteriormente. Os estudos de validade realizados pelos pesquisadores contaram com uma amostra de 1139 participantes, sendo 62,9% mulheres, com idade entre 14 e 59 anos, moradores da região Nordeste do Brasil. Os pesquisadores realizaram o estudo com base em duas etapas independentes. Para a primeira etapa a amostra foi composta por 629 jovens, 252 do sexo masculino, e idade entre 14 e 29 anos. Nesta fase foi solicitado aos participantes que respondessem os instrumentos em escolas e cursos pré-universitários, sendo ao todo 13 instituições públicas e particulares. A segunda etapa foi composta por uma amostra de 510 professores, 339 do sexo feminino, com idade entre 18 e 59 anos, provindos de 57 escolas públicas e privadas. Para estes participantes foi solicitado que respondessem aos instrumentos em seu local de trabalho. Todos os participantes responderam a versão brasileira da RS-14 e a Escala de Resiliência (Pesce e cols, 2006), no entanto deste segundo instrumento apenas os itens equivalentes a RS-14 foram aplicados. A RS-14 é autoaplicável, contém 14 itens que vão de 1, *discordo*

totalmente a 7 concordo totalmente.

Para realizar as análises psicométricas os pesquisadores dividiram a amostra em duas partes, em uma delas foi realizada a análise fatorial exploratória, com base nela obteve-se um fator, explicando 31,93%, e todos os 14 itens com carga fatorial acima de 0,3. O Alpha de Cronbach encontrado foi de 0,82. Também foi realizada uma análise fatorial exploratória com rotação oblíqua, obtendo dois fatores. Seguida pelo procedimento de análise paralela, o qual confirmou a melhor solução ser unifatorial fator, com apenas 13 itens, explicando 31,93%. Os itens obtiveram carga fatorial acima de 0,3. E Alpha de Cronbach de 0,83. Com a segunda parte da escala, os pesquisadores realizaram análise fatorial confirmatória, a qual obteve dados similares.

Entre as escalas existentes no Brasil apenas uma foi construída para a população brasileira, é a Escala dos Pilares da Resiliência (EPR) de Cardoso e Martins (2013), os estudos psicométricos dessa escala foram realizados a partir dos dados coletados com 833 participantes, estes possuíam idade entre 18 e 68 anos, sendo 70,5% mulheres. A escolaridade variou entre ensino fundamental e pós-graduação. A escala é composta de 90 itens, divididos em onze fatores, autoeficácia, controle emocional, autoconfiança, orientação positiva para o futuro, valores positivos, empatia, reflexão, sociabilidade, aceitação positiva de mudança, independência e bom humor. O Alpha de Cronbach dos fatores variou entre 0,71 e 0,88.

Foi realizada análise fatorial a qual identificou 11 fatores constituintes da escala, na correlação item-total, dois itens obtiveram valores abaixo de 0,30. Quando comparados os gêneros, observou-se diferença entre a pontuação em sete das 11 escalas. Com relação à idade, as faixas etárias do grupo feminino, as médias aumentaram conforme a idade.

TABELA 1: Testes de resiliência adaptados para o Brasil

Instrumento	Autor	Fatores	Itens	Alpha geral
Questionário do índice de resiliência: adultos Reivich-Shatté/Barbosa	Reivichi e Shatté (2002) adaptada por Barbosa (2006)	Sete (Administração das emoções, Controle dos impulsos, Otimismo com a vida, Análise	56	0,80

		do Ambiente, Empatia, Auto- eficácia, alcançar pessoas)		
Escala de Resiliência	Wagnild e Young (1993) adaptada por Pesce, Assis, Avanci, Santos, Malaquias e Carvalhaes (2006)	Três (Resolução de problema e valores, Independencia e determinação, Auto-confiança e capacidade de adaptação a situações)	25	0,85
Escala de Resiliência Connor- Davidson	Connor e Davidson (2003), revalidada por análise fatorial confirmatória por Campbell- Sills e Stein (2007, CD- RISC-10). Adaptada por Lopes e Martins (2011)	Unifatorial	10	0,82
Escala de Resiliência – 14	Wagnild e Young (2010) adaptada por Damásio, Borsa e Silva (2011)	Unifatorial	14	0,82

Escala Pilares da Resiliência	Cardoso e Martins (2013)	Onze (Autoeficácia, controle emocional, autoconfiança, orientação positiva para o futuro, valores positivos, empatia, reflexão, sociabilidade, aceitação positiva de mudança, independência, bom humor)	90	Precisão obtida por fatores variou entre 0,71 e 0,88
-------------------------------	--------------------------	---	----	--

Cada uma destas escalas possui fatores diferentes, mas como pode se perceber pela Tabela 1, o alpha de Cronbach não se distancia muito uma da outra, apresentando boa precisão em todas. As escalas internacionais possuem Alpha de Cronbach parecido com as brasileiras, no entanto como apontado anteriormente, ainda é necessário maiores informações psicométricas dos instrumentos para uma análise mais ampla e o estabelecimento de um padrão ouro em medidas de resiliência. Além disso, também não há um consenso em seus fatores, havendo uma incongruência, tanto no número quanto no teor dos mesmos, isso ocorre nas escalas brasileiras e nas internacionais. Essa falta de consenso ocasiona problemas com relação à diferenciação dos traços individuais, aspectos sociais e cognitivos. Todos são avaliados em conjunto e da mesma forma, constituindo fatores mais amplos para essas três categorias sem considerar suas diferenças e especificidades.

Outro fator a ser considerado é a questão de a resiliência ser um fenômeno circunstancial que depende de traços estáveis. Isto configura um desafio para o pesquisador, pois todas as escalas citadas avaliam o momento em que foi aplicada e não o momento em que a situação ocorreu. Dessa forma presume-se que a pessoa está passando pela situação adversa. É necessário dar atenção a esse aspecto nas pesquisas sobre resiliência, considerando uma alternativa viável para este dilema nas escalas.

3.3 Fatores

Como já foi apontado anteriormente a resiliência tem sido compreendida como um construto multifacetado, composto por dimensões com diferentes naturezas, algumas relacionadas às diferenças individuais. Este fenômeno é o conjunto de diversas dimensões, que inclui aspectos ambientais, sociais, culturais e as características individuais. Desta forma, pode-se considerar alguns traços estáveis como sendo fatores da resiliência. O presente estudo, a fim de construir uma escala que meça este fenômeno, baseou-se em uma extensa revisão de literatura com a intenção de encontrar os principais fatores do construto. Ao final chegou-se a quatro fatores, sendo eles: autoestima, autorregulação, autoeficácia e otimismo.

3.3.1 Autoestima

A autoestima é um fenômeno complexo, considerada a parte mais importante do auto-conceito (Cast & Burke, 2002). O construto constitui-se como uma avaliação do auto-conceito, sendo pensamento e sentimentos de si, é a avaliação que uma pessoa faz sobre si mesma (Hutz & Zanon, 2011; Bandeira & Hutz, 2010). A discussão sobre autoestima ser processo ou traço ainda é recorrente, no entanto, apesar da inconstância de sentimentos que os indivíduos experimentam, a autoestima tende a ter uma estabilidade durante a vida do indivíduo (Bandeira & Hutz, 2010).

Sujeitos com autoestima elevada tendem a superar dificuldades mais facilmente. No entanto baixa autoestima pode desencadear inúmeros transtornos mentais como depressão, ansiedade e uso de substâncias (Veselska & cols., 2009). Veselska e cols. (2009) fizeram uma pesquisa com 3694 adolescentes da Eslováquia, com o objetivo de investigar a associação entre autoestima e resiliência associados ao uso de tabaco e cannabis. Os adolescentes que participaram da pesquisa tinham entre 13 e 16 anos. Para avaliar autoestima foi utilizado o Rosenberg Self-esteem scale RSES (Rosenberg, 1965, citado por Veselska, Geckova, Orosova, Gajdosova, Dijk, Reijneveld, 2009), este possui uma escala de 4 pontos, variando 1 (*discordo plenamente*) a 4 (*concordo plenamente*). Possui itens tanto para autoestima positiva como para autoestima negativa. A Resilience Scale que conta com 33 itens, foi utilizada para medir resiliência. As

informações sobre a utilização de tabaco e cannabis foram obtidas através de perguntas fechadas.

Foi constatado que quanto maior a autoestima maior a resiliência e a resistência sobre o hábito de fumar. Por outro lado, quanto maior o índice de autoestima negativa menor a resiliência e a resistência a esse hábito em meninos (Rosenberg, 1965, citado por Veselska & cols. 2009). Com isso Jindal-Snape e Miller (2008) apontam que a autoestima e a resiliência têm sido vistas como características de indivíduos que prosperam e superam, frente à adversidade.

3.3.2 Autorregulação

A habilidade de manter o controle é chamada de autorregulação. No entanto a autorregulação possui dois domínios, o controle comportamental e o controle emocional, que envolvem atributos referentes à planejamento e considerar as alternativas e consequências a longo prazo (Wills, Pokhrel, Morehouse & Fenster, 2011). Wills e Bantum (2012) ainda acrescentam que a autorregulação exige auto-monitoramento de desempenho, pensar sobre as situações, relacionado diretamente com atitudes positivas.

Os processos psicoterapêuticos centram-se em capacitar o indivíduo a pensar sobre o evento adverso o qual está passando e controlar tanto suas emoções quanto comportamentos de modo a lidar de forma positiva com esses eventos. Gardner, Dishion e Connell (2008) argumentam que levando isso em consideração toda intervenção psicossocial tem como denominador comum a auto-regulação, apesar de diferir qual o componente desta é alvo da intervenção. Desta forma a auto-regulação pode ser considerada um fator de resiliência, mediando às ações que levam à mesma. Wills Pokhrel, Morehouse e Fenster (2011) relatam que a auto-regulação pode funcionar como agente de resiliência, pois esta só existe frente a uma situação adversa, de modo a controlar as respostas frente a essa situação.

Pessoas que utilizam estratégias de autorregulação têm propensão a ser mais competentes do que aqueles que não fazem uso dessas estratégias (Frie & Chapman, 2012), lidando melhor com situações-problema, e menos propensos a ficar emocionalmente fragilizados com eventos estressores (Wills & Bantum, 2012). Essas pessoas conseguem manter a calma e resolver seus problemas, diminuindo o impacto dos fatores de risco na sua vida. Wills e Bantum

(2012) ainda relatam que apesar da diferença na utilização da autorregulação em diversas populações, esta possui uma forte ligação com os efeitos de resiliência, o que demonstra a importância de incluí-la entre os fatores avaliados pela escala de resiliência.

3.3.3 Autoeficácia

Bandura (1977, 1989) definiu autoeficácia elevada como sendo a crença de se possuir a capacidade de alcançar o sucesso com base em ações e exercer controle nos eventos de vida, conceito este que é apoiado por diversos autores (Winsett, Stender, Gower & Burghen, 2010; Harmell, Chattillion, Roepke & Mausbach, 2011; Barreira & Nakamura, 2006). O indivíduo acredita na sua capacidade de utilizar recursos cognitivos, motivacionais, afetivos e comportamentais que são necessários para realização da atividade (Sbicigo, Teixeira, Dias & Dell'Aglio, 2012). Com base nesse conceito, constata-se que o construto autoeficácia se relaciona com resiliência, pois como apontado anteriormente, resiliência é a capacidade do indivíduo se adaptar positivamente, superar e sair transformado dos eventos adversos da vida, casando com o construto autoeficácia.

Este trabalho utiliza como conceito a autoeficácia geral, esta se refere a uma estabilidade dessa competência a qual se generaliza em diversos domínios, de forma que a pessoa avalia quando será eficaz (Sbicigo, Teixeira, Dias & Dell'Aglio, 2012). Sujeitos com autoeficácia elevada tendem a direcionar sua atenção em superar a situação vivenciada tendo como base o próprio esforço. Estes mesmos indivíduos quando fracassam, não tendem a pensarem-se como culpados e sem competência, mas persistem na atividade (Nunes, 2009). Assim, esses indivíduos não se distanciam do seu desafio, mas esforçam-se para transpô-lo. O contrário acontece com os indivíduos que se avaliam como pouco eficaz, passando pela situação-problema com níveis mais altos de ansiedade e estresse, tendo sua atenção mais focada no fracasso, pois comumente visualizam a situação como mais complexa do que é (Nunes, 2009).

A autoeficácia tende a ocasionar a persistência em atividades consideradas problema, resgate de atividades que foram frustradas para uma resolução mais satisfatória, maior investimento de esforços nessas atividades e um maior estabelecimento de metas e busca pela realização destas (Souza & Souza, 2004).

Assim, entende-se que a autoeficácia se apresenta como um fator de resiliência, conforme defendido por Reivich, Seligman e McBride (2011). Desta forma, este fenômeno será considerado na escala de resiliência proposta por este estudo, e, com base em uma revisão de literatura, este se demonstrou importante no desenvolvimento de uma conduta resiliente, predispondo a mesma. Harmell, Chattillion, Roepke e Mausbach (2011) realizaram uma revisão de estudos sobre autoeficácia e apontaram que esta como fator de resiliência, apresenta efeitos benéficos sobre marcadores clínicos de doença. Deste modo, Bandura (1989) aponta que pessoas com fortes níveis de autoeficácia experimentam menos estresse, possuem persistência para alcançar objetivos, mais uma vez reforçando o seu envolvimento no processo de resiliência.

Barreira e Nakamura (2006) afirmam que altos níveis de autoeficácia remetem a uma autoconfiança elevada, e pessoas com esses níveis se avaliarão positivamente e se perceberão mais eficazes em suas ações e funções. Pesquisas como as de Mausbach e cols. (2011) mostram a relação que esse fenômeno possui com o estresse e resiliência. Esta pesquisa consistiu em avaliar a relação que há entre autoeficácia, estresse do cuidador, e concentrações de citocina pró-inflamatória interleucina-6 (IL-6). Para isso, eles contaram com uma amostra de 62 pessoas, com mínimo de 55 anos, todos cuidadores de um cônjuge com diagnóstico de doença de Alzheimer e livres de problemas de saúde grave, como câncer. Foram usados The Role Overload scale (Pearlin, Mullan, Semple, Skaff, 1990 citado por Mausbach e cols, 2011), esta é formada por quatro itens em escala Likert em que 0 significa *nada* e 3 significa *completamente*. Para avaliar autoeficácia foi utilizada a Coping Self-Efficacy Scale (Chesney, Neilands, Chambers, Taylor, Folkman, 2006, citado por Mausbach e cols, 2011) a mesma possui 13 itens que avaliam três domínios, com base em uma escala Likert em que 0 é igual a *cannot do at all*, 5 é *moderately certain can do* e, por fim 10 significa *certain can do*.

Os resultados apresentaram que a sobrecarga de trabalho tem papel significativo com relação ao IL-6 quando a autoeficácia é baixa, mas quando esta se apresenta alta, não ocorreu relação significativa entre os dois (Mausbach e colaboradores, 2011). Isto demonstra que altos níveis de autoeficácia estão presentes quando há baixo estresse, e que ajudam a pessoa a adaptar-se a dificuldades e a superá-las implicando diretamente em resiliência.

3.3.4 Otimismo

O otimismo está ligado à maneira como se pensa sobre as causas, não apenas a pensamentos positivos (Seligman, 1995), de modo que quando se avalia otimismo deve se ter em mente como o indivíduo encara a causa da situação e não apenas se acredita que tudo dará certo. Seligman (2009) ainda refere duas instâncias no otimismo, a saber, a permanência e a penetrabilidade. A permanência relata que aqueles que desistem facilmente dos seus objetivos acreditam que a causa dos problemas são permanentes (*dietas nunca dão certo*) e aqueles que resistem ao fracasso em situações acreditam que as causas são temporárias (*o chefe está de mau-humor*). No que tange eventos positivos, a relação com o otimismo é invertida, o otimista vê a causa desses eventos como permanente (*tenho talento*) e o pessimista como temporárias (*hoje é meu dia de sorte*).

A segunda instância, a penetrabilidade, refere-se ao espaço, assim pessoas que dão explicações universais para os fracassos tendem a ser mais pessimistas (*todos os professores do mundo são injustos*) e pessoas que dão explicações específicas são mais otimistas (*este livro é inútil*). De modo geral, a dimensão permanência define por quanto tempo a pessoa se sente mal e a penetrabilidade determina se o desânimo irá se espalhar por outras situações da vida do indivíduo (Seligman, 2009).

O otimismo e pessimismo estão associados a formas diferentes de enfrentar os problemas, gerando um impacto substancial na vida das pessoas (Carver, Scheier & Segerstrom; 2010). Este impacto é propiciador de resiliência frente a situações adversas, o que é corroborado por pesquisas as quais apontam que pessoas otimistas tendem a ser mais resilientes (Segovia, Moore, Linnville, Hoyt & Hain, 2012; Chan, Lay, Wong, 2006; Rasmussen, Schier, & Greenhouse, 2009).

Segovia, Morre, Linnville, Hoyt e Hain (2012) realizaram uma pesquisa com o intuito de avaliar a relação entre otimismo e resiliência com prisioneiros de guerra repatriados que experimentaram cativeiro por um longo tempo, desnutrição e tortura tanto física quanto psicológica no Vietnã. Foram avaliados 440 repatriados no ano de 1973, os quais passaram por reavaliações psiquiátricas desde então (por 37 anos), as quais incluíram entrevista clínica, acompanhamento de sintomas e exame do estado mental segundo o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM II, DSM III e DSM IV).

Além do diagnóstico de saúde mental foi utilizado a Post

Traumatic Stress Scale. Para avaliação de traços otimistas e pessimistas foi utilizado da adaptação do Minnesota Multiphasic Personality Inventory (MMPI) Optimism-Pessimism Explanatory Style Scale (Colligan, Offord, Malinchoc, Shulman, & Seligman, 1994, citado por Segovia e cols., 2012). Para definir se os indivíduos eram resilientes, ou não, foi utilizado como critério nunca ter sido diagnosticado com algum transtorno mental. Com base em tais dados foi possível constatar que os mais otimistas eram cinco vezes mais propensos a ser resilientes, estando a resiliência intimamente ligada aos traços de personalidade presentes nos confinados. Outro fato importante constatado é que o otimismo era preditor de resiliência, mais do que o tempo ou variáveis de tortura, como confinamento solitário (Segovia, Moore, Linnville, Hoyt & Hai 2012).

Pesquisas como esta mostram que o otimismo é muito importante para o desenvolvimento de resiliência, demonstrando que o modo como otimistas e pessimistas enfrentam seus problemas difere, influenciando a forma como lidam com as situações estressantes. Assim, o otimismo apresenta-se como um fator importante de resiliência, e que deve ser avaliado em qualquer tipo de avaliação da resiliência.

4. MÉTODO

A presente pesquisa enquadra-se no grupo de estudos referente à construção de instrumentos psicológicos e busca de evidências de validade. A busca por estas evidências é importante, pois dá suporte à eficácia e utilização do instrumento em questão, a Escala de Traço Resiliente (ETR), e para interpretações dos resultados obtidos.

Para chegar ao objetivo deste estudo, a análise dos dados foi realizada de forma quantitativa, envolvendo um estudo sistemático do fenômeno definido, para desta forma, obter-se um instrumento prévio o qual foi submetido a técnicas de investigação da estrutura interna e de evidências de validade. Como ponto central desta pesquisa buscou-se identificar trações resilientes em uma amostra de adolescentes e adultos. Para chegar a tal ponto o estudo foi dividido em quatro estudos: *Estudos 1: procedimentos teóricos e construção do instrumento; Estudo 2: Verificação da dimensionalidade da ETR e de suas propriedades psicométricas; Estudo 3: busca de evidências de validade por construto relacionado; Estudo 4: Análise de correspondência de protótipos.*

Estudo 1: procedimentos teóricos e construção do instrumento

No Estudo 1 foi realizado um exaustivo levantamento teórico sobre a temática da resiliência, a fim de alcançar a saturação sobre o tema, e a partir disso foi desenvolvida uma escala seguindo os conhecimentos e princípios encontrados nessa revisão, bem como uma análise de juízes e análise semântica sobre os itens que compõem a escala.

Procedimentos

Os procedimentos da Estudo 1 seguiram o modelo proposto por Pasquali (1999), o qual é iniciado por uma análise teórica. A fase teórica é composta por seis passos: em um primeiro momento foi realizada a identificação e interesse por um fenômeno psicológico, sendo ele resiliência, também foi feita a definição deste fenômeno, que é base para o instrumento proposto, e definição constitutiva. Então realizou-se a identificação do atributo resiliência, seguida pela definição dos fatores e itens de composição da escala. Após estes procedimentos foi realizada a construção dos itens com base nos fatores pré-estabelecidos e, por fim, uma análise destes itens realizada por juízes, a qual gerou um instrumento piloto.

Elaboração dos itens

Para que os itens fossem elaborados, foi realizado um extenso levantamento bibliográfico a fim de tornar possível o reconhecimento de todos os fatores que representam o construto resiliência. A construção e elaboração desses itens tiveram como propósito cobrir todas as dimensões que compõe o fenômeno resiliência como traço. Os itens foram elaborados no formato de autorrelato.

Foram também fontes de consulta as escalas de resiliência já existentes, que possuem dados psicométricos aceitáveis: Connor-Davidson Resilience Scale (Connor & Davidson, 2003), Resilience Scale (Wagnild & Young, 1993) e a sua adaptação brasileira, a Escala de Resiliência (Pesce e cols., 2006).

Pasquali (1999) lista critérios para construção e avaliação dos itens, sendo eles:

- a) critério comportamental: o item deve transmitir a representação clara de um comportamento e não de uma abstração do fenômeno;
- b) critério de desejabilidade: os itens devem expressar desejabilidade ou preferência, não existindo respostas certas ou erradas;
- c) critério simplicidade: o item deve expressar uma ideia única;
- d) critério clareza: o item deve ser inteligível para todas as parcelas da

população a qual se propõe avaliar, tendo frases curtas e expressões simples;

e) critério de relevância: um item não deve remeter-se a um atributo diferente do estabelecido para o mesmo;

f) critério de precisão: o item deve ter um posicionamento no atributo e ser diferente dos demais itens;

g) critério de variedade: deve conter termos diferentes em cada item, e existir itens positivos e negativos;

h) critério da modalidade: não formular frases extremistas com *infinitamente, sempre, nunca*;

i) critério de tipicidade: formular itens com expressões próprias do atributo;

j) critério de credibilidade: o item deve ser formulado de forma que não pareça ridículo ou infantil;

l) critério de amplitude: o conjunto de itens deve cobrir toda a extensão do construto;

m) critério do equilíbrio: deve haver itens fáceis, médios e difíceis.

Foi realizado em seguida um teste piloto com 151 itens construídos levando em conta todos os critérios mencionados e sendo considerando que para cobrir adequadamente o fenômeno é desejável 20 itens para cada fator (Pasquali, 1999), sendo assim o número de itens produzidos superou grandemente a expectativa mínima sugerida pelo autor.

Análise de Juízes

Os itens passaram pela avaliação de um grupo de juízes. Esse estudo teve como objetivo analisar se existe uma equivalência entre o item e a representação comportamental do atributo (Pasquali, 1999). Esse estudo serviu para avaliar o nível de concordância dos juízes, pois de acordo com isso pôde-se analisar se o mesmo item refere-se a dois fatores diferentes, se a definição do item não está clara, se existiam itens os quais não pertenciam a nenhum fator, seguindo os mesmo critérios de Pasquali (1999) já apresentados anteriormente.

O grupo de juízes foi composto por cinco juízes, pesquisadores com conhecimento sobre resiliência. Foi solicitado que estes indicassem a qual fator cada item se referia. Os itens que apresentaram problemas foram reescritos ou eliminados, desta forma a escala foi reformulada chegando ao formato para coleta de dados.

Análise semântica dos itens

Como último estudo teórica de construção da escala, tem-se a

análise semântica dos itens, essa tem como princípio verificar se os itens são compreensíveis para todos os estratos culturais a que o instrumento se propõe a avaliar (Pasquali, 1999). Como objetivo esperava-se que a ETR fosse compreensível para pessoas que estivessem no mínimo cursando o ensino médio, pois os itens requerem domínio de leitura e compreensão.

Os itens construídos passaram pela avaliação de um grupo de quatro pessoas com níveis culturais variados, a escolaridade variou entre ensino fundamental completo e ensino superior completo, três participantes eram do sexo feminino, o participante mais novo possuía 17 anos e o mais velho 60 anos. Foi disponibilizado um campo ao final do instrumento para registro de observações, dúvidas e sugestões dos avaliados. A aplicação foi realizada de forma individual e foram tomados todos os cuidados e procedimentos éticos necessários para realização de pesquisas com seres humanos.

Estudo 2: Verificação da dimensionalidade da ETR e de suas propriedades psicométricas

Os estudos realizados nesse estudo envolveram a verificação da estrutura interna da Escala de Traço Resiliente, a precisão das dimensões e a avaliação detalhada de seus parâmetros psicométricos com uso de um modelo da Teoria de Resposta ao Item.

Amostra

A amostra foi por conveniência e composta por 434 sujeitos, dos quais 305 (70,6%) eram do sexo feminino, com idade entre 13 e 63 anos, média de 23,6 anos ($DP=7,4$), sendo 87,3% do estado de Santa Catarina, 82% da amostra foi formada por pessoas declaradas solteiras. Com relação à escolaridade 71,9% possuem superior incompleto, esta variou entre em ensino médio incompleto e pós-graduação completa. A coleta foi realizada em um colégio de ensino médio público localizado no Vale do Itajaí, em uma Universidade também localizada no Vale do Itajaí, nos cursos de Psicologia, Fonoaudiologia, Nutrição, Biomedicina, Administração e Cosmetologia e Estética, parte da coleta também foi realizada de forma informatizada. Sobre o formato de aplicação 78,3% ($n=340$) dos participantes participaram da coleta em papel e caneta.

O tamanho da amostra foi estimado por meio do critério *razão item/sujeito*, esse cálculo amostral é comumente utilizado quando são necessárias análises fatoriais. Para realizar a análise fatorial segundo este critério é necessário que a amostra seja composta por cinco vezes o número de itens, sendo que desenho inicial desta pesquisa foi estimado

que fossem necessários em torno de 80 itens para englobar o fenômeno, em função do número de dimensões do modelo adotado (Pasquali, 1999).

Instrumentos

No estudo 2 foi utilizada apenas a Escala de Traço Resiliente como instrumento, pois o objetivo era verificar a dimensionalidade e a estrutura interna da escala. Esta por sua vez possui uma seção com questões socioeconômicas, como idade, sexo, escolaridade e estado civil. Ao início do teste há uma pergunta sobre um evento adverso de importância na vida do sujeito avaliado e uma escala tipo Likert de 1 a 5 para avaliar a magnitude do impacto do evento para a pessoa. Um segunda parte da escala apresenta afirmativas as quais devem ser respondidas por meio de uma escala tipo Likert de 5 pontos, sendo 1 *não me identifico* e 5 *me identifico completamente*.

Procedimentos

Para a execução desta pesquisa, foi estabelecido contato com universidades, colégios de ensino médio e professores a fim de se obter colaboração para a coleta de dados. Os estudantes foram testados coletivamente em sala de aula. Foi dada uma breve explicação sobre o objetivo do trabalho e fenômeno estudado, bem como informações sobre o sigilo dos resultados, anonimato dos participantes, o caráter voluntário. Não houve nenhum tipo de pagamento pela participação e a possibilidade de abandono da mesma em qualquer etapa, bem como entregue termo de consentimento (APÊNDICE 1, 2), para que os participantes assinassem concordando com a utilização dos dados coletados. Foi oferecida, também, uma devolutiva com os resultados individuais que foram enviados por email para aqueles que assim o quisessem. Por fim, foram fornecidos exemplos de como deveria ser respondida a escala. Outra forma de coleta de dados foi informatizada, em que um link com a ETR foi disponibilizado na internet e solicitado que os voluntários respondessem a escala de forma individual.

Análise dos dados: Verificação da dimensionalidade da Escala de Traços Resiliente

Para a realização da verificação da dimensionalidade da Escala de Traços Resiliente foi realizada uma análise fatorial exploratória, mais especificamente uma análise de fatores comuns (Hair, Anderson, Tatham, & Black, 2005), a qual se difere da análise de componentes principais (PCA) por considerar apenas a variância compartilhada pelos

itens. O objetivo deste procedimento foi buscar dimensões gerais que permitissem resumir padrões de respostas encontrados em conjuntos de itens. Considerando que algumas das dimensões que foram incluídas na Escala de Traço Resiliente têm apresentado correlações em estudos já realizados por outros pesquisadores (Kim & Davis, 2009; Wills, Pokhrel, Morehouse & Fenster, 2011), foi adotado um procedimento de rotação para busca de fatores oblíquos, denominado oblimin. Deve se salientar, que antes da realização da análise fatorial para a identificação das dimensões da ETR, foi feita uma análise fatorial prévia, a qual teve como objetivo identificar as menores unidades interpretativas dos itens produzidos para permitir a eliminação de conjuntos de itens que avaliassem aspectos fora do escopo do construto proposto (tipicamente construtos relacionados). A realização de análises fatoriais sequenciais é adotada em diferentes cenários, principalmente quando se avalia construtos com modelos dimensionais muito complexos, em múltiplos níveis ou na seleção de itens de novas medidas em que se suspeita da ocorrência de itens para a mensuração de construtos relacionados (Krueger, Derringer, Markon, Watson, & Skodol, 2011; Nunes, Hutz, & Nunes, 2010).

Como critérios para a identificação do número de fatores a serem extraídos, foram utilizadas três técnicas, a saber, a realização da análise paralela, a verificação de fatores com eigenvalue acima de um (Kaiser, 1960) e a verificação da interpretabilidade dos fatores extraídos. A análise paralela é uma técnica (Horn, 1965; Lautenschlage, 1989; Velicer, Eaton & Fava, 2000; Zwick & Velicer, 1986) para identificar fatores cujos eigenvalues sejam diferentes de uma solução fatorial realizada com dados simulados aleatoriamente. A lógica por trás deste procedimento é que, para que seja justificada a extração de um fator, este deve explicar uma parcela da variância que seja diferente de uma solução aleatória, sem padrões significativos de respostas. O segundo critério adotado, proposto por Kaiser (1960) parte de um princípio básico no uso da análise fatorial e indica que fatores a serem retidos devem no mínimo apresentar uma variância explicada superior a um, que é a de uma variável após a sua padronização. Por fim, o terceiro critério envolve a verificação do conteúdo dos itens agrupados nas diferentes soluções fatoriais consideradas viáveis. O principal argumento neste procedimento é que a solução fatorial adotada tem que ter uma forte relação com as dimensões propostas teoricamente, ou seja, teoria e empiria devem convergir nesta etapa.

Após a realização dos procedimentos de análise fatorial, foi verificada a precisão dos fatores extraídos com base no Alpha de

Cronbach e foi realizada uma análise mais detalhada dos itens e fatores por meio do uso de uma análise com o modelo de Rasch, mais especificamente no modelo de respostas graduadas de Andrich (Andrich, 1988; Linacre, 2011). As análises estatísticas para este estudo foram realizadas com a ajuda do pacote estatístico STATA 12 (Statistics/Data Analysis) e Winsteps.

Estudo 3: Busca de evidências de validade por construto relacionado e convergente

O Estudo 3 consistiu na investigação de evidências de validade do instrumento construído no Estudo 1. Foram investigadas evidências de validade por construto relacionado e validade convergente (American Psychological Association, National Council on Measurement in Education, 1999) utilizando escalas feitas para avaliar construtos relacionados, como: esperança cognitiva e neuroticismo, e escalas que avaliam construtos convergentes: autoestima, autoeficácia e resiliência.

Amostra

A amostra utilizada na 3º estudo do trabalho foi a mesma utilizada no Estudo 2. No entanto, para este estudo, houve a aplicação de mais escalas a fim de se obter validade por construto relacionado e convergente. A aplicação dos instrumentos se deu com base na técnica espiralada, na qual a amostra total é dividida em parcelas e cada parcela da amostra responderá além da ETR, outro teste de construto relacionado, assim ao final das aplicações, cada sujeito respondeu a dois ou três testes, desse modo obtiveram-se dados sobre mais de um construto relacionado não ocasionando fadiga nos participantes da pesquisa. No Estudo 3 foi utilizado além da ETR, outro instrumento que avalia resiliência (n=132), bem como instrumentos que avaliem os fatores constituintes do fenômeno, como autoestima (n=194) e autoeficácia (n=135), e instrumentos que avaliem construtos relacionados, por exemplo esperança (n=131) e neuroticismo (N=63). Nas tabelas em que são apresentados os resultados das correlações, esses dados serão detalhados.

Instrumentos

Os instrumentos utilizados nesse estudo foram Escala de Autoestima de Rosenberg - EAR (Hutz & Zanon, 2011), Escala de Auto-Eficácia Geral - EAG (Pacico, Ferraz & Hutz, n/d), Escala Fatorial de Ajustamento Emocional/Neuroticismo - EFN (Hutz & Nunes, 2001), Escala de Esperança Cognitiva - EEC (Pacico, Zanon, Bastianello,

Reppold & Hutz 2013) e Escala de Resiliência - ER (Pesce e cols, 2005).

Em busca de evidências de validade foram utilizados instrumentos que avaliem os fatores de resiliência e um desses instrumentos é a Escala de Autoestima de Rosenberg (Rosenberg, 1989), adaptado por Hutz e Zanon, em 2000 (Hutz & Zanon, 2011). E essa escala é unidimensional e é formada por dez afirmações que remetem a sentimentos de autoestima e autoaceitação. A escala é de quatro pontos, variando entre concordo totalmente e discordo totalmente. O estudo original de adaptação e validação da escala não foi publicado (Hutz & Zanon, 2011).

Em 2011, foi realizado um estudo de análise fatorial com a Escala de Autoestima de Rosenberg. Esse estudo contou com 1151 estudantes do ensino fundamental, médio e superior, com idade entre 10 e 30 anos. Para análise dos dados os pesquisadores utilizaram a rotação varimax, com base nessa análise foi encontrado pelos pesquisadores índice KMO de 0,91 e o teste de esfericidade de Bartlett foi constatado como significativo ($p < 0,001$). De modo geral, os estudos realizados por Hutz e Zanon (2011) indicaram a Escala de Autoestima como unifatorial de modo que estes resultados produziram um fator com eigenvalue de 5,5 o qual explicou 54,6% da variância total. A consistência interna da escala, avaliada por meio do alpha de Cronbach foi de 0,90.

Outra escala que avalia um dos fatores de resiliência que foi utilizada é a Escala de Auto-Eficácia Geral (Pacico, Ferraz & Hutz, n/d). Os estudos em busca de evidências de validade foram realizados com base de uma amostra composta por 370 sujeitos com idades entre 17 e 60 anos; destes, 54,4% eram do sexo feminino. Com esses dados foi realizada a análise fatorial, a qual demonstrou a estrutura unidimensional da escala, sendo o coeficiente alpha 0,89. Foi realizado também teste t entre homens e mulheres, o qual constatou diferenças na autoeficácia geral. O instrumento final é composto por 20 itens, uma escala ordinal que vai de 1 a 5, sendo 1 *sempre falso* e 5 *sempre verdadeiro*.

De evidência de validade por construto relacionado foi utilizada a Escala Fatorial de Ajustamento Emocional/Neuroticismo (EFN) desenvolvida por Hutz e Nunes (2001). Esta é composta por 82 itens e quatro sub-escalas: Escala de Vulnerabilidade, 23 itens; Escala de Desajustamento Psicossocial, 14 itens; Escala de Ansiedade, 25 itens; Escala de Depressão, 20 itens. É constituída de uma escala tipo Likert que varia de 1, como *não me identifico*, a 7, *me identifico completamente*. Para avaliação das propriedades psicométricas, foi

realizada coleta de dados com 1176 universitários de ambos os sexos, sendo 33,2% do sexo masculino. Com base na análise fatorial foram identificados os quatro fatores apresentados anteriormente, o alpha de Cronbach encontrado para cada uma delas foi, respectivamente, 0,89; 0,82; 0,87 e 0,87, e um alpha de Cronbach de 0,94 para a escala geral.

Por último, foi utilizado um instrumento para avaliar um construto relacionado, a Escala de Esperança Cognitiva de Staats e Stassen (1986) adaptada por Pacico, Zanon, Bastianello, Reppold e Hutz (2013). A versão brasileira é composta por 21 itens, cinco a mais que a versão original, sendo que cada item possui duas pontuações, primeiro o sujeito indica de 0 a 5 o quanto ele quer que a afirmativa aconteça, depois indica também de 0 a 5 o quanto ele acha que a afirmativa realmente irá acontecer. A pesquisa de validação da escala contou com uma amostra de 844 estudantes de graduação de duas universidades públicas, sendo 57,4% do sexo feminino, com idade entre 17 e 36 anos, outros 60 alunos participaram de um estudo de validade qualitativa, estes com idade média de 35,6 anos e 50% do sexo masculino (Pacico, Zanon, Bastianello, Reppold e Hutz, 2013).

Os pesquisadores pretendiam, com a análise qualitativa analisar se os brasileiros identificavam esperança da mesma forma que em outros países. Nesse estudo foram encontradas cinco categorias adicionais em comparação com a escala original, são eles bom relacionamento, viajar para lugares diferente/novos, ter mais satisfação sexual, ter filhos bem sucedidos e ser capaz de ajudar as pessoas em necessidades. Com esses dados em mãos, viu-se a necessidade de incluir novos itens que integrassem estas categorias. Para os estudos de validade, os pesquisadores realizaram análise fatorial com base na rotação oblimin, sendo que os índices KMO e Bartlett favoráveis à realização da análise fatorial. A análise fatorial apontou a extração de dois fatores, sendo essa a solução mais adequada, os itens obtiveram carga fatorial entre 0,30 e 0,88 e a correlação entre os dois fatores foi de 0,56, com um *Alpha de Cronbach* de 0,89.

Por fim, a Escala de Resiliência (Pesce e cols., 2005), apresentada anteriormente, foi desenvolvida por Wagnild e Young em 1993 e adaptada por Pesca e colaboradores (2005). Sua adaptação e validação no Brasil foi feita com 997 alunos entre 12 e 19 anos, sendo 57,7%, o Alpha de Cronbach encontrado foi de 0,85. Ao final foi realizada análise fatorial, a qual encontrou três fatores, diferente da escala original a qual é composta por dois fatores. Os três fatores encontrados na versão brasileira da ER foram respectivamente, resolução de ações e valores, que explica 20,65% da variância total. O

segundo fator, refere-se a independência e determinação, que explicou 6,7% da variância total e por último, o terceiro fator, agrupou itens que remetem a autoconfiança e capacidade de adaptação a situações, e explicou 5,5% da variância total dos fatores (Pesce e cols, 2005).

Verificação da validade convergente e por construtos relacionados

Para verificação da validade convergente e por construtos relacionados foram aplicadas escalas de construtos diferentes de resiliência. Neste tipo de evidência de validade é utilizado um teste que avalia um construto diferente do instrumento que está em processo de validação, mas que deve possuir correlações moderadas com o mesmo. Esses instrumentos relacionados foram escolhidos com base em um rastreio na literatura (Primi, Muniz & Nunes, 2009). Os instrumentos utilizados para validade por construto relacionado podem ser com base em um construto relacionado convergente ou divergente, sendo esperadas correlações positivas ou negativas.

Assim, foi realizada a correlação dos fatores extraídos no estudo anterior com as dimensões das escalas supracitadas para o estudo de evidências de validade por construto relacionado e construto convergente. Esse estudo se deu com base na técnica de aplicação espiralada, na qual cada parcela da amostra respondeu um dos testes citados (Escala de Esperança Cognitiva, Pacico, Zanon, Bastianello, Reppold & Hutz, 2013; Escala Fatorial de Ajustamento Emocional/Neuroticismo, Hutz & Nunes, 2001; Escala de Resiliência, Pesca & cols., 2006; Escala de Auto-Eficácia Geral, Pacico, Ferraz & Hutz, n/d ; Escala de Autoestima de Rosenberg, Hutz e Zanon 2011) e a Escala de Traço Resiliente. As análises estatísticas foram realizadas por meio do pacote estatístico STATA 12 (Statistics/Data Analysis), Winsteps.

Estudo 4: Análise de correspondência de protótipos

O estudo 4 vem complementar as evidências de validade da ETR pela verificação de evidência de validade de critério. Para tanto foi realizada a análise de correspondência de protótipos, na qual é realizada um índice de similaridade de perfis. Nesse processo analítico, os resultados do teste em validação são usados como preditores de um índice de proximidade de um protótipo deduzido teórica e empiricamente relacionado (Carvalho, 2011). Para a realização do estudo da correspondência entre os resultados da ETR com o índice de proximidade do protótipo resiliente, este protótipo foi desenvolvido a

partir dos resultados esperados nas escalas utilizadas no estudo de validade convergente e de construtos relacionados.

Amostra

A amostra utilizada no estudo quatro do trabalho foi composta pela mesma amostra dos estudos 2 e 3 no entanto para o estudo 4 foi realizada uma seleção dentre os 434 participantes, que tinha como critério ter respondido aos quatro fatores da EFN ou ao menos três fatores dos instrumentos aplicados no estudo 3 (ER, Escala de autoestima de Rosenberg, Escala de Autoeficácia Geral e Escala de Esperança Cognitiva). Esse estudo contou ao total com uma amostra composta por 152 pessoas que atenderam a este critério, sendo 63 respondentes da EFN e 89 dos outros instrumentos. Entre os participantes que apresentavam os critérios 128 eram mulheres, 84,2%, entre os respondentes da EFN as mulheres era 88,8%, entre os respondentes das outras medidas as mulheres representaram 81,8%. A idade variou entre 18 e 63, sendo para os respondentes da EFN entre 19 e 53. Com relação a escolaridade todos os respondentes possuem ensino superior incompleto.

Instrumentos

Entre os instrumentos utilizados nesse estudo encontra-se a ETR, que foi construída está em busca de evidências favoráveis de validade, como objetivo dessa dissertação, além dos instrumentos de construto convergente e relacionado: Escala de Autoestima de Rosenberg, Escala de Autoeficácia Geral, Escala de Esperança Cognitiva e Escala Fatorial de Neuroticismo/Ajustamento Emocional, já descritos anteriormente no Estudo 3.

Procedimentos

Os procedimentos realizados no Estudo 4 foram os mesmo efetuados nos estudos 2 e 3, portanto já foram detalhados anteriormente.

Análise de dados

Para análise de dados foi realizada a análise de correspondência de protótipos, ela se baseia em uma correlação de perfil intraindividual com os perfis prototípicos estabelecidos para cada construto das escalas utilizadas como construto convergente e relacionados. Isso quer dizer, é realizada uma padronização nos escores dos instrumentos aplicados com um padrão esperado pela literatura para esses construtos em uma pessoa considerada resiliente. Essas correlações entre o protótipo e o perfil

esperado da pessoa, indicam semelhança entre o perfil da pessoa e o perfil típico alguém resiliente (prototípico) (Carvalho, 2011). A correlação entre o perfil apresentado por indivíduo a partir de seus escores nas medidas consideradas e o protótipo, no caso de uma pessoa resiliente, indica o nível de proximidade entre estes. Uma correlação próxima de +1 indica que o indivíduo apresenta um padrão de resultados que combina muito com os resultados do protótipo. Uma correlação próxima de -1 indica que a pessoa se afasta completamente do protótipo, tendo assim resultados elevados em medidas que se esperavam resultados baixos e o oposto.

Para chegar a essa análise de correspondência de protótipos foi utilizada padronização de escores, análise de correlação e regressão, a fim de identificar se há similaridade entre o perfil típico e protótipo. Essas análises estatísticas foram realizadas através do pacote estatístico STATA 12 (Statistics/Data Analysis).

Esta pesquisa respeitou todos os aspectos referentes a pesquisas com seres humanos, conforme o Conselho Nacional (196/96), sendo encaminhado o projeto também para o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPSH) da Universidade Federal de Santa Catarina. O projeto foi aprovado pelo CEPSH-UFSC, parecer 358.021. (ANEXO 1)

5. RESULTADOS

Esta seção apresenta os resultados obtidos e as análises realizadas, a fim de alcançar os objetivos propostos anteriormente. Para tanto, foi dividido em duas partes sendo uma os aspectos qualitativos e outra contendo os aspectos quantitativos pertinentes às análises. Os resultados qualitativos correspondem respectivamente à criação e estruturação do instrumento, análise de juízes, estudo piloto e formatação da escala. Os resultados quantitativos serão apresentados na ordem em que foram realizados, seguindo os passos Análises dos Componentes Principais, a partir de Análise Fatorial. A Precisão foi avaliada por meio do Alpha de Cronbach. A escala também foi analisada com base na Teoria de Resposta ao Item (TRI), seguindo o modelo de Rasch. Para avaliação de ajuste dos itens (infit e outfit), foram analisados os Mapas de Item de cada fator com o objetivo de compreender a extensão do construto a qual a escala avalia. Por último, foram realizados estudos visando buscar evidências de validade por

construto convergente e relacionado e, para tanto, foram realizados análises de correlação.

5.1 Aspectos Qualitativos

O objetivo desta pesquisa foi à construção de um instrumento para mensuração de resiliência. Para cumprimento deste, inicialmente foi realizado uma revisão de literatura para compreender a constituição deste fenômeno e, em seguida, a construção dos itens a partir das definições constitutivas produzidas. Neste procedimento encontrou-se quatro fatores, a saber, autoestima, otimismo, autorregulação e autoeficácia. Tais fatores foram definidos principalmente a partir dos trabalhos de Seligman (1995, 2000, 2009), Rutter (1985, 1999, 2007), Grotberg (2003, 2001, 2005) e Masten (2011). No entanto, a resiliência apresenta uma peculiaridade: ela possui características circunstanciais, facilitadas por componentes estáveis (Grotberg, 2005). Assim, para avaliar adequadamente o construto se necessita de um formato diferenciado para a escala, que permita avaliar o momento em que o sujeito vivenciou a situação estressante, e também, itens que avaliassem de forma geral como o sujeito se posiciona atualmente após a situação.

Desse modo foram construídos 151 itens para os quatro fatores encontrados durante a revisão de literatura, incluindo as duas subescalas, sendo que 40 foram criados para avaliar autoestima, 34 otimismo, 41 autorregulação e 37 autoeficácia. Tais itens foram desenvolvidos com base nos estudos de Bandura (1989, 1977), Seligman (2009), Bandeira e Hutz (2010), Cast e Burke (2002), Zanon e Hutz (2011), Wills, Pokhrel, Morehouse e Fenster (2011), Wills e Bantum (2012), Pacico, Ferraz e Hutz (n/d) e Mausbach e cols (2011).

Os itens foram enviados para a avaliação de cinco juízes com conhecimento em psicologia e psicologia positiva, juntamente com uma definição constitutiva de cada fator e de resiliência, para que esses avaliassem a construção do item e com base na descrição de cada fator designassem a qual fator cada item pertenceria. Após esta análise alguns itens foram modificados e outros excluídos, restando 141 itens ao todo.

Após a análise de juízes, partiu-se para o estudo piloto onde foi realizada a análise semântica. O grupo piloto contou com quatro participantes de diferentes idades e níveis educacionais. Com base nos dados coletados nesta fase optou-se por separar as duas subescalas, de modo a evitar confusão nas respostas do sujeito. Assim a versão final da ETR para coleta foi composta por uma sessão inicial com algumas

perguntas abertas que eram realizadas antes das afirmativas. Dentre essas questões pedia-se que o participante citasse qual a situação mais difícil que ele vivenciou e, com base nessa situação, respondesse à primeira subescala. Outras questões que compunham essa sessão eram; quão importante foi essa situação na sua vida; há quanto tempo ela aconteceu; quão bem lidou com ela e o que ela trouxe de mudança em sua vida.

Com relação às afirmativas, a estrutura da escala passou a contar com duas subescalas, primeira refere-se a situação adversa que o sujeito passou, contendo ao todo 40 itens divididos em autoestima (12 itens), autorregulação (10 itens), otimismo (6 itens) e autoeficácia (12 itens), e a segunda subescala refere-se ao momento atual que o sujeito vivência, de forma geral como ele se sente, se comporta, sendo esta composta por 101 itens divididos em autoestima (24 itens), autorregulação (30 itens), otimismo (25 itens) e autoeficácia (22 itens). Sendo ao todo mais de 20 itens por fator, como aponta Pasquali (2011)

5.2 Aspectos Quantitativos

5.2.1 Análise Fatorial

5.2.1.1 Análise Fatorial primeira subescala da ETR

Visando identificar as dimensões empiricamente recuperáveis da primeira subescala da ETR optou-se por realizar a análise de fatores comuns. Para tanto, o pacote estatístico Stata 12 (StataCorp, 2011) foi utilizado para a realização de tal análise e, tendo como princípio a ideia de fatores correlacionados, optou-se por procedimento para rotação oblímin, com o emprego da normalização de Kaiser. Inicialmente foi feita a verificação do índice de adequação da amostra Kaiser-Meyer-Olkin (KMO), que teve um resultado de 0,89, o qual indicou a possibilidade de realização da análise fatorial.

Para a verificação do número de fatores a serem extraídos foram utilizados dois critérios, a saber: a) extração de fatores cujos eigenvalues eram superiores a um (Kaiser, 1960); e b) realização de uma análise paralela para a identificação de quantos fatores apresentavam eigenvalues superiores ao de soluções fatoriais realizadas sobre respostas simuladas de forma aleatória (Hayton, Allen & Scarpello, 2004). A lógica subjacente à análise paralela é que para que seja considerada justificável a extração de um dado número de fatores os

seus eigenvalues devem ser superiores aos de uma solução realizada a partir de respostas simuladas randomicamente de tal forma que os itens não apresentem correlações significativas. Tipicamente, a análise paralela é feita com um número relativamente elevado de matrizes de respostas simuladas. Na análise realizada foi feita a simulação de 100 conjuntos de respostas aleatórias para os itens da primeira subescala que seriam avaliados. Os eigenvalues reais e simulados obtidos são apresentados no gráfico de sedimentação (FIGURA 1).

A partir dos dados obtidos, se encontrou três fatores com eigenvalues com valores maiores que um (regra de Kaiser), esses mesmos três fatores foram encontrados a partir da análise paralela. Os fatores passíveis de extração foram rotacionados pelo método direct oblimin. Estes três fatores possuíam eigenvalues iguais a 9,10; 2,64 e 1,43 respectivamente. As variâncias explicadas foram de 7,23; 4,94 e 4,44, respectivamente, como foram realizadas a partir de rotação oblíqua, as variâncias explicadas não puderam ser somadas.

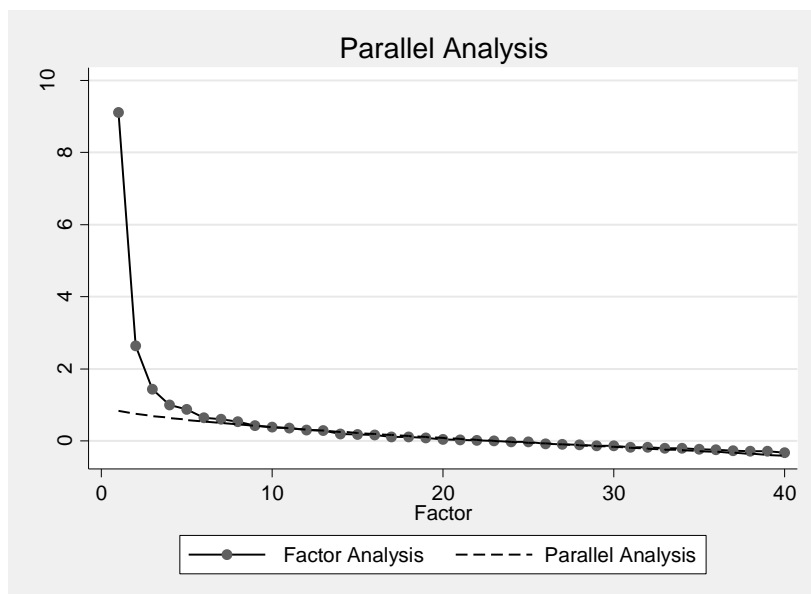


FIGURA 1: Gráfico de sedimentação para análise dos dados observados e simulados da primeira subescala da ETR

A partir desse método considerou-se a extração de três fatores, com isso foi analisado a carga fatorial de cada item e, teoricamente, o teor desses fatores em busca de compreensão do que cada um estaria

representando. Nessa solução fatorial constatou-se que cada fator estava avaliando as seguintes características: autoavaliação positiva, autoavaliação negativa e controle emocional e cognitivo, fatores estes que não correspondiam com o modelo teórico adotado.

Diante da impossibilidade de interpretar os três fatores extraídos à luz da teoria. Foi verificada, ainda, a solução fatorial com dois fatores, mas percebeu-se, novamente, falta de coerência entre os itens. No primeiro fator foram agrupados todos os itens positivos, e no segundo fator, os itens invertidos. Constatou-se, assim, que mais uma vez os fatores extraídos não se assemelhavam ao modelo teórico proposto.

Como as análises realizadas com a extração de dois e três fatores não apresentaram estreita relação com o modelo teórico, impedindo assim a sua interpretabilidade, foi verificada, por fim, uma solução unifatorial. Esta tentativa foi justificada pela existência de vários instrumentos para avaliação da resiliência que também adotaram tal solução (Campbell-Sills e Stein, 2007; Damásio, Borsa & Silva, 2011) e, também, pela hipótese de que nesta parte da ETR haveria um baixo número de itens para a avaliação de cada um dos fatores os quais se pretendia avaliar, o que pode ter inviabilizado a sua diferenciação na AF. Assim, foi rodada análise fatorial com o intuito de avaliar modelo como unifatorial, visto que modelos com mais de um fator não apresentaram coerência teórica. Esta foi a solução encontrada para a primeira parte da ETR que mais se adequou a teoria, e avalia o fenômeno resiliência de forma mais congruente. O formato final da primeira subescala é composto por 33 itens com carga fatorial com valores absolutos entre 0,72 e 0,31. Esta solução apresentou KMO=0,90, *eigenvalue* igual a 8,81 para o único fator, o que teve variância explicada de 62%.

Tabela 2 – Matriz de componentes obtidos na análise fatorial primeira subescala da ETR

Itens	Adaptação
Apto a passar pelo problema	0.72
Superação	0.69
Visualizar qualidades	0.65
Crença na competência	0.64
Lidou bem com problema	0.63
Confiança	0.62
Inteligência	0.59
Crença para alcançar objetivos	0.59

Reconhecimento da competência	0.57
Crença na capacidade superação	-0.57
Fé na superação	0.57
Enfrentar ansiedade	0.56
Incapacidade	-0.55
Superar	0.55
Talento	0.51
Persistência em buscar solução	0.51
Satisfação no enfrentamento	0.48
Dedicação para resultado	0.47
Bem sucedida	0.47
Planejamento	0.47
Inutilidade	-0.46
Pensar coisa positivas	0.46
Não ver qualidades	-0.46
Inapto	-0.45
Desistência por falta de capacidade	-0.45
Ordenar dificuldade	0.40
Temporalidade	0.39
Acabaria logo o problema	0.38
Incapacidade para resolução	-0.38
Sem inteligência	-0.38
Persistência	0.36
Reconhecimento de valor	-0.34
Falta de calma	-0.31

Por fim foi realizado estudos de precisão e esta subescala alcançou Alpha de Cronbach de 0,91, o que é considerado um valor elevado para um instrumento psicológico (Pasquali, 2011) e que, de certa forma, corrobora com a hipótese de unidimensionalidade pela grande correlação entre seus itens. Ao agrupar os itens percebeu-se que a primeira subescala avalia a etapa de adaptação do fenômeno resiliência, onde a pessoa que passa pela situação de crise esta identificando e se adequando a situação e que, assim, os escores nessa subescala podem ser medianos, pelo fato da pessoa ter que identificar a situação como adversa.

5.2.1.2 Análise Fatorial segunda subescala da ETR

Para a segunda subescala da ETR foi realizada uma nova análise fatorial para identificar as dimensões desta subescala e feita rotação oblíqua, próprio para a identificação de fatores correlacionados. Para a realização desses procedimentos, foi feita a normalização por meio do valor do coeficiente Kaiser-Meyer-Olkin ($KMO=0,90$) que indicou a viabilidade da realização da análise fatorial em função de uma elevada correlação entre as variáveis analisadas. Inicialmente foi verificado o gráfico de sedimentação (FIGURA 2) a partir do qual as soluções de três, quatro e cinco fatores mostraram-se viáveis de acordo com a proposta de Cattell (1966). Tais soluções foram examinadas à luz do modelo conceitual proposto, mas não foi possível identificar claramente os conteúdos dos fatores extraídos. Ao analisar a solução proposta foi verificado que não era interpretável, os itens encontravam-se agrupados sem coerência teórica, não sendo possível a avaliação da resiliência a partir de tal agrupamento.

Diante da impossibilidade de explicar conceitualmente os fatores extraídos originalmente, foi adotada uma estratégia analítica para a identificação dos menores conjuntos de variáveis interpretáveis advindos da análise fatorial. A ideia básica desta estratégia é extrair o maior número de fatores possíveis, utilizando para tanto regras reconhecidas para a identificação do número de dimensões fatoráveis. Na sequência é feita uma avaliação conceitual dos conteúdos de cada fator e é verificada a relevância e pertinência dos mesmos para o construto a ser mensurado. Nesta etapa, quando são identificados fatores que vão além do escopo do construto, estes itens são eliminados com o objetivo de permitir uma mensuração mais pertinente do mesmo. Este procedimento elimina uma fonte de variância irrelevante para a medida. Ele justifica-se pelo fato de que na criação de instrumentos de medidas, principalmente de construtos “novos” ou com modelos ainda em discussão, é relativamente frequente a inclusão de itens que avaliam construtos relacionados, mas que não são propriamente o que se busca mensurar. A identificação e eliminação de tais agrupamentos de itens representa uma melhoria para o instrumento de medida e minimiza o efeito do que Messick (1995) denomina de variância confiável de construto irrelevante.

Para a realização da análise paralela da segunda subescala da ETR, foi feita a simulação de 100 conjuntos de respostas aleatórias para os itens avaliados. A figura 2 apresenta o gráfico de sedimentação (FIGURA 2) que inclui os eigenvalues reais e os simulados.

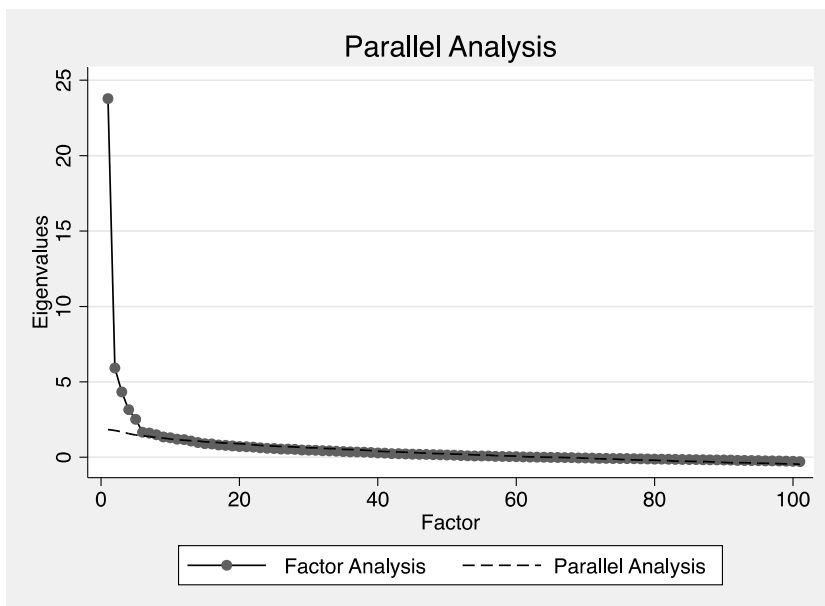


Figura 2: Gráfico de sedimentação para análise dos dados observados e simulados da segunda subescala da ETR

A partir do uso dos dois critérios, foram identificados 13 fatores com eigenvalues superiores a um e oito fatores cujos eigenvalues eram superiores aos extraídos na análise paralela. Diante de tais resultados, foram extraídos oito fatores, os quais foram rotacionados pelo método direct oblimin. Os fatores apresentaram eigenvalues de 23,78; 5,91; 4,33; 3,15; 2,51; 1,65; 1,60 e 1,49 respectivamente. Como a rotação solicitada foi oblíqua, não é possível somar as variâncias explicadas por cada fator, as quais foram de 15,05; 12,88; 9,76; 9,23; 7,97; 7,86; 5,34 e 2,99.

Foram analisados os fatores encontrados e, então, se buscou uma definição desses agrupamentos, de forma que fosse identificado o que cada fator estava avaliando. Dessa forma, chegou-se aos seguintes fatores: autoavaliação, persistência para realizar/resolver atividades, pessimismo, crença na sua capacidade de resolução de problemas, controle, baixa tolerância a frustração, autoconfiança e por último um fator considerado aquiescência por não existir coesão entre os itens agrupados, este último agrupou itens que não possuíam coesão teórica, desta forma optou-se pela exclusão deste último fator considerado, fator com itens excedentes.

Foi analisada a carga fatorial de cada item. Nesta análise, os

itens com carga fatorial abaixo de 0,30 e teoricamente inconsistentes, foram excluídos da escala. Neste processo foram excluídos ao todo 25 itens; destes, 14 itens foram excluídos por carga fatorial abaixo de 0,30 e seis itens foram excluídos por concluir-se não estarem avaliando de forma adequada resiliência, estes formavam o fator com itens excedentes, descrito anteriormente.

Por fim foi realizada, novamente, análise fatorial com rotação oblíqua, desta vez para extração de quatro fatores, com o intuito de identificar se estes se agrupam de acordo com o modelo teórico proposto. Dessa análise fatorial foram extraídos quatro fatores os quais corroboram com a teoria de embasamento. De acordo com os critérios adotados para exclusão de itens, os itens com carga fatorial abaixo de 0,30 e aqueles com carga fatorial em mais de um fator, foram excluídos. Isso totalizou 10 itens, 6 por possuírem carga fatorial em dois ou mais fatores e quatro por apresentarem carga fatorial abaixo de 0,30.

Após esse procedimento foi rodada uma última análise fatorial com os itens que sobraram. A tabela 3 apresenta distribuição dos itens por fator e suas respectivas cargas fatoriais. Esta análise fatorial apresentou KMO=0,92, eigenvalues de 18,38; 4,35; 3,4 e 2,72, correspondendo aos quatro fatores assumidos. As variâncias foram 15,46; 10,48; 7,23; 7,0 de modo que devido a rotação oblíqua as variâncias explicadas não podem ser somadas.

TABELA 3: Matriz de componentes obtidos na análise fatorial segunda subescala da ETR

Item	AES	AEF	O	AR
Qualidades	0.75			
Competência para atingir objetivos	0.70			
Competência	0.70			
Inteligência	0.65			
Valor com relação aos outros	0.65			
Responsável por coisas boas	0.65			
Crença no sucesso	0.64			
Confiança na superação	0.64			
Pessoa boa	0.63			
Eventos bons pelo talento	0.62			
Confiança em si	0.61			
Crença em si	0.60			
Outros gostam	0.60			
Superar qualquer coisa	0.58			

Competência na adversidade	0.57	
Superar problemas	0.56	
Confiança na dificuldade	0.56	
Valor independente da situação	0.56	
Esforço para coisas boas	0.55	
Tanto valor quanto outros	0.55	
Mérito da superação	0.54	
Alcançar objetivos	0.54	
Suportar dificuldades	0.54	
Resolver problemas	0.53	
Inteligência para solucionar problemas	0.53	
Capacidade de resolver problemas	0.53	
Acertar nas escolhas	0.52	
Conseguir resolver problemas	0.49	
Satisfação consigo	0.47	
Bem-estar com suas ações	0.42	
Pensar coisas boas	0.37	
Não ter orgulho de si	-0.34	
Crença de adaptação	0.29	
Desistir de atividades		0.83
Persistência até terminar		-0.70
Terminar o que começa		-0.68
Desiste facilmente		0.66
Desistir se não vê resultados		0.65
Desistir no início		0.64
Abandona planos		0.57
Traçar objetivos e dedicação	0.32	-0.54
Crença de não conseguir resolver problemas		0.54
Persistir	0.32	-0.49
Desistência de atividades		0.46
Metas a longo prazo		-0.40
Permanecia do humor		0.31
Toda a vida ruim		0,73
Angustiado		0,68
Não vai acabar		0,68
Frustração		0,67
Toda vida atingida		0,61
Insegurança		0,55
Frustrado		0,54

Coisas ruins frequentemente	0,51	
Repassar momentos tristes	0,49	
Incompetente	0,47	
Questionar qualidades	0,41	
Momentos bons breves	0,37	
Pensar nas ações		0.73
Paciência		0.68
Manter a calma		0.65
Paciência para resolver situações		0.65
Alternativas antes de agir		0.61
Não perder a calma		0.58
Planejamento frente problemas		0.56
Sem calma em dificuldades	0.36	0.52
Agir sem pensar		0.47
Esforço para acalmar		0.45
Planejamento para resolver problemas		0.44

Em seguida, foi estimado o Alpha de Cronbach para avaliar a precisão de cada fator. Para o primeiro fator foi necessário excluir um item por conter correlação item total baixa, o fator obteve 0,95 de precisão. O segundo fator teve alpha de Cronbach de 0,87. Para o terceiro fator foi necessário excluir um item também, e ao final ele obteve índice de 0,85. Por último o quarto fator obteve uma precisão de 0,85.

Ao final da segunda subescala da ETR produziu quatro fatores, que avaliam autoestima, autoeficácia, otimismo e autorregulação, com um total de 60 itens, o primeiro fator correspondente à autoestima, contando com 33 itens, sendo este o fator mais robusto desta subescala. O fator correspondente à autoeficácia foi o segundo fator com 13 itens. Os itens que correspondem a otimismo se agruparam no terceiro fator, sendo eles 12 itens. E por último os itens que avaliam autorregulação, são equivalentes ao quarto fator, com 11 itens. Os quatro fatores esperados teoricamente foram encontrados, apesar itens criados inicialmente para avaliar um fator apresentarem carga fatorial em outros fatores. Ainda assim teoricamente confirmou-se consistência em sua avaliação, corroborando a análise fatorial, de forma que os fatores inicialmente pensados possam ser avaliados.

Esta segunda subescala da ETR avaliou o participante de forma geral e o momento após a situação de crise. Os itens que compõe essa

subescala foram escritos com o intuito de realizar uma avaliação global de como o indivíduo enfrenta situações adversas, e não um momento específico de sua história. Dessa forma ela se propõe a avaliar a superação e transformação que segue a situação adversa. Como a pessoa pensa sobre a crise vivida e sua ressignificação, fortalecimento após ela.

5.2.2 Verificação das propriedades psicométricas da ETR com o uso do modelo de Rasch

5.2.2.1 Análise do modelo de Rasch da primeira subescala da ETR

Seguindo as análises para avaliar as propriedades psicométricas da ETR, foram utilizados procedimentos a partir do modelo de Rasch, a qual faz parte da TRI. Foram realizadas análises de infit e outfit para avaliação de ajuste de itens, correlação item-theta, desordem das categorias dos itens e análise do mapa de itens. Os preceitos da teoria de resposta ao item exigem a unidimensionalidade da escala. Desse modo, foram avaliadas as subescalas da ETR (adaptação e superação/transformação) de forma separada, e cada fator da segunda subescala (superação/transformação) também foi analisado em separado.

Inicialmente foi avaliado o indicador de infit dos itens, qual representa a ocorrência de respostas inesperadas de pessoas que têm um theta (nível de resiliência), igual ou próximo à dificuldade do item. Foi, ainda, avaliado o outfit, sendo que este indicador reflete a ocorrência de respostas inesperadas para pessoas com theta muito diferente da dificuldade do item. Em seguida, a correlação item-theta, a qual indica a correlação entre o item e a variável latente sendo assim um indicador de sua relevância na escala. Foi, ainda, avaliada a ocorrência da desordem nas categorias dos itens, que é relevante para a identificação dos seguintes aspectos: (a.) o uso de rótulos não ordinais na escala adotada; (b.) itens com problemas em sua redação que gerem uma avaliação não ordinal dos pontos da escala e (c.) a baixa frequência de uso de algumas das categorias. Por fim, foi feito o mapa de itens para cada uma das dimensões avaliadas na primeira parte da ETR e para a sua segunda parte. O mapa de itens é útil para a identificação de áreas de theta que ou são avaliadas por um número excessivo ou por um número insuficiente de itens. Assim, serve como fonte de informação para o planejamento de novos itens uma versão revisada de medidas ou para a identificação de possíveis itens a serem eliminados para produção de

versões reduzidas das mesmas (Linacre, 2011).

Os resultados obtidos com essas análises foram usados como critérios para a seleção de itens. Primeiramente foram realizados os procedimentos para a subescala adaptação. Com base na tabela 4, pode-se observar o infit, outfit e a correlação item-theta.

Tabela 4: Itens da subescala adaptação ordenados a partir do infit e outfit

Itens	Infit	Outfit	Item-theta	Conteúdo dos itens
3	1,35	1,46	0,38	Incapacidade para resolução
16	1,36	1,46	0,36	Reconhecimento do valor
15	1,25	1,35	0,36	Persistência
26	1,26	1,34	0,34	Falta de calma
24	1,32	1,25	0,42	Desistência por falta de capacidade
29	1,31	1,31	0,43	Temporalidade
4	1,30	1,29	0,45	Inutilidade
27	1,21	1,27	0,37	Sem inteligência
37	1,22	1,25	0,40	Acabaria logo o problema
21	1,19	1,22	0,47	Não ver qualidades
39	1,11	1,17	0,44	Inapto
38	1,08	1,14	0,48	Planejamento
2	1,04	1,11	0,46	Bem sucedida
34	1,08	1,09	0,46	Pensar coisa positivas
28	1,04	1,07	0,43	Ordenar dificuldade
18	1,02	1,05	0,54	Incapacidade
19	0,99	1,02	0,52	Crença na capacidade superação
11	1,01	1,02	0,47	Dedicação para resultado
20	1,01	0,98	0,48	Satisfação no enfrentamento
40	0,98	0,93	0,52	Persistência em buscar solução
7	0,93	0,91	0,54	Superar
5	0,90	0,88	0,53	Fé na superação
33	0,87	0,89	0,53	Enfrentar ansiedade
10	0,87	0,85	0,53	Talento
6	0,86	0,85	0,60	Crença na competência

30	0,79	0,83	0,55	Reconhecimento da competência
9	0,83	0,81	0,63	Visualizar qualidades
23	0,82	0,81	0,58	Crença para alcançar objetivos
8	0,75	0,75	0,61	Lidou bem com problema
25	0,75	0,75	0,57	Confiança
12	0,73	0,75	0,57	Inteligência
32	0,67	0,66	0,64	Superação
36	0,62	0,61	0,66	Apto a passar pelo problema
Média	1,02	1,03		
Desvio Padrão	0,21	0,23		

Os critérios adotados para a seleção dos itens foram os apresentados pelos autores do pacote Wisteps (Linacre & Wright, 1991). Os valores do infit e outfit não devem passar de 1,5 para o item ser aceito na escala; caso o valor seja superior, recomenda-se a exclusão do item. Já na correlação item-theta o item deve obter valores superiores a 0,30, caso o item obtenha um valor item-theta inferior a esse valor, este será eliminado da escala. Assim, é possível verificar que o infit mais elevado foi 1,35 e o menor foi de 0,62, e o outfit variou entre 1,46 e 0,61, já a correlação item-theta ficou entre 0,34 e 0,66. Com relação ao infit, outfit e correlação item-theta, todos os valores encontraram-se dentro dos parâmetros esperados de 1,5 para infit e outfit e 0,30 para item-theta. A desordem nas categorias dos itens, sendo observada em três itens. No entanto, a desordem (APÊNDICE 3) apresentada é em apenas um dos níveis da escala, e o número de casos encontrados em cada categoria em desordem são baixos se comparados ao ordenamento correto. Dessa forma optou-se por não excluir nenhum item. Como passo seguinte foi analisado o Mapa de Itens (FIGURA 3).

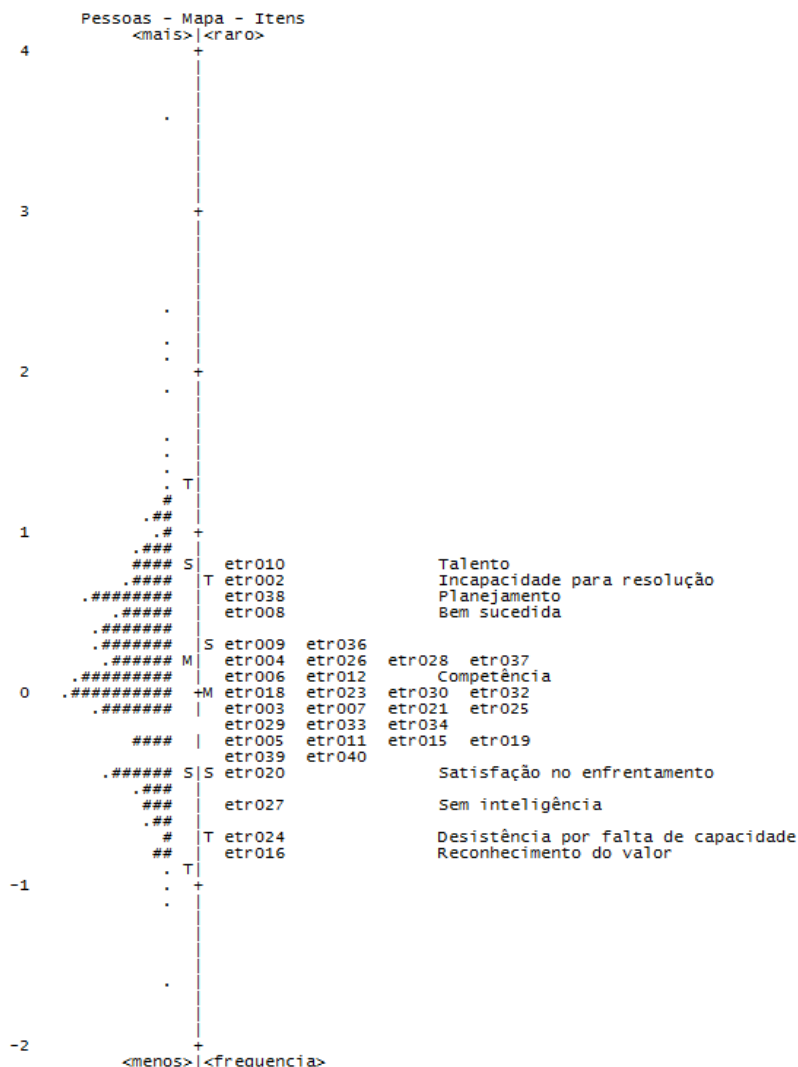


FIGURA 3: Mapa de Itens subescala Adaptação

Para melhor compreensão do mapa de itens será descrito o que significam os símbolos apresentados, nele são apresentados à habilidade das pessoas (à esquerda) e a dificuldade do item (à direita). O símbolo “#” significa 3 pessoas, e “.” significa, 1 ou 2 pessoas. “M” corresponde a média, “S” identifica 1 desvio padrão e “T” equivale a 2 desvios padrões.

O Mapa de itens torna-se uma ferramenta eficaz para analisar uma escala psicológica, pois este permite ver a amplitude da dificuldade dos itens, bem como o theta da amostra pesquisada. Sendo assim pode se perceber a distribuição dos itens por nível de dificuldade (Linacre, 2011)

Observando o mapa de itens, nota-se que a dificuldade do teste esteve entre -1 e 1, já o theta se encontra entre -2 e 4, com esses dados percebe-se que a escala não consegue avaliar toda a extensão de theta possível para a amostra avaliada. O item *etr016 Reconhecimento do valor* é o item que avalia thetas mais baixos, sendo o de menor dificuldade e o item *etr010 Talento*, o item com dificuldade mais elevada. Apesar da escala não avaliar toda a extensão da dimensão adaptação, ela extensiva, concentrando-se em pessoas com habilidade médio-baixo, considerando o desvio padrão. Desse modo, nota-se a necessidade de mais itens que avaliem habilidade mais altas, principalmente acima de 1. Há, ainda, concentração de itens próximos à média, de forma que se for realizado uma versão reduzida, alguns itens desta região podem ser retirados.

TABELA 5 – Parâmetros psicométrico para a subescala adaptação

	Pessoas (N=425)				Itens (N=33)			
	Theta	Erro padrão	Infit	Outfit	Dificuldade	Erro padrão	Infit	outfit
Média	0,21	0,16	1,02	1,04	0,00	0,04,	1,02	1,03
D.P.	0,55	0,06	0,45	0,49	0,34		0,21	0,23
Máximo	3,62	0,98	2,88	3,09	0,84	0,05	1,36	1,46
Mínimo	-1,56	0,13	0,18	0,21	-0,77	0,04	0,62	0,61

Verifica-se que o infit e outfit (TABELA 5) foram próximos de um tanto para pessoas quanto para o item, e a theta das pessoas e a dificuldade média dos itens esteve próxima, pois o theta é de 0,21 e a dificuldade 0,00, na primeira subescala da ETR. Deste modo o erro padrão encontra-se baixo, gerando, uma maior precisão da escala. Ao analisar os valores mínimos obtidos no theta e na dificuldade (-1,56 e -0,77), observa-se uma pequena diferença, os níveis baixos de resiliência são avaliados com um erro padrão de medida mais elevado, e quando avaliados os valores máximos de theta (3,62) são mais elevados que a

dificuldade (0,84), indicando que a primeira subescala não abarca níveis muito elevados.

O pacote *Winsteps* (Linacre & Wright, 1991), além de fornecer os parâmetros já mencionados, informa ainda o índice de precisão tradicional, pelo modelo da Teoria Clássica do Teste (TCT). A precisão da primeira parte da ETR após a eliminação dos referidos itens ficou em 0,93 valor este estimado pelo alpha de Cronbach. Também foi feita a análise da precisão pela TRI. O *Winsteps* proporciona a análise de precisão real e esperada, a real são os resultados observados e a modelada são os dados ajustados para a melhor solução estatística (Nunes, Muniz, Nunes, Primi & Miguel, 2010). Dito isso pode se observar que a precisão pela TRI obtida na subescala adaptação foi de 0,89 a real e 0,91 a modelada, valores um pouco abaixo do apresentado pela TCT, no entanto considerados ótimos pela literatura psicométrica.

5.2.2.2 Análise do modelo de Rasch da segunda subescala da ETR

A avaliação por modelo de Rasch da segunda subescala superação/transformação foi realizada a partir dos fatores encontrados e descritos anteriormente na análise fatorial. Iniciando pelo fator autoestima, foi realizada a verificação dos resíduos dos itens por meio dos indicadores de infit e outfit (TABELA 6). A partir da tabela 5, observa-se que o infit variou entre 2,25 e 0,68 e o outfit entre 2,42 e 0,65. Tanto o infit mais alto quanto o outfit mais alto foram do mesmo item, posição *etr052 (Não ter orgulho de si)* excedendo assim o valor máximo aceitável de 1,5, o que justificou a decisão da retirada deste item. O item de posição *etr014 (Pensar coisas boas)* obteve outfit de 1,53, no entanto por ser um valor pouco acima do parâmetro estipulado, foi decido por sua permanência na escala.

TABELA 6: Itens da subescala superação/transformação ordenados a partir do *infit* e *outfit* - Autoestima

Itens	Infit	Outfit	Item-theta	Conteúdo dos itens
52	2,25	2,42	0,39	Não ter orgulho de si
14	1,41	1,53	0,53	Pensar coisas boas
71	1,32	1,47	0,47	Crença de adaptação
4	1,30	1,32	0,55	Tanto valor quanto outros

15	1,20	1,31	0,49	Pessoa boa
73	1,16	1,29	0,51	Eventos bons pelo talento
25	1,22	1,28	0,55	Satisfação consigo
65	1,21	1,27	0,53	Valor com relação aos outros
23	1,24	1,22	0,55	Valor independente da situação
33	1,23	1,23	0,53	Mérito da superação
60	1,06	1,23	0,57	Suportar dificuldades
3	1,11	1,16	0,55	Capacidade de resolver problemas
5	1,14	1,07	0,61	Esforço para coisas boas
6	1,10	1,13	0,57	Bem-estar com suas ações
34	1,05	1,09	0,52	Outros gostam
32	1,06	1,07	0,61	Superar qualquer coisa
51	1,02	1,03	0,56	Responsável por coisas boas
13	0,97	0,93	0,62	Qualidades
44	0,96	0,96	0,59	Inteligência
98	0,89	0,96	0,64	Resolver problemas
58	0,95	0,87	0,63	Confiança na superação
40	0,86	0,93	0,59	Acertar nas escolhas
90	0,87	0,86	0,66	Confiança na dificuldade
43	0,82	0,85	0,63	Alcançar objetivos
88	0,77	0,81	0,68	Confiança em si
54	0,78	0,80	0,68	Inteligência para solucionar problemas
39	0,79	0,75	0,70	Crença no sucesso
37	0,79	0,79	0,64	Conseguir resolver problemas
74	0,70	0,73	0,65	Competência na adversidade
94	0,73	0,73	0,70	Crença em si
45	0,73	0,65	0,70	Competência para atingir objetivos
48	0,68	0,71	0,67	Superar problemas
57	0,70	0,68	0,67	Competência
Média	1,03	1,06		
Desvio Padrão	0,30	0,34		

ficaram concentrados entre -1 e 1, e o theta entre -2 e 5, sendo assim percebe-se que os itens concentraram-se em médio-baixo, não sendo alcançadas principalmente as habilidades mais altas, que vão de 1 a 5, assim para melhorar a abrangência da escala seria interessante à construção de itens com dificuldade mais elevada, de modo a identificar altos índices e baixos índices de autoestima. O item *etr015 Pessoa boa* é o item que avalia os índices mais baixos de autoestima (é o item que mais facilmente é endossado) e o item *etr073 Eventos bons pelo talento*, é o item que mais dificilmente é endossado (apresenta maior dificuldade), do fator autoestima. Para ter uma versão da escala reduzida, se recomenda que seja retirados alguns itens nos níveis em que encontra-se 3 ou 4 itens.

TABELA 7– Parâmetros psicométrico estimados pelo Winsteps para a subescala superação/transformação – Autoestima

	Pessoas (N=434)		Itens (N=32)					
	Theta	Erro padrão	<u>infit</u>	<u>Outfit</u>	Dificuldade	Erro padrão	<u>Infit</u>	<u>Outfit</u>
Média	0,97	0,23	1,06	1,05	0,00	0,06	1,02	1,05
D.P.	0,95	0,06	0,65	0,66	0,42		0,21	0,25
Máximo	4,15	0,71	4,84	4,8	0,95	0,07	1,46	1,57
Mínimo	-1,92	0,18	0,17	0,19	-1,08	0,05	0,70	0,67

Na tabela 7 percebe-se uma grande distância entre o theta das pessoas e a dificuldade da escala, sendo o theta 0,97 e a dificuldade 0,00. No entanto, o infit encontra-se próximo um do outro e o outfit das pessoas e dos itens é igual. Entretanto, os valores mínimos e máximos de theta (mínimo=-1,92; máximo=4,15) possuem uma distância maior que os valores mínimos e máximos (mínimo=0,70; máximo=1,46) de dificuldade. De modo que o fator autoestima da ETR, não abrange todos os níveis de habilidade apresentados pelas pessoas, principalmente os níveis mais elevados. Ao final da análise de Rasch foi realizado, por meio do Winsteps (Linacre & Wright, 1991), a análise de precisão, apontando 0,96, valor este estimado pelo alpha de Cronbach. A precisão pela TRI foi de 0,92 a real e 0,93 a modelada, valores também elevados, corroborando com os índices de boa precisão do fator autoestima.

O segundo fator, autoeficácia, na análise de infit e outfit (TABELA 8), encontrou-se os valores de infit entre 1,85 e 0,68, e de

outfit entre 2,00 e 0,69. Os valores item-theta variaram de 0,44 a 0,68. A partir desses dados realizou-se a exclusão do item de posição 096 *Permanecia do humor*, que obteve os valores acima de 1,5 de infit e outfit. Já os valores item-theta permanecem dentro do valor estipulado, sendo acima de 0,30, não justificando a exclusão de nenhum item. Com relação à desordem das categorias dos itens (APÊNDICE 5), esta foi observada em três itens, mas como nos outros fatores nenhuma desordem apresentou valores altos, e tal desordem se deve a baixa representatividade da amostra naquele nível.

TABELA 8: Itens da subescala superação/transformação ordenados a partir do infit e outfit – Autoeficácia

Posição do item	Infit	Outfit	Item-theta	Item
96	1,85	2,00	0,44	Permanecia do humor
12	1,28	1,34	0,53	Metas a longo prazo
11	1,16	1,24	0,56	Desistir no início
59	1,21	1,02	0,52	Crença de não conseguir resolver problemas
61	1,18	1,17	0,49	Abandona planos
76	0,98	1,05	0,53	Desistir
27	0,98	1,00	0,61	Desistir se não vê resultados
69	0,91	0,87	0,59	Desistir facilmente
64	0,85	0,88	0,60	Traçar objetivos e dedicação
85	0,79	0,85	0,63	Persistir
9	0,85	0,85	0,63	Persistir até terminar
35	0,77	0,69	0,65	Desistir de atividades
46	0,68	0,71	0,68	Terminar o que começa
Média	1,04	1,05		
Desvio	0,30	0,33		
Padrão				

A dificuldade dos itens a partir do mapa de itens (FIGURA 5) variou entre 1 e -1, e a habilidade das pessoas entre 4 e -2, o que aponta que o fator autoeficácia esta avalia pessoas com habilidade médio-baixo, sendo assim pessoas com escores baixos e escores muito altos de

encontra-se bem distante da dificuldade dos itens, bem como os parâmetros dos valores mínimos e máximos do theta das pessoas (-1,38 e 3,59) é maior que os parâmetros da dificuldade dos itens (-0,80 e 0,51) o que confirma os dados apresentados no mapa de itens, de que a abrangência de theta é maior do que a variedade de itens. Sendo assim, a escala não avalia todos os níveis de resiliência, tanto muito altos como muito baixos. Ao analisar a tabela 9 é possível perceber que o erro padrão das pessoas é mais elevado, se comparado ao erro padrão dos itens. Isto pode ser explicado pelo pequeno número de itens nesse fator que avalia autoeficácia.

TABELA 9 – Parâmetros psicométrico estimados pelo Winsteps para a subescala superação/transformação – Autoeficácia

	Pessoas (N=427)		Itens (N=12)					
	<i>Theta</i>	Erro padrão	<i>infit</i>	<i>outfit</i>	Dificuldade	Erro padrão	<i>Infit</i>	<i>outfit</i>
Média	1,13	0,39	1,04	1,05	0,00	0,06	1,04	1,05
D.P.	1,02	0,16	0,73	0,89	0,43	0,01	0,21	0,22
Máximo	3,59	0,99	4,15	9,18	0,51	0,07	1,37	1,41
Mínimo	-1,38	0,28	0,15	0,14	-0,80	0,05	0,69	0,71

Em seguida, foi realizada a análise por modelo de Rasch no terceiro fator, otimismo, inicialmente foi feita a verificação dos resíduos dos itens através do *infit* e *outfit*, que podem ser observados na tabela 10. Com base nos dados demonstrados na figura 9, nota-se que o maior *infit* foi de 1,28, que se encontra dentro do valor aceitável de 1,5. Já o maior *outfit* tem valor 1,53, valor acima do máximo esperado, que é de 1,5 (Linacre, 2011). Pelo fato de ser valor ainda limítrofe, o item não foi excluído, de modo que o item de posição *etr89 Questionar qualidades* foi mantido na escala. Este mesmo item foi o que obteve valor de correlação item-theta menor, 0,46, mas por se tratar de um valor acima de 0,30, e esse item avaliar uma parte do conteúdo não contemplada por outro item, optou-se por mantê-lo. Por último foi realizada a análise de precisão a partir dos parâmetros da TCT, obtendo um Alpha de Cronbach de 0,90, considerado um valor elevado. Já na precisão pela TRI os valores obtidos foram 0,77 na precisão real e 0,80 na precisão modelada, ainda valores elevados, apresentando alta precisão.

TABELA 10: Itens da subescala superação/transformação ordenados a partir do infit e outfit - Otimismo

Posição do item	Infit	Outfit	Item-theta	Item
89	1,28	1,53	0,46	Questionar qualidades
49	1,21	1,36	0,52	Frustrado
82	1,21	1,29	0,53	Momentos bons breves
42	1,20	1,27	0,58	Repassar momentos tristes
8	1,17	1,17	0,62	Coisas ruins frequentemente
55	0,98	1,11	0,61	Incompetente
78	1,07	1,06	0,60	Insegurança
50	0,90	0,86	0,66	Toda vida atingida
81	0,88	0,84	0,69	Não vai acabar
86	0,77	0,75	0,70	Toda a vida ruim
72	0,72	0,72	0,70	Frustração
93	0,69	0,69	0,68	Angustiado
Média	1,01	1,05		
Desvio	0,20	0,27		
Padrão				

Sobre a desordem das categorias dos itens, nenhum dos itens que constituem o fator otimismo apresentou desordem das categorias. Sendo assim neste fator não houve nenhum item que justificasse a sua exclusão, ficando assim com um total de 12 itens. O valor de alpha de Cronbach alcançado neste fator foi de 0,85, considerado um valor elevado na literatura psicométrica (Pasquali, 2011). Em seguida foi realizada a análise do mapa de itens do fator otimismo (FIGURA 6)

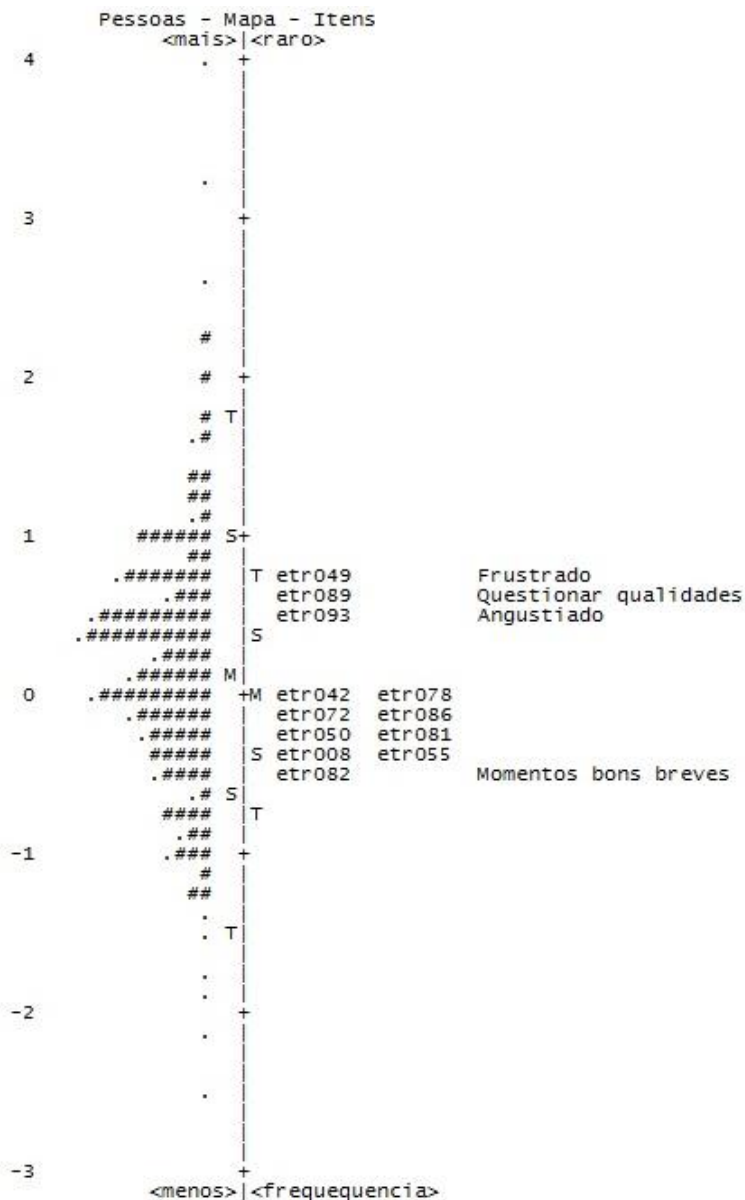


FIGURA 6: Mapa de Itens subescala Superação/Transformação – Otimismo

Pode-se perceber que o theta das pessoas com relação a otimismo foi entre -3 e 4 e a dificuldade do teste permaneceu entre -1 e

1. Presume-se que o terceiro fator da ETR avalia apenas pessoas com níveis médio-médio de otimismo, não cobrindo toda a extensão de thetas, por isso recomenda-se em estudo posterior sejam construídos itens que avaliem tanto escores mais baixos como mais elevados. Dentre os itens o item *etr049 Frustrado* é considerado o item que avalia o nível mais elevado de otimismo. Este avalia o fato de que pessoas pessimistas tendem a culpar-se pelas coisas ruins que acontecem em sua vida (Seligman, 2009) de modo que ocorre a frustração. Já o item *etr082 Momentos bons breves* avalia o nível mais baixo de otimismo, este item remete ao fato de que pessoas otimistas acreditam que os momentos felizes são duradouros e momentos ruins tendem a ser temporários (Seligman, 2009).

TABELA 11 – Parâmetros psicométrico estimados pelo Winsteps para a subescala superação/transformação – Otimismo

	Pessoas (N=434)		Itens (N=12)					
	Theta	Erro padrão	<u>infit</u>	<u>outfit</u>	Dificuldade	Erro padrão	<u>Infit</u>	<u>outfit</u>
Média	0,18	0,30	1,02	1,05	0,00	0,05	1,01	1,05
D.P.	0,82	0,07	0,64	0,79	0,39		0,20	0,27
Máximo	3,27	0,98	4,09	6,30	0,76	0,05	1,28	1,53
Mínimo	-2,55	0,26	0,06	0,05	-0,47	0,05	0,69	0,69

Com base no modelo de Rasch pode-se analisar o theta, dificuldade do teste, *infit*, *outfit* e erro padrão médio obtido na escala (TABELA 11). Iniciando pelo theta da amostra nota-se que ele é ligeiramente mais elevado que a dificuldade do teste, sendo o theta igual a 0,18 e a dificuldade 0,00. No entanto, este valor não seja elevado. Se analisado o *infit* das pessoas e dos itens pode-se considerar que são iguais, pois a diferença encontrada é mínima (1,02 e 1,01). O *outfit* é igual tanto para pessoas quanto para os itens. Já o erro de padrão se apresenta mais elevado entre as pessoas o que se deve ao número diminuto de itens presentes nesta escala. Como última análise de estrutura interna para o fator autorregulação, foi estimada a precisão pelo Alpha de Cronbach chegando a 0,87 para este fator e a precisão pelo TRI alcançou os valores na precisão real 0,81 e na precisão modelada 0,85.

Por último foi realizada a análise do quarto fator, que avalia

autorregulação, a verificação dos resíduos pode ser observada através da tabela 12. Com esta figura observa-se que o valor de 1,5 para infit e outfit não foi ultrapassado, sendo o maior valor de infit 1,35 e o valor mais elevado de outfit 1,48. Sendo assim nenhum item foi eliminado neste critério. A correlação item-theta teve como menor valor 0,45, não justificando também a exclusão de nenhum item, pois todos ficaram acima de 0,30. E Por fim foi avaliado a desordem nas categorias de itens (APÊNDICE 6), a qual nenhum item apresentou, de modo que todos os itens ficaram dentro dos valores psicométricos necessários (Linacre, 2011).

TABELA 12: Itens da subescala superação/transformação ordenados a partir do infit e outfit – Autorregulação

Posição do item	Infit	Outfit	Item-theta	Item
101	1,35	1,48	0,45	Esforço para acalmar
2	1,43	1,36	0,53	Agir sem pensar
63	1,20	1,30	0,55	Sem calma em dificuldades
1	1,13	1,01	0,59	Não perder a calma
62	1,04	1,01	0,67	Paciência
92	0,94	1,01	0,56	Planejamento para resolver problemas
87	0,94	0,95	0,61	Planejamento frente problemas
77	0,87	0,89	0,64	Paciência para resolver situações
29	0,81	0,84	0,67	Manter a calma
66	0,78	0,78	0,66	Alternativas antes de agir
75	0,72	0,68	0,71	Pensar nas ações
Média	1,02	1,03		
Desvio Padrão	0,23	0,24		

As dimensões do fator autorregulação da ETR, através do mapa de itens (FIGURA 7), a fim de compreender qual a extensão da avaliação alcançada por este fator. Ao observar o mapa de itens, conclui-se que o fator autorregulação avalia principalmente níveis médio-baixo de theta, pois enquanto o theta das pessoas vai de -3 a 4 a dificuldade permanece entre -1 e 1. Ou seja, níveis muito baixos e altos

de habilidade em autorregulação não são abarcados pela escala. Esses níveis são avaliados com um erro padrão de medida (EPM) elevado, quando um theta é superior a 0,67, tem um EPM elevado.

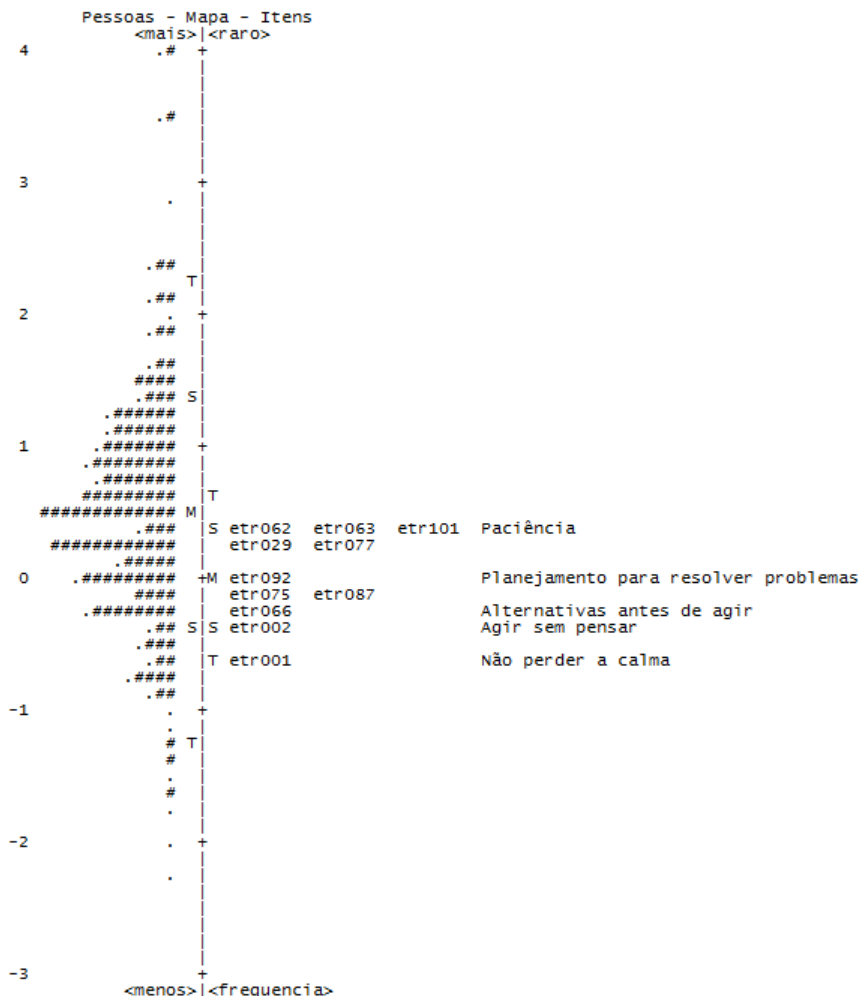


FIGURA 7: Mapa de Itens subescala Superação/Transformação – Autorregulação

O nível mais alto de autorregulação alcançado pela ETR possui três itens, são eles: item etr062 *Paciência*, item etr063 *Sem calma em dificuldades* e item etr101 *Esforço para acalmar*, os quais avaliam a capacidade da pessoa em manter a calma em diversos

momentos da sua vida. O nível mais baixo de autorregulação alcançado pela ETR é avaliado pelo item *etr001 Não perder a calma* este item avalia a capacidade da pessoa em não perder a calma. O esforço realizado por ela para permanecer nesse estado. Ao final da análise do mapa de itens (FIGURA 7) recomenda-se que em estudos posteriores sejam desenvolvidos itens que avaliem níveis mais elevados e inferiores de autorregulação, bem como se for realizada uma versão reduzida deste instrumento recomenda-se a possível eliminação do item 101.

TABELA 13 – Parâmetros psicométrico estimados pelo Winsteps para a subescala superação/transformação – Autorregulação

	Pessoas (N=431)				Itens (N=11)			
	Theta	Erro padrão	Infit	outfit	Dificuldade	Erro padrão	Infit	outfit
Média	0,49	0,34	1,04	1,03	0,00	0,05	1,02	1,03
D.P.	0,90	0,10	0,72	0,72	0,33		0,23	0,24
Máximo	3,51	1,02	4,59	4,71	0,34	0,06	1,43	1,48
Mínimo	-2,22	0,29	0,07	0,07	-0,64	0,05	0,72	0,68

Como última análise pelo modelo de Rasch, o objetivo foi observar a média dos parâmetros alcançados pela ETR, no fator autorregulação, apresentados na tabela 13. Nota-se que a dificuldade dos itens permaneceu na média, enquanto o valor de theta foi um pouco mais elevado, entretanto este valor pode ser considerado baixo. Ao analisar os valores máximo e mínimo de theta das pessoas (3,51 e -2,22) e da dificuldade dos itens (0,34 e -0,64) conclui-se que os valores da dificuldade são próximos, o que aponta para a pequena variedade de níveis avaliados pela escala, quando comparado à extensão do theta. O valor de erro padrão das pessoas também é maior que o erro padrão dos itens, mas isso pode ser devido ao número de itens que formam este fator.

A precisão também foi analisada, o Alpha de Cronbach alcançado foi de 0,87, e pela TRI foi de 0,80 precisão real e 0,83 a modelada, sendo assim a escala apresenta boa precisão de seus resultados segundo análise da consistência interna.

5.2.3 Análise de associação entre Escala de Traço Resiliente e variáveis relacionadas

Em uma primeira etapa desta análise optou-se por verificar se há diferença de médias das subescalas e fatores da ETR entre sexo. Foi então observada a normalidade das variáveis, a variável theta da subescala adaptação e o fator autorregulação, não obtiveram dados dentro dos parâmetros psicométricos. Sendo a skewness 0,85 e a curtosis 7,12 para a subescala adaptação e skewness 0,76 e curtosis 5,7. A partir desses dados percebe-se que os valores curtosis indicam que estas variáveis se afastavam da curva normal. Deste modo, foi realizada a transformação Box-Cox a qual resultou em uma variável derivada com distribuição suficientemente próxima à normal para a realização de testes paramétricos.

Com base nestes dados observa-se que na subescala adaptação e nos fatores autoestima e autoeficácia não há diferença entre homens e mulheres. No entanto para fatores otimismo e autorregulação é possível ver que houve uma diferença entre as médias de homens e mulheres. Sendo no fator otimismo homens obtiveram média maior que as mulheres ($t(429) = 0.99$; $p < 0,01$) $d = 0,32$ e no fator autorregulação as mulheres obtiveram média superior a dos homens ($t(195) = 0.99$; $p < 0,01$) $d = 0,28$. Deste modo pode se dizer que no momento em que a situação de crise acontece, a autoavaliação e a capacidade de acreditar que conseguirá resolver problema são parecidos para homens e mulheres, no entanto o modo como eles veem a causa dos problemas e o controle emocional e cognitivo, há diferença entre os sexos.

Um dos objetivos deste trabalho foi buscar resultados que apresentem evidências de validade de construto por construto relacionado, por meio de outras variáveis. Para que esse objetivo fosse alcançado, foram realizados estudo de correlação entre os fatores da ETR, e outras variáveis relacionadas. Estas correlações estão apresentadas na Tabela 14.

Para que possa ser realizada a correlação, as variáveis analisadas devem estar dentro dos parâmetros da normalidade. No entanto, o escore total da escala de autoeficácia e o escore total da ER apresentavam curtosis acima do valor estabelecido como aceitável, entre 2 e 4. Sendo assim foi realizada transformação nessas variáveis para que elas alcançassem a normalidade. Deste modo para a variável relacionada à autoeficácia foi realizada a transformação elevada ao quadrado, para a variável relacionada à escala de resiliência foi realizada a transformação elevada ao quadrado. Com o uso de tais transformações alcançou-se a

normalidade de ambas para que fosse possível a análise de correlação.

Tabela 14: Correlação entre fatores da ETR e escala de construto relacionados.

	Adaptação n= 434	AEs n= 433	AEf n= 433	O n= 433	AR n= 433
Vulnerabilidade (EFN) n= 63	-0,30*	-0,43*	-0,41*	-0,77*	-0,49*
Desajustamento psicossocial (EFN) n= 63	0,00	0,13	-0,01	-0,19	-0,13
Ansiedade (EFN) n= 63	-0,18	-0,18	-0,22	-0,65*	-0,39*
Depressão (EFN) n= 63	-0,16	-0,29	-0,28	-0,47*	-0,46*
Escala de autoeficácia n= 135	0,39*	0,62*	0,58*	0,37*	0,35*
Escala de Resiliência n= 132	0,34*	0,62*	0,33*	0,18	0,37*
Escala de autoestima n=194	0,29	0,66*	0,47*	0,47*	0,19
Esperança nos outros n= 131	0,15	0,16	0,09	0,05	0,03
Esperança em si n= 124	0,25	0,39*	0,23	0,19	0,05

Ao observar as correlações obtidas (TABELA 14) entre os fatores da ETR e os fatores da EFN (Hutz & Nunes, 2001), nota-se que muitos resultados foram considerados moderados a altos, isso aponta relação entre os dados obtidos. A correlação mais elevada encontrada foi entre otimismo e vulnerabilidade ($r = -0,77$), além de correlações moderadas com os outros fatores da ETR. Vale destacar que o conceito de vulnerabilidade como fator de neuroticismo difere do utilizado na Psicologia Positiva. Para a teoria dos cinco grandes fatores, vulnerabilidade corresponde a pessoas que apresentam medo de críticas, dificuldade de tomar decisões, insegurança (Hutz & Nunes, 2001; Vasquez, Zanon & Hutz, 2010). A alta correlação negativa aponta que

pessoas com nível de otimismo alto, as quais se responsabilizam pelas coisas boas que acontecem em sua vida e acreditam que estes momentos são frequentes, tendem a apresentar níveis baixos de vulnerabilidade. Outra correlação a ser analisada entre o fator da EFN vulnerabilidade (Hutz & Nunes, 2001) e o fator autorregulação da ETR ($r = -0,49$), esta correlação moderada é justificada por autorregulação corresponder à capacidade de manter controle emocional, cognitivo e comportamental (Wills, Pokhrel, Morehouse & Fenster, 2011). Desta forma pessoas com autorregulação elevada tendem a apresentar baixa ansiedade por conseguir manter o controle.

Para validade convergente foram utilizadas escalas que avaliassem resiliência e os fatores encontrados para ela de modo que foi aplicada uma escala de autoeficácia (Pacico, Ferraz & Hutz, n/d), a qual obteve uma correlação significativa com o fator autoeficácia ($r = 0,53$) e com o fator autoestima ($r = 0,56$). Isto pode ser defendido pelo fato de pessoas que apresentam uma melhor avaliação de si mesmo, acreditam que possam realizar atividades. A Escala de Autoestima de Rosenberg (Hutz & Zanon, 2011) também obteve uma correlação significativa com o fator autoestima ($r = 0,66$). Já a ER (Pesce e cols, 2005), obteve correlações moderadas com a primeira subescala ($r = 0,34$), fator autoeficácia ($r = 0,33$), autorregulação ($r = 0,37$) e a correlação mais elevada com o fator autoestima ($r = 0,62$).

Já ao relacionar com esperança, observa-se que este apresentou correlação moderada apenas com o fator autoestima ($r = 0,39$). Outros resultados que chamam a atenção são as baixas correlações encontradas entre o fator autoeficácia da ETR, com o fator desajustamento psicossocial da EFN e os fatores otimismo e autorregulação com esperança sobre os outros da Escala de Esperança Cognitiva (Pacico, Zanon, Bastianello, Reppold & Hutz 2013). Todos apresentando baixas correlações. Isto se deve de fato as características avaliadas por desajustamento social e esperança sobre os outros. Tratem-se de considerações feitas sobre aspectos sociais, e a ETR avaliar aspectos individuais, de forma que a correlação assim apresenta-se baixa.

5.2.4 Associação entre protótipo do perfil resiliente e construtos relacionados

Como última análise realizada, realizou-se a análise de correspondência de protótipo, para tanto foi gerado escores padronizados para as medidas de construto convergente e relacionado, e

foi atribuído com base na literatura um pontuação (-1 resultados baixos, 0 resultados neutros, 1 resultados elevados) para cada fator externo, de acordo com a relevância do fator para a preditividade do perfil resiliente. Em seguida foi criada uma base de dados, com apenas os participantes que responderam aos quatro fatores da EFN ou ao menos três das outras medidas (ER, EAR, EAG, fator esperança sobre si e fator esperança sobre os outros, ambos da EEC). Nessa base foi mantida apenas a variável “sujeito” e os escores padronizados das escalas mencionadas, em seguida foi feita a transposição dela e a inclusão de uma variável com o protótipo proposto. Com esses dados foi estimada a correlação entre o protótipo e as demais variáveis (resultado de cada pessoa nas escalas citadas anteriormente). Essa correlação representa o quão similar foi o resultado de cada indivíduo com os resultados esperados para uma pessoa prototipicamente resiliente, essas correlações foram inclusas como variável na base original. Por fim foi gerado o modelo de regressão considerando os cinco escores da ETR como preditores da correlação com o protótipo. Foram gerados dois modelos de regressão independentes para os participantes que responderam a EFN e para os participantes que responderam as demais escalas.

Source	SS	df	MS	Number of obs = 61	
Model	5.87145099	3	1.95715033	F(3, 57) =	8.01
Residual	13.9187427	57	.244188468	Prob > F =	0.0002
				R-squared =	0.2967
				Adj R-squared =	0.2597
Total	19.7901937	60	.329836561	Root MSE =	.49415

r_protot	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
f1_measure	.2839286	.0822451	3.45	0.001	.1192357	.4486216
f2_measure	.056575	.0563229	1.00	0.319	-.0562097	.1693597
f3_measure	-.0321587	.0897888	-0.36	0.722	-.2119576	.1476402
_cons	-.367617	.0998811	-3.68	0.001	-.5676254	-.1676086

Figura 8: Modelo de regressão Com EFN

Como se pode ver na figura 8, os fatores da ETR alcançaram poder explicativo, variância predita de 26% do protótipo gerado pelas medidas externas $R^2 = 0,29$, $F(3,57) = 8,01$ $p < 0,0002$. Neste modelo o fator autoestima alcançou o maior poder preditivo, ao alcançar 0,28. Sendo o fator que melhor explica o protótipo.

Com o objetivo de analisar a correspondência do segundo

protótipo estabelecido, a partir das medidas relacionadas e convergentes e para realizar seleção de variáveis para inclusão da na variável estatística de regressão foi realizado o método Stepwise (Hair, Anderson, Tatham & Black, 2005). Esse método constrói uma sequência de modelos adicionando e removendo variáveis em cada etapa, nessa etapa é avaliado o grau de covariância, na ocorrência desta covariância tal fator é eliminado do modelo otimizado.

begin with full model						
p = 0.9545 >= 0.2000 removing f2_measure						
p = 0.7659 >= 0.2000 removing f4_measure						
Source	SS	df	MS	Number of obs = 85		
Model	10.0092808	3	3.33642694	F(3, 81) = 11.44		
Residual	23.6218429	81	.291627691	Prob > F = 0.0000		
Total	33.6311237	84	.400370521	R-squared = 0.2976		
				Adj R-squared = 0.2716		
				Root MSE = .54003		

r_protot	Coef.	Std. Err.	t	P> t	[95% Conf. Interval]	
p1_measure	.5269495	.1455998	3.62	0.001	.2372515	.8166475
f1_measure	-.2686775	.0768277	-3.50	0.001	-.4215406	-.1158144
f3_measure	-.3196753	.0846398	-3.78	0.000	-.4880819	-.1512687
_cons	.2361532	.0851635	2.77	0.007	.0667045	.4056019

Figura 9: Modelo de regressão com ER, EAR, EAG, EEC – Stepwise

A Figura 9 apresenta o modelo de regressão Stepwise, nesse modelo o poder explicativo encontrado é mais elevado, 27%, $R^2 = 0,29$, $F(3,81) = 11,44$ $p < 0,0001$. Neste modelo os fatores que permaneceram foram adaptação, autoestima e otimismo. Não apresentando o fator autoeficácia presente no modelo anterior.

6. DISCUSSÃO

Esta seção abordará uma discussão sobre os aspectos mais importantes do processo de construção da Escala de Traço Resiliente, bem como os resultados obtidos, tendo foco nos estudos de validade realizados. Serão analisados aspectos ainda não explicitados no corpo do trabalho, de modo a um aprofundamento dos resultados obtidos, iniciando no desenvolvimento da ETR, coleta de dados, seguido pela análise fatorial, análises a partir do modelo de Rasch, correlações

realizadas, e por fim análise de correspondência de protótipo, com a finalidade de buscar evidências de validade baseada nas relações com outras variáveis.

Este estudo foi motivado pela identificação de poucos instrumentos de medida para avaliação de resiliência e a fragilidade de alguns deles. Como apontado no início do estudo, existem escalas para avaliar resiliência no Brasil, no entanto Reppold, Mayer, Almeida e Hutz (2012), apontam que este é um fenômeno complexo para se avaliar e que as escalas o fazem de modo errôneo, pois avaliam um momento estanque de um fenômeno em movimento, que depende de algumas circunstâncias para ocorrer. Sendo assim torna-se difícil avaliá-lo, de modo que este foi um dos grandes desafios deste trabalho. Foi tomado como pressuposto o conceito de Grotberg (2003, 2005) o qual trabalha com a conduta resiliente, que é formada pelo comportamento resiliente e o traço resiliente. Os dois aspectos são dependentes de aprendizado para ocorrer, mas o traço é algo mais estável, passível de ser avaliado.

Com este conceito como base, foi pensada qual a forma de avaliar características estáveis de um fenômeno circunstancial. Optou-se partir de uma situação adversa que a própria pessoa respondente vivenciou, e itens que se referissem a esse momento (passado ou presente), e itens que fossem referentes ao seu funcionamento global, gerando assim duas subescalas, sendo este considerado o formato mais adequado para avaliar resiliência devido a suas peculiaridades.

Outro aspecto importante a ser comentado é o modelo teórico e o modelo encontrado. Inicialmente a ETR foi planejada com quatro fatores principais (autoestima, autoeficácia, otimismo e autorregulação), para cada subescala, de modo que esses fatores fossem avaliados durante a ocorrência do evento estressor e após. No entanto, ao rodar a análise fatorial, percebeu-se que o melhor modelo para a primeira subescala seria unifatorial, sendo que a segunda subescala permaneceu com modelo de quatro fatores. Ao analisar os instrumentos de resiliência se encontra por vezes escalas unifatoriais como a RS-14 (Damásio, Borsa & Silva, 2011) e Connor-Davidson-CDRISC-10 (Martins & Lopes, 2011), e os instrumentos multidimensionais apresentam fatores correlacionados como a Escala de Resiliência (Pesce e cols, 2005), Connor-Davidson - CDRISC (Connor & Davidson, 2003) e até mesmo a subescala superação/transformação da ETR, na qual os quatro fatores são correlacionados entre si. Por fim também pode se argumentar que a quantidade de itens que compõe a subescala adaptação é possivelmente insuficiente para que apresente variância compartilhada, tal que os diferencie dos demais itens na forma de fatores, principalmente porque

todos os itens e fatores são muito correlacionados. A primeira subescala da ETR, foi elaborada pensando em avaliar a adaptação a situações difíceis a partir de quatro fatores; no entanto, a análise fatorial apresentou apenas um fator para avaliação da adaptação positiva frente a situações adversas. A subescala adaptação é importante, pois é algo pouco pesquisado nos trabalhos quantitativos sobre resiliência, como já foi comentado.

A precisão foi calculada pelo Alpha de Cronbach nas duas subescalas e em cada fator da subescala superação/transformação, sendo a precisão da subescala adaptação igual a 0,91 e todos os resultados da subescala superação/transformação acima de 0,80. Estes valores são considerados bastante satisfatórios de acordo com a literatura em psicometria (Pasquali, 2010). A precisão pelo Alpha de Cronbach nos diz que se os itens se relacionam, covariam, a níveis elevados, dentro da Teoria Clássica dos Testes, indicam uma influência tolerável do erro de medida sobre o escore do instrumento.

Outra estratégia utilizada para investigar os parâmetros psicométricos da ETR foi o modelo de Rasch com base na Teoria de Resposta ao Item, por meio do ajuste dos itens (infit, outfit, item-theta e desordem nas categorias dos itens) e mapa de itens. Houve a eliminação de dois itens após essas análises, um do fator autoestima e outro de autoeficácia, que possuíam valores inaceitáveis para sua permanência na escala.

Ao analisar as médias de infit e outfit para os itens, todas se encontram próximas de 1, o que aponta poucas ocasiões de desajuste, sugerindo adequação do item ao modelo adotado. Os valores de infit e outfit da maioria dos casos ficaram entre 0,70 e 1,50, corroborando com o fato, de que o ajuste dos itens foi favorável. Outro dado favorável foi à correlação item-theta que permaneceu acima de 0,30 (Linacre & Wright, 1991).

Sobre os dois itens eliminados, todos os parâmetros utilizados apontavam a sua exclusão, sendo assim foi optado por sua retirada de modo que estes valores mostravam que os dois itens não estavam avaliando adequadamente os fatores aos quais pertenciam. Ainda sob a perspectiva da análise de Rasch, o mapa de itens ofereceu informações valiosas sobre as habilidades do traço resiliente que a ETR consegue alcançar e avaliar. Com esses dados percebe-se que as duas subescalas, incluindo os fatores da ETR, conseguem avaliar com propriedade pessoas com habilidades próximas à média, e um pouco abaixo dela. No entanto, habilidades muito elevadas ela não consegue distinguir com precisão. Deste modo aconselha-se em estudo posterior que seja

realizada a construção de itens que avaliem thetas mais elevados, de modo a compreender como pessoas com altos índices de traço resiliente enfrentam seus problemas (Linacre, 2011).

Em busca de evidências de validade por construto relacionado e convergente, foi realizado estudo de correlação entre os resultados encontrados na ETR estimados no Winsteps como theta e os escores encontrados em algumas escalas aplicadas concomitantemente. Observou-se que apenas duas correlações não foram significativas ($p < 0,05$). Salienta-se ainda que os resultados encontrados estão de acordo com o aporte teórico proposto. Em relação aos resultados não significativos, vale lembrar que a ETR propõe-se a avaliar características individuais como já foi comentado, no entanto alguns fatores das escalas aplicadas têm como objetivo avaliar aspectos sociais, como o fator esperança sobre os outros da Escala de Esperança Cognitiva (Pacico, Zanon, Bastianello, Reppold & Hutz 2013) e o fator desajustamento psicossocial da EFN (Hutz & Nunes, 2001) que avalia traços da personalidade com características interpessoais não sobrepostas à resiliência. Dessa forma, eram esperados para esses fatores baixas ou nenhuma correlação. Outras variáveis que não apresentaram correlação significativa foram, esperança sobre si e autorregulação. Sobre estes resultados, pesquisas (Ruchiw, 2012) apontam que pessoas com índices de esperança elevados tendem a ter menos ansiedade, bem como correlações positivas entre esperança e autorregulação (Ferrari, Stevens, Legler & Jason, 2012). Sendo assim, estas foram às únicas correlações que apontam um caminho diferente ao das pesquisas.

Percebe-se correlações entre o fator vulnerabilidade e otimismo e o fator ansiedade e otimismo. Isto se deve ao fato de que pessoas com altos índices de vulnerabilidade tendem a relatar com mais intensidade fatos negativos da sua vida e darem pouca importância aos eventos positivos (Nunes, Hutz & Nunes, 2008). Em contrapartida, indivíduos com altos níveis de otimismo pensam pouco sobre os eventos negativos que viveram, valorizando os aspectos positivos de suas vidas (Kobau, Seligman, Peterson, Diener, Zack, Chapman, & Thompson, 2011; Weber; Brandenburg & Viezzer, 2003). Já a correlação elevada entre ansiedade e otimismo é justificada pelo fato de pessoas com altos índices de otimismo se responsabilizarem pelos eventos bons que acontecem em suas vidas e acreditarem que esses são frequentes, uma tendência oposta acontece para eventos negativos. Sendo assim os índices de ansiedade tendem a ser baixos (Seligman, 2009), levando em consideração o fato de que ele não se responsabiliza pelos eventos

negativos.

A subescala adaptação apresentou correlação significativa com o fator vulnerabilidade da EFN e a escala de autoeficácia geral. Pessoas resilientes tendem a acreditar em si e sua capacidade de realizar atividades e enfrentar desafios (Rutter, 2007; Seligman & Csikszentmihalyi, 2000) em contra partida pessoas com vulnerabilidade possuem baixa autoestima, apresentam insegurança e tem dificuldade em tomar decisões (Nunes, Hutz & Nunes, 2008), sendo assim a correlação negativa elevada entre essas duas variáveis vai ao encontro das expectativas estabelecidas pela literatura e dá suporte a utilização da ETR.

Já a correlação existente entre a escala de autoeficácia e a subescala adaptação, deve-se ao fato de que para a construção da primeira subescala foram elaborados itens para os quatro fatores, autoestima, autoeficácia, otimismo e autorregulação. Sendo assim a subescala adaptação avalia em certa instancia autoeficácia durante a situação de crise, justificando a correlação existente. Da mesma forma ocorre com a Escala de Autoestima de Rosenberg, a qual obteve correlação moderada com adaptação,

Outro ponto a ser analisado sobre o estudo de evidências de validade por construto relacionados é o fato de apenas as correlações com a EFN serem negativas. Isso se deve a como apontado na literatura (Liu, Wang & Li, 2012), pessoas com altos índices de traço resiliente apresentam menos desajuste emocional, sendo assim baixos índices de vulnerabilidade, ansiedade e depressão. De modo que se esperavam correlações negativas com a EFN, exeto com o fator desajustamento psicossocial que esperava correlação baixa ou nula.

Ainda pode-se observar que há uma correlação alta entre a AER (Hutz & Zanon, 2011) e o fator autoestima da ETR, indicando esta uma evidência de validade convergente. Uma vez que ambos os instrumentos avaliam o mesmo construto. Isto ocorre também com a escala que avalia autoeficácia geral (Pacico, Ferraz & Hutz, n/d) e o fator da ETR, que compreende a avaliação de autoeficácia. Esta correlação é esperada, de modo que a ETR pretende avaliar esses fatores frente a uma situação de crise, e as escala originais avaliam de forma geral. O diferencial entre o conteúdo dos itens da ETR quando comparados aos das escalas originais, é a relação que eles fazem com situações de crise, para avaliar resiliência optou-se por construir itens que relacionassem os fatores, autoestima, autoeficácia, otimismo e autorregulação com situações de adversidade, não apenas avaliando como o individuo se sente, autoavalia, mas como ele se percebe frente a eventos difíceis da sua

vida, de modo que a resiliência não acontece de forma isolada, necessitando de um evento adverso para sua ocorrência. (Oliveira, Reis, Zanelato & Neme, 2008).

Por último pode-se analisar as correlações obtidas com a escala de resiliência (Pesce e cols., 2005) e os fatores da ETR. Verifica-se que foram obtidas correlações elevadas com o fator autoestima, e moderadas com adaptação, autoeficácia e autorregulação. Essas correlações moderadas podem ser explicadas pela diferença na estrutura fatorial das duas escalas, pois a ETR avalia traços individuais componentes da resiliência, além de se referir a momentos de crise que as pessoas enfrentam na vida, diferente da ER, que avalia características resilientes sem relacionar com eventos estressores. No entanto por avaliarem ambas resiliência apresentam correlações significativas, apontando evidências de validade favoráveis a ETR.

Ainda foi realizado um estudo inicial de validade de critério onde se observou correspondência de protótipos, ao analisar esses dados percebe-se que no modelo formado pela EFN, o fator autoestima da ETR aparece em destaque, apresentando um coeficiente preditivo elevado e com 26% de valor explicativo do modelo. Já no modelo formado pela ER, AER, AEG e EEC o fator de destaque foi adaptação apresentando o maior coeficiente preditivo e 27% de valor explicativo do modelo. Esses dados refletem um valor preditivo satisfatório, quando levado em conta a complexidade do perfil resiliente.

Também deve ser levado em consideração que este é um estudo inicial de validade de critério, e o formato ideal deste seria que todos os participantes respondessem a todos os instrumentos, fazendo com que fosse possível o desenvolvimento de protótipos mais detalhados do perfil resiliente, entretanto, devido ao tempo destinado para aplicação de todos os instrumentos foi utilizado o método espiralado.

Por fim, a validade vem a legitimar as interpretações feitas com os resultados obtidos na escala (Primi, Muniz & Nunes, 2009). Sendo assim, retorna-se à pergunta de pesquisa: **Quais as evidências de validade em uma escala para mensurar resiliência?** Entende-se que esta foi respondida através dos resultados obtidos, como os dados de precisão que variou entre 0,87 a 0,96 no Alpha de Cronbach, pela TCT e pela TRI a precisão real variou entre 0,77 a 0,92 e a precisão modelada entre 0,80 a 0,93, as cargas fatoriais obtidas, acima de 0,30, os valores de ajuste dos itens, infit e outfit abaixo de 1,5 e correlação item-theta acima de 0,30, também pode-se citar como evidência as correlações obtidas entre a ETR e a EFN, ER, AEG, ERA e EEC e por fim a correspondência de protótipo que apresentou dados consistentes em para

validade de critério, apoiando o uso desse instrumento. Sendo assim a escala proposta alcançou resultados favoráveis de estrutura interna e validade pela relação com outras variáveis. Evidentemente os estudos realizados servem como evidências iniciais de validade da ETR, sendo que a sua relação com outros construtos deveria ser mais explorada em estudos futuros. Entende-se ainda que seja essencial a realização de estudos de validade de critério para verificar-se se efetivamente os fatores do instrumento apresentam valor preditivo para variáveis externas e para a identificação de grupos contrastantes (American Psychological Association, National Council on Measurement in Education, 1999).

Como relatado, os resultados apontam para a eficácia de uma escala que meça o traço resiliente, esse composto por fatores. Este estudo se foca nos fatores individuais e mais estáveis do indivíduo, sendo que estes não são os únicos componentes da resiliência, mas por apresentarem características estáveis, são os passíveis de serem mensurados. Em nenhum momento deve-se considerar que a ETR meça resiliência como um todo. Apesar disso, ao avaliar o traço resiliente já é possível obter-se um indicador de resiliência. O modelo proposto neste trabalho tentou apresentar um formato adequado ao fenômeno e com resultados que justifiquem a sua utilização.

7. CONCLUSÕES

Ao final deste trabalho percebe-se que resiliência ainda é um fenômeno que precisa ser mais estudado, pois sua complexidade gera dificuldade em definir quais são as suas características, e aspectos essenciais para a sua ocorrência. Entende-se, desse modo, que este estudo mostra a importância de investigação sobre este fenômeno e avaliação dos aspectos que o constituem. A resiliência é um fenômeno formado por vários níveis que abarcam diversos aspectos da constituição das pessoas, de modo que se deve compreender aspectos individuais, cognitivos, sociais e comportamentais para então entender o que o fenômeno representa.

Ao se pensar em resiliência, a primeira distinção a ser feita é entre as características do indivíduo, o traço resiliente, e as características comportamentais, isto é a interação do sujeito com a situação adversa. Esta diferença pode ser exemplificada pelo seguinte evento: Uma pessoa passa por uma situação de enchente, em sua casa, ela pode apresentar alguns traços resilientes mais elevados de modo que

acredite em si, tenha uma autoavaliação positiva, perceba-se com apoio social, capacidade de resolução de problema, mas não possua o comportamento resiliente. Isto é, nada faz para evitar os estragos da enchente. Esta pessoa não apresenta a conduta resiliente, apesar de possuir índices elevados de traço resiliente. De forma contrária, esta pessoa possui um comportamento resiliente quando a enchente chega e ela já levantou sua mobília e saiu de casa, no entanto ela não acredita que isto seja eficaz, permanece impaciente e não possui uma autoavaliação positiva. Esta pessoa não possuiu a conduta resiliente (resiliência), pois apesar de passar pela situação ela não a supera, apenas vivência a situação.

Desse modo é possível compreender que a resiliência é um conjunto de aspectos que compreendem estancias sociais, cognitivas, individuais e comportamentais e não se pode afirmar que uma pessoa está sendo, ou será resiliente por ela apresentar um desses aspectos. O que esta pesquisa buscou foi mostrar a possibilidade de avaliação de um desses preditores de resiliência, o individual.

Com este conceito em mente foi desenvolvido um novo formato de escala para pesquisas em resiliência, já descrito anteriormente. Este formato provou-se interessante por compreender as vivências de cada pessoa, de modo a possibilitar que cada um signifique as suas experiências. Como por exemplo, houveram pessoas que relataram passar por abuso sexual, um evento de magnitude 5 e outras relataram a semana de provas da faculdade como tendo a mesma magnitude. Sendo assim esse modelo provou-se eficaz justamente por cada pessoa visualizar sua vida, identificar quais as maiores dificuldades que viveu e de que forma passou por elas. De modo que foi possível identificar os fatores constituintes da ETR com base nas experiências de cada um.

Há também o fato de que algumas pessoas não relataram ter passado por uma situação muito difícil em sua vida, não recordando a experiências extremamente ruins em suas vidas. Considerando-se que para ser uma pessoa resiliente é preciso identificar a situação como de risco, é possível dizer que essas pessoas não são resilientes por não se lembrarem de uma situação adversa? Para responder essa pergunta é preciso lembrar que a fim de se obter uma visão ampla da resiliência são necessários outros métodos de investigação para os diferentes fatores.

O uso de escalas apresenta-se como um método eficaz para avaliar alguns aspectos da resiliência. No entanto, os limites verificados na presente pesquisa reforçam que para uma percepção completa do fenômeno é necessária uma associação de instrumentos e métodos, que podem ser: entrevistas, observações e escalas que avaliem outras

características. É importante lembrar que este instrumento tem pretensão de trilhar nesse caminho de investigação.

Percebe-se, também, a importância do estudo de validade de critério, afim de, conhecer o grau de eficácia que a ETR possui em prever o desempenho referente à resiliência (Pasquali, 2010). Dessa forma seria possível avaliar, de modo empírico, o desempenho da ETR associado a eventos de risco. Estudo o qual foi iniciado com a análise de correspondência de protótipos, mas o qual poderia ser mais aprofundado, com uma amostra maior e com entrevistas que pudessem resgatar aspectos não contemplados até o momento.

Outro fator que sofreu prejuízos associado ao desenvolvimento da pesquisa foi à amostra, sendo recomendada a sua ampliação e diversificação. Uma tentativa, com o propósito de diversificar a amostra foi à coleta online, no entanto esta apresentou pouca adesão, mesmo sendo divulgada em salas de aula de cursos de graduação do Brasil e em redes sociais, bem como o site do Lpap. Sugere-se que, em estudos posteriores, haja uma divulgação mais ampla deste formato, bem como maior tempo para a coleta. Apesar do número total da amostra ser de 434 participantes, este não corresponde a todas as escalas. Como o método de coleta utilizado foi espiralado, nem todos os participantes responderam a todas as escalas. Vale salientar que foi optado este método, pois o tempo de aplicação seria muito prolongado, dificultando a adesão e possibilitando fadiga nos participantes.

Apesar das dificuldades encontradas no decorrer da pesquisa, a escala proposta demonstrou índices psicométricos adequados para sua aplicação, além de um formato adequado para pesquisas sobre resiliência. Grande parte das críticas realizadas sobre a mensuração da resiliência referem-se ao formato de sua avaliação quando analisado a luz da teoria base para o fenômeno. Desse modo, um formato diferenciado para a sua avaliação se fazia necessário, este foi um dos principais obstáculos desta pesquisa. Com o objetivo de encontrar um formato adequado para a avaliação da resiliência foram pensados vários modelos que pudesse contemplar as particularidades da resiliência, avaliando o traço resiliente correspondente ao momento em que ocorreu a situação de risco na vida do indivíduo. Este formato permite que ela pense como passou pela situação e se houve alguma mudança ao vivê-la.

Espera-se que com a ETR as pesquisas de resiliência possam avançar o estudo no Brasil. Como este instrumento foi construído pensando na cultura e em aspectos peculiares de uma parcela da população brasileira pode avaliar aspectos não contemplados em

instrumentos estrangeiros. Esta dissertação teve a pretensão de representar uma contribuição para a produção de conhecimento em psicologia no Brasil, representando mais um trabalho na área de construção e validação de instrumentos no Brasil. As pesquisas sobre resiliência e aspectos positivos do ser humano formam uma parcela em crescimento no conhecimento científico da Psicologia e são de extrema importância. Espera-se que para o Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFSC – PPGP, esta escala possa contribuir ao avanço das publicações sobre o desenvolvimento saudável e ao florescer dos aspectos virtuosos.

Esta pesquisa não visou apenas o desenvolvimento de pesquisas e conhecimento científico, mas espera-se que com a continuidade dos trabalhos de validação da ETR o seu uso possa auxiliar o desenvolvimento pessoal de modo que a partir de dados coletados com a ETR possa se identificar os índices de traço resiliente no Brasil. Tendo esses índices claros se pode trabalhar diretamente nos fatores, tendo um mapeamento claro de quais precisam ser desenvolvidos, pois por esses fatores serem passíveis de aprendizado, há meios de desenvolvimento deles. Desse modo se pode propor meios de intervenção propiciando a resiliência nas pessoas por meio programas de desenvolvimento de autoestima, autoeficácia, otimismo e autorregulação, para que a resiliência seja presente e as pessoas possam se adaptar superar e se transformar frente aos eventos de risco presente na vida.

8. REFERÊNCIAS

- American Educational Research Association, American Psychological Association, National Council on Measurement in Education (1999). *Standards for educational and psychological testing*. Washington, DC: Author.
- Ahern, N.R.; Kiehl, E.M.; Sole, M.L.; Byers, J. (2006) A review of instruments measuring resilience. *Comprehensive Pediatric Nursing*, 29(2), 103–125.
- American Psychological Association. (2010). DICIONARIO DE PSICOLOGIA - APA. (Obra original publicada em, Trans. 2007) (p. 1040). Porto Alegre: ARTMED.
- Andrich, D. (1988). Rasch models for measurement. *Newbury Park, CA: SAGE Publications*.

- Bandeira, C.M.; Hutz, C.S. (2010) As implicações do bullying na auto-estima de adolescentes. *Psicologia Escolar e Educacional*. 14(1), 131-138.
- Bandura, A. (1989) Regulation of Cognitive Processes Through Perceived Self-Efficacy. *Developmental Psychology*. 25(5), 729-735.
- Bandura, A. (1977) Self-efficacy: Toward a Unifying Theory of Behavioral Change. *Psychological Review*. 84(2), 191-215.
- Barbosa, G. (2006). Resiliência em professores do ensino fundamental da 5ª a 8ª série: validação e aplicação do “Questionário do índice de resiliência: adultos REIVICH-HATTÉ/BARBOSA”. *Tese de Doutorado de Psicologia Clínica – PUC/SP*.
- Barlach, L. (2005) O que é resiliência humana? Uma contribuição para a construção do conceito. Dissertação de Mestrado, Curso de Pós-graduação em Psicologia Social. Universidade de São Paulo. Recuperado em Outubro de 2012, de <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-19062006-101545/pt-br.php>
- Barreira, D.D.; Nakamura, A.P. (2006) Resiliência e a auto-eficácia percebida: articulação entre conceitos. *Aletheia*, 23(n/i), 75-80.
- Brown, D.L. (2008). African American Resiliency: Examining Racial Socialization and Social Support as Protective Factors. *Journal of Black Psychology*. 34 (1), 32-48.
- Campbell-Sills, L.; Stein, M.B. (2007) Psychometric analysis and refinement of the Connor-davidson Resilience Scale (CD-RISC): Validation of a 10-item measure of resilience. *J Trauma Stress*, 20(6), 1019-1028.
- Cardoso, T.; Martins, M.C.F. (2013) Escala dos Pilares da Resiliência – EPR. São Paulo: Vetor.

- Carr, E. (2007). The expanding vision of positive behavior support. *Journal of Positive Behavior Interventions*, 9(1), 3-14.
- Carvalho, L.F. (2011) Desenvolvimento e verificação das propriedades psicométricas do inventário dimensional clínico da personalidade. Tese de doutorado, Curso de Pós-graduação em Psicologia. Universidade de São Francisco.
- Carver, C.S.; Scheier, M.F.; Segerstrom, S.C. (2012). Optimism. *Clinical Psychology Review*. 30(n/i), 879–889.
- Cast, A.D.; Burke, P.J. (2002). A Theory of Self-Esteem. *Social Forces*, 80(3), 1041-1068.
- Cattell, R. B. (1966). The scree test for the number of factors. *Multivariate behavioral research*, 1(2), 245-276. Retirado de http://www.tandfonline.com/doi/pdf/10.1207/s15327906mbr0102_10 em dezembro de 2013.
- Chan, I.W.S.; Lai, J.C.L.; Wong, K.W.N. (2006) Resilience is associated with better recovery in Chinese people diagnosed with coronary heart disease. *Psychology and Health*, 21(3), 335-349.
- Connor, K.M.; Davidson, J.R.T. (2003) Development of a new resilience scale: the Connor-Davidson Resilience Scale (CD-RISC). *Depression and Anxiety*. 18(n/i), 76-82.
- Damásio, B.F.; Borsa, J.C.; Silva, J.P. (2011) 14-Item Resilience Scale (RS-14):psychometric properties of the brazilian version. *Journal of Nursing Measurement*. 19(3), 131-145.
- Davydov, D.M.; Stewart, R.; Ritchie, K.; Chaudieu, I. (2010) Resilience and mental health. *Clinical Psychology Review*. 30(n/i), 479-495.
- Deslandes, SF; Junqueira, MFPS, (2003). Resiliência e maus-tratos à criança. *Cad. Saúde Pública*, 19(1), 227-235.

- Ferreira, A.B.H. (1999). Novo Aurélio Século XXI: o dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Friborg, O.; Hjemdsk, H.; Martinussen, M. (2003). A new rating scale for adult resilience: what are the central protective resources behind healthy adjustment? ; *International Journal of Methods in Psychiatric Research*, 12(2) , 65-76;
- Frie, L.; Chapman, E. (2012) An investigation into the capacity of student motivation and emotion regulation strategies to predict engagement and resilience in the middle school classroom. *Aust. Educ. Res.* 39 (n/i), 295-311.
- Gardner, T.W.; Dishion, T.J.; Connell, A.M. (2008) Adolescent Self-Regulation as Resilience: Resistance to Antisocial Behavior within the Deviant Peer Context. *J Abnorm Child Psychol.* 36 (n/i), 273-284.
- Grotberg, E.H. (2001) Resilience programs for children in disaster. *Ambulatory Child Health.* 7(2), 75–83.
- Grotberg, E.H. (2003) Promoting resilience in displaced persons. *The Ahfad Journal.* 20(1), 27-37.
- Grotberg EH. Introdução: novas tendências em resiliência. In: Resiliência: descobrindo as próprias fortalezas. Aldo M, Elbio NSO e colaboradores. [Organizadores] Traduzido por Valério C. Porto Alegre: Artmed; 2005. p. 15.
- Hair, J. F., Anderson, R. E., Tatham, R. L., & Black, W. C. (2005). *Análise Multivariada de Dados*. Porto Alegre: Bookman.
- Harmell, A.L.; Chattillion, E.A.; Roepke, S.K.; Mausbach, B.T. (2011) A Review of the Psychobiology of Dementia Caregiving: A Focus on Resilience Factors. *Curr Psychiatry Rep.* 13(n/i), 219–224
- Hayton, J. C., Allen, D. G., & Scarpello, V. (2004). Factor Retention Decisions in Exploratory Factor Analysis: a Tutorial on Parallel Analysis. *organ res meth*, 7(2), 191-205.

- Horn, J. L. (1965). A rationale and test for the number of factors in factor analysis. *Psychometrika*, 30, 179-185.
- Hutz, C. Nunes, C.H.S.S. (2001) Escala Fatorial de Ajustamento Emocional/Neuroticismo – EFN. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Hutz, C.; Zanon, C. (2011) Revisão da adaptação, validação e normatização da Escala de Autoestima de Rosenberg. *Avaliação Psicológica*. 10(1), 41-49.
- Jindal-Snape, D.; Miller, D.J. (2008) A Challenge of Living? Understanding the Psycho-social Processes of the Child During Primary-secondary Transition Through Resilience and Self-esteem Theories . *Educ Psychol Rev*. 20 (n/i), 217–236.
- Kaiser HF. (1960) The application of electronic computers to factor analysis. *Educational and Psychological Measurement*. 20 (n/i), 141-51.
- Kim, H.K; Davis, K.E. (2009) Toward a comprehensive theory of problematic Internet use: evaluating the role of self-esteem, anxiety, flow, and the self-rated importance of Internet activities . 25(n/i). 490-500.
- Krueger, R. F., Derringer, J., Markon, K. E., Watson, D., & Skodol, A. E. (2011). Initial construction of a maladaptive personality trait model and inventory for DSM-5. *Psychol Med*, 1-12.
doi:10.1017/S0033291711002674
- Kobau, R.; Seligman, M.E.P.; Peterson, C.; Diener, E.; Zack, M.M; Chapman, D.; Thompson, W. (2011) Mental Health Promotion in Public Health: Perspectives and Strategies From Positive Psychology. *American Journal of Public Health*. 101(8), e3-e9.
- Lautenschlager, G. J. (1989). A comparison of alternatives to conducting monte carlo analyses for determining parallel analysis criteria. *Multivariate Behavioral Research*, 24, 365-395.
- Leipold, B.; Greve, W. (2009) Resilience: A conceptual bridge between coping and development. *European Psychologist*, 14(1), 40-50.

- Linacre, J. M., & Wright, B. D. (1991). Winsteps - Rasch-Model computer programs. *Chicago*: MESA Press.
- Linacre, J. M. (2011). A user's guide to WINSTEPS and MINISTEPS. *Chicago, IL: Winsteps. com.*
- Lopes, V.R.; Martins, M.C.F. (2011) Validação Fatorial da Escala de Resiliência de Connor-Davidson (Cd-Risc-10) para Brasileiros. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*. 11(2), 36-50.
- Masten, A.S. (2011) Resilience in children threatened by extreme adversity: Frameworks for research, practice, and translational synergy. *Development and Psychopathology*. 23(n/i), 493–506
- Mausbach, B.T.; Känel, R.V.; Roepke, S.K.; Moore, R., Patterson, T.L.; Mills, P.J.; Dimsdale, J.E.; Ziegler, M.G.; Ancoli-Israel, S.; Allison, M.; Grant, I. (2011) Self-efficacy Buffers the Relationship between Dementia Caregiving Stress and Circulating Concentrations of the Pro-inflammatory Cytokine Interleukin-6. *Am J Geriatr. Psychiatry*. 19(1), 64-71.
- Messick, S. (1995). Validity of psychological assessment: validation of inferences from persons' responses and performances as scientific inquiry into score meaning. *American psychologist*, 50(9), 741.
- Nunes, M. F. (2009) Estudo psicométricos da Escala de Auto-eficácia para atividades ocupacionais. Tese de doutorado, Curso de Pós-graduação em Psicologia. Universidade de São Francisco, Recuperado em Abril de 2013, de [http://webp.usf.edu.br/ititiba/mestrado/psicologia/uploadAddress/MAIANA_F_NUNES\[11303\].pdf](http://webp.usf.edu.br/ititiba/mestrado/psicologia/uploadAddress/MAIANA_F_NUNES[11303].pdf)
- Nunes, C. H. S. da S. (2005). Construção, normatização e validação das escalas de socialização e extroversão no modelo dos cinco grandes fatores. Tese de doutorado, Curso de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento. Universidade Federal do Rio grande do Sul. Recuperado em Outubro de 2011, de <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/8368/000574856.pdf?Sequence=1>.

- Nunes, C. H. S. S., Hutz, C. S., & Nunes, M. F. O. (2010). *Bateria Fatorial de Personalidade (BFP) - Manual técnico*. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo.
- Nunes, M.F.O., Muniz, M., Nunes, C.H.S.S., Primi, R., Miguel, F. K. (2010). Escala Fatorial de Socialização- Versão Reduzida: Seleção de Itens e Propriedade Psicométricas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23(2), 345-353.
- Oliveira, M.A.; Reis, V.L.; Zanelato, L.S.; Neme, C.M.B. (2008) Resiliência: análise das publicações no período de 2000 a 2006. *Psicologia Ciência e Profissão*. 28(4), 754-767.
- Paludo, S. S; Koller, S. H.(2008) Toda criança tem família: criança em situação de rua também. *Psicologia & Sociedade*; 20 (1), 42-52.
- Pasquali, L. (2011) *Psicometria: teoria dos testes na psicologia e na educação*. Petrópolis-RJ:Vozes.
- Pasquali, L. (Ed.). (2010). *Instrumentação Psicológica: Fundamentos e Práticas*. Porto Alegre: Artmed.
- Pasquali, L. (1999) *Instrumentos Psicológicos: manual prático de elaboração*. Brasília: LabPAM-IBAPP.
- Peltz, L. Moraes, M.G.; Carlotto, M.S. (2010) Resiliência em estudantes do Ensino Médio. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, 14(1), 87-94.
- Pesce, R.P.; Assis, S.G.; Avanci, J.Q.; Santos, N.C.; Carvalhaes, R. (2006) Adaptação transcultural, confiabilidade e validade da escala de resiliência. *Caderno Saúde Pública*. 21(2), 436-448.
- Poletto, M.; Koller, S.H. (2008). Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção . *Estudos de Psicologia Campinas*. 25(3), 405-416.
- Primi, R., Muniz, M. & Nunes, C.H.S.S. (2009). Definições contemporâneas de validade de testes psicológicos. In C. S. Hurtz (Org.), *Avanços e polêmicas em avaliação psicológica* (pp. 243-265). São Paulo: Casa do Psicólogo

- Ralha-Simões, H. (2001). Resiliência e desenvolvimento pessoal. In: Resiliência e educação. (95-113) São Paulo: *Cortez*.
- Rasmussen, H.N.; Scheier, M.F.; Greenhouse, J.B. (2009). Optimism and Physical Health: A Meta-analytic Review . *Ann. behav. med.* 37(n/i), 239–256 .
- Reivich, K.J.; Seligman, M.E.P.; McBride, S. (2011) Master Resilience Training in the U.S. Army. *American Psychological Association*. 66 (1), 25-34
- Reppold, C.T.; Mayer, J.C.; Almeida, L.S.; Hutz, C.S. (2012) Avaliação da Resiliência: controvérsia em torno do uso das escalas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 25(2), 248-255.
- Ribeiro, C. (2003) Metacognição: Um Apoio ao Processo de Aprendizagem. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(1), 109-116.
- Rutter, M. (1985) Resilience in the Face of Adversity: protective factors and resistance to psychiatric disorder. *British Journal of Psychiatry*, 147(n/i), 598-611.
- Rutter, M. (1999). Resilience concepts and findings: implications for family therapy. *Journal of Family Therapy*. 21(n/i), 119–144.
- Rutter, M. (2007). Resilience, competence, and coping . *Child Abuse & Neglect*, 31(n/i), 205–209
- Sapienza, G.; Pedromênico, M.R.M. (2005) Risco, proteção e resiliência no desenvolvimento da criança e do adolescente. *Psicologia em Estudo, Maringá*, 10(2), 209-216.
- StataCorp. (2011). *Stata 12: Release 12*. Statistical Software. *College Station, TX: StataCorp LP*
- Seligman, M.E.P. (1995) The Effectiveness of Psychotherapy: the consumer reports study. *American Psychologist*. 50(12), 965-974.
- Seligman, M.E.P.; Csikszentmihalyi, M. (2000) Positive psychology: an introduction. *American Psychologist*, 55(1), 5-14.

- Seligman, M.E.P.(2009) Felicidade autêntica: usando a psicologia positiva para a realização permanente. Rio de Janeiro: *Vozes*.
- Segovia, F.; Moore, J.L.; Linnville, S.E.; Hoyt, R.E.; Hain, R.E. (2012) Optimism Predicts Resilience in Repatriated Prisoners of War: A 37-Year Longitudinal Study. *Journal of Traumatic Stress*. 25(n/i), 330-336.
- Sbicigo, J. B.; Teixeira, M.A.P.; Dias, A.C.G.; Dell'Aglio, D.D. (2012) Propriedades Psicométricas da Escala de Autoeficácia Geral Percebida (EAGP). *Psico*, 43(2), 139-146.
- Smith, B.W.; Dalen, J.; Wiggins, K.; Tooley, E.; Christopher, Bernerd, J. (2008) The Brief Resilience Scale: Assessing the Ability to Bounce Back. *International Journal of Behavioral Medicine*, 15(n/i), 194–200.
- Souza, I.; Souza, M.A. (2004). Validação da Escala de Auto-Eficácia Geral, Percebida. *Rev. Univ. Rural, Sér. Ciências Humanas. Seropédica*. 26(2), 12-17.
- Taboada, N.G., Legal, E.J., Machado, N. (2006) Resiliência: em busca de um conceito. *Rev Bras Crescimento Desenvolv Hum*. 16(3). 104-113.
- Tavares, J, A (2001). Resiliência na sociedade emergente. In: Resiliência e educação. (43-75). São Paulo: *Cortez*.
- Velicer, W. F., Eaton, C. A., & Fava, J. L. (2000). Construct explication through factor or component analysis: A review and evaluation of alternative procedures for determining the number of factors or components. In R. D. Goffin & E. Helmes (Eds.), Problems and solutions in human assessment: Honoring Douglas N. Jackson at seventy (pp. 41-71). Boston: *Kluwer Academic Publishers*.
- Wagnild, G.M.; Young, H.M. (1993). Development and psychometric evaluation of resilience scale. *J Nurs Meas*. 1(n/1), 165-178.

- Werner, E.E. (1993) Risk, resilience and recovery: perspectives from the Kauai Longitudinal Study. *Development and Psychopathology*. 5(n/i), 503-515.
- Werner, E.E. (1997) Vulnerable but invincible: high-risk children from birth to adulthood. *Acta Paediatr Suppl*. 422(n/i). 103-105.
- Wills, T.A.; Pokhrel, P.; Morehouse, E.; Fenster, B. (2011) Behavioral and Emotional Regulation and Adolescent Substance Use Problems: A Test of Moderation Effects in a Dual-Process Model. *Psychology of Addictive Behaviors*. 25(2), 279-292
- Wills, T.A.; Bantum, E.O. (2012) Social Support, Self-Regulation, and Resilience in Two Populations: General-Population Adolescents and Adult Cancer Survivors. *Journal of Social and Clinical Psychology*. 31(6), 568-592.
- Windle, G. (2010) What is resilience? A review and concept analysis. *Reviews in Clinical Gerontology*. 21(n/i), 152–169.
- Windle, G.; Bennett, K.M.; Noyes, J. (2011). Open Access A methodological review of resilience measurement scales . *Health and Quality of Life Outcomes*, 9(8), 1-18.
- Winsett, R.P.; Stender, S.R., Gower, G. ; Brughen, G. (2010) Adolescent self-efficacy and resilience in participants attending a diabetes Camp. *Pediatric Nursing*, 36(6), 293-296.
- Zwick, W. R., & Velicer, W. F. (1986). Comparison of five rules for determining the number of components to retain. *Psychological Bulletin*, 99, 432-442.
- Yunes, M.A.M. (2003) Psicologia Positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. *Psicologia em Estudo*. 8(esp.). 75-84.

APÊNDICES

Apêndice 1**CONSTRUÇÃO E ESTUDOS INICIAIS DE VALIDAÇÃO DE UMA MEDIDA DE RESILIÊNCIA**

Esta pesquisa tem como objetivo o desenvolvimento de uma escala para avaliação de resiliência, a qual consiste na capacidade que as algumas pessoas possuem de passar por uma situação difícil, adaptar-se e superá-la, saindo transformado da mesma. Este projeto segue as exigências e cuidados éticos para a realização de pesquisas com seres humanos e apresenta o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética número 761/10 no CEP da UFSC. Este estudo contará com a participação de pessoas com idade superior e inferior a 18 anos, e um grupo clínico com pessoas acima de 18 anos que passaram por histórico de câncer. Para participar, você deverá responder algumas perguntas que descrevem situações do cotidiano e quais são suas reações comuns frente a elas.

A sua participação é voluntária e pode ser interrompida a qualquer momento. A realização deste teste, apesar de não oferecer qualquer risco, pode causar cansaço e alguns itens podem gerar constrangimento. Você poderá receber os resultados da pesquisa e com isso aumentar seu autoconhecimento. Os resultados dessa pesquisa poderão auxiliar nas avaliações e intervenções de psicólogos, por isso possuem um benefício para a comunidade por meio da ampliação dos instrumentos utilizados por psicólogos que atuam em áreas variadas.

Os seus dados pessoais e respostas serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos serão utilizados apenas para alcançar os objetivos do trabalho, expostos acima, incluída sua publicação na literatura científica especializada. Ao concordar em participar desta pesquisa, você indica estar ciente que a sua participação é voluntária, que não envolve qualquer pagamento e que você pode interromper a tarefa a qualquer momento.

Você poderá entrar em contato com os pesquisadores responsáveis pelo estudo, Prof. Dr. Carlos Henrique Sancineto da Silva Nunes e Nathalia Piacentini, pelo e-mail carlos.sancineto@pesquisador.cnpq.br, nathaliapiacentini@gmail.com ou por telefone (48) 3721-9904.

Florianópolis, ____ de _____ de 20____ *

Eu, _____ * dou
meu consentimento livre e esclarecido para participar como voluntário
do projeto de pesquisa citado, coordenado pelo Prof. Dr. Carlos
Henrique Sancineto da Silva Nunes, do Departamento de Psicologia da
UFSC.

Nathalia Piacentini

Pesquisadora responsável pela pesquisa

Prof. Dr. Carlos Henrique S. S. Nunes

Pesquisador coordenador

Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina

Apêndice 2**CONSTRUÇÃO E ESTUDOS INICIAIS DE VALIDAÇÃO DE UMA MEDIDA DE RESILIÊNCIA**

Esta pesquisa tem como objetivo o desenvolvimento de uma escala para avaliação de resiliência, a qual consiste na capacidade que as algumas pessoas possuem de passar por uma situação difícil, adaptar-se e superá-la, saindo transformado da mesma. Este projeto segue as exigências e cuidados éticos para a realização de pesquisas com seres humanos e apresenta o Certificado de Apresentação para Apreciação Ética número 761/10 no CEP da UFSC. Este estudo contará com a participação de pessoas com idade superior e inferior a 18 anos, e um grupo clínico com pessoas acima de 18 anos que passaram por histórico de câncer. Para participar, você deverá responder algumas perguntas que descrevem situações do cotidiano e quais são suas reações comuns frente a elas.

A sua participação é voluntária e pode ser interrompida a qualquer momento. A realização deste teste, apesar de não oferecer qualquer risco, pode causar cansaço e alguns itens podem gerar constrangimento. Você poderá receber os resultados da pesquisa e com isso aumentar seu autoconhecimento. Os resultados dessa pesquisa poderão auxiliar nas avaliações e intervenções de psicólogos, por isso possuem um benefício para a comunidade por meio da ampliação dos instrumentos utilizados por psicólogos que atuam em áreas variadas.

Os seus dados pessoais e respostas serão mantidos em sigilo e os resultados gerais obtidos serão utilizados apenas para alcançar os objetivos do trabalho, expostos acima, incluída sua publicação na literatura científica especializada. Ao concordar em participar desta pesquisa, você indica estar ciente que a sua participação é voluntária, que não envolve qualquer pagamento e que você pode interromper a tarefa a qualquer momento.

Você poderá entrar em contato com os pesquisadores responsáveis pelo estudo, Prof. Dr. Carlos Henrique Sancineto da Silva Nunes e Nathalia Piacentini, pelo e-mail carlos.sancineto@pesquisador.cnpq.br, nathaliapiacentini@gmail.com ou por telefone (48) 3721-9904.

Florianópolis, ____ de _____ de 20____ *

Eu, _____ * dou
meu
consentimento livre e esclarecido para meu filho ,
_____participar como voluntário do
projeto de pesquisa citado, coordenado pelo Prof. Dr. Carlos Henrique
Sancineto da Silva Nunes, do Departamento de Psicologia da UFSC.

Nathalia Piacentini
Pesquisadora responsável pela pesquisa
Prof. Dr. Carlos Henrique S. S. Nunes
Pesquisador coordenador
Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina

Apêndice 3 – Desordem nas categorias dos itens - Adaptação

ITEM CATEGORY/OPTION/DISTRACTOR FREQUENCIES: MEASURE ORDER									
ENTRY NUMBER	DATA CODE	SCORE VALUE	DATA COUNT	%	AVERAGE ABILITY	S.E. MEAN	OUTF PTMEA		ITEM
9	1	1	183	44	-.05	.03	1.0	-.42	etr010aev1p
	2	2	89	21	.19	.04	.7	-.02	
	3	3	82	20	.42	.05	.8	.18	
	4	4	46	11	.59	.07	1.0	.24	
	5	5	19	5	1.05	.19	.8	.33	
	MISSING	***	15	3#	-.11	.15		-.07	
1	1	1	166	40	-.05	.04	1.1	-.38	etr002aev1p
	2	2	88	21	.14	.04	.8	-.07	
	3	3	83	20	.38	.05	.9	.15	
	4	4	45	11	.65	.08	.7	.28	
	5	5	38	9	.59 ^a	.12	1.7	.22	
	MISSING	***	14	3#	.21	.11		.00	
31	1	1	163	39	-.06	.03	1.0	-.38	etr038aev1p
	2	2	68	16	.14	.05	.8	.04	
	3	3	89	21	.26	.04	1.0	.06	
	4	4	41	10	.58	.11	1.4	.24	
	5	5	55	13	.63	.07	1.2	.32	
	MISSING	***	18	4#	.75	.27		.15	
7	1	1	120	29	-.24	.04	.7	-.53	etr008aev1p
	2	2	79	19	.13	.04	.7	-.07	
	3	3	101	24	.35	.04	.9	.14	
	4	4	72	17	.50	.05	.8	.24	
	5	5	48	11	.78	.10	.9	.37	
	MISSING	***	14	3#	-.08	.04		-.06	
29	1	1	91	22	-.30	.04	.7	-.50	etr036aev1p
	2	2	77	19	-.04	.03	.4	-.21	
	3	3	115	28	.26	.03	.6	.07	
	4	4	72	18	.58	.04	.4	.33	
	5	5	56	14	.71	.09	.9	.38	
	MISSING	***	22	5#	.51	.21		.10	
8	1	1	117	28	-.25	.04	.8	-.52	etr009aev1p
	2	2	64	15	.06	.04	.7	-.12	
	3	3	86	20	.28	.04	.6	.06	
	4	4	78	18	.48	.05	.8	.23	
	5	5	78	18	.68	.07	1.0	.41	
	MISSING	***	11	3#	.40	.55		.02	
3	5	1	119	29	-.12	.04	1.2	-.38	etr004aev1n
	4	2	51	12	.12	.06	1.3	-.06	
	3	3	67	16	.18	.05	1.1	-.02	
	2	4	66	16	.37	.04	.8	.13	
	1	5	114	27	.52	.06	1.3	.35	
	MISSING	***	17	4#	.25	.14		.01	
23	1	1	89	22	-.15	.05	1.2	-.34	etr028aev1p
	2	2	52	13	.05	.05	.9	-.11	
	3	3	115	28	.18	.04	1.0	-.01	
	4	4	77	19	.42	.05	.7	.20	
	5	5	79	19	.49	.07	1.3	.27	
	MISSING	***	22	5#	.62	.19		.14	
30	1	1	89	22	-.14	.05	1.2	-.34	etr037aev1p
	2	2	71	17	.07	.04	1.1	-.11	
	3	3	79	19	.23	.05	1.1	.03	
	4	4	69	17	.39	.06	1.1	.16	
	5	5	104	25	.43	.06	1.4	.25	
	MISSING	***	22	5#	.48	.21		.09	
21	5	1	90	22	-.17	.05	1.2	-.37	etr026aev1n
	4	2	56	13	.20	.05	1.5	.00	
	3	3	99	24	.28	.05	1.5	.09	
	2	4	76	18	.30	.05	1.0	.09	
	1	5	94	23	.37	.07	1.6	.18	
	MISSING	***	19	4#	.70	.24		.14	
11	1	1	66	16	-.27	.04	.8	-.38	etr012aev1p
	2	2	65	16	-.06	.06	1.0	-.21	
	3	3	104	25	.13	.04	1.0	-.08	
	4	4	103	25	.41	.04	.6	.23	
	5	5	74	18	.64	.07	.9	.39	
	MISSING	***	22	5#	.58	.22		.12	

5	1	1	84	20	-.26	.05	.9	-.43	etr006aevip
	2	2	56	13	-.06	.05	.8	-.20	
	3	3	85	20	.16	.04	.6	-.05	
	4	4	88	21	.35	.04	.7	.13	
	5	5	108	26	.65	.06	.9	.47	
	MISSING	***	13	3#	-.18	.17		-.07	
18	1	1	74	18	-.25	.05	.9	-.40	etr023aevip
	2	2	46	11	-.15	.05	.5	-.23	
	3	3	102	25	.15	.04	.7	-.06	
	4	4	91	22	.35	.04	.7	.14	
	5	5	101	24	.61	.06	1.0	.44	
	MISSING	***	20	5#	.58	.24		.11	
14	5	1	76	18	-.29	.05	.9	-.44	etr018aevip
	4	2	58	14	.00	.05	1.1	-.15	
	3	3	70	17	.18	.05	1.1	-.02	
	2	4	71	17	.32	.04	.7	.10	
	1	5	136	33	.51	.05	1.1	.40	
	MISSING	***	23	5#	.47	.20		.09	
25	1	1	57	14	-.32	.06	1.0	-.39	etr030aevip
	2	2	53	13	-.10	.05	.7	-.21	
	3	3	100	24	.10	.03	.5	-.10	
	4	4	104	25	.39	.03	.5	.21	
	5	5	102	25	.54	.06	1.2	.36	
	MISSING	***	18	4#	.76	.27		.15	
26	1	1	51	12	-.35	.05	.8	-.38	etr032aevip
	2	2	62	15	-.17	.04	.5	-.29	
	3	3	96	23	.05	.04	.7	-.15	
	4	4	92	22	.37	.04	.6	.17	
	5	5	113	27	.63	.05	.8	.49	
	MISSING	***	20	5#	.69	.23		.14	
26	1	1	51	12	-.35	.05	.8	-.38	etr032aevip
	2	2	62	15	-.17	.04	.5	-.29	
	3	3	96	23	.05	.04	.7	-.15	
	4	4	92	22	.37	.04	.6	.17	
	5	5	113	27	.63	.05	.8	.49	
	MISSING	***	20	5#	.69	.23		.14	
27	1	1	57	14	-.27	.06	1.0	-.35	etr033aevip
	2	2	58	14	-.12	.04	.6	-.24	
	3	3	82	20	.08	.05	1.0	-.11	
	4	4	103	25	.39	.04	.7	.20	
	5	5	114	28	.51	.05	1.1	.36	
	MISSING	***	20	5#	.56	.25		.10	
24	1	1	90	22	-.17	.05	1.2	-.36	etr029aevip
	2	2	34	8	.06	.07	1.3	-.08	
	3	3	67	16	.12	.04	.7	-.06	
	4	4	75	18	.30	.06	1.1	.09	
	5	5	149	36	.43	.05	1.2	.33	
	MISSING	***	19	4#	.67	.25		.13	
20	1	1	44	11	-.44	.06	.7	-.41	etr025aevip
	2	2	56	14	-.09	.05	.8	-.21	
	3	3	113	27	.09	.03	.7	-.12	
	4	4	83	20	.41	.04	.5	.20	
	5	5	117	28	.53	.06	1.1	.39	
	MISSING	***	21	5#	.61	.22		.12	
6	1	1	60	14	-.33	.05	.8	-.41	etr007aevip
	2	2	38	9	-.06	.06	.9	-.16	
	3	3	92	22	.11	.04	.8	-.10	
	4	4	92	22	.29	.04	.7	.08	
	5	5	139	33	.54	.05	1.1	.42	
	MISSING	***	13	3#	-.11	.02		-.06	
28	1	1	64	16	-.25	.05	.9	-.37	etr034aevip
	2	2	36	9	.01	.06	1.1	-.11	
	3	3	80	19	.08	.05	.9	-.11	
	4	4	93	23	.33	.05	1.0	.13	
	5	5	138	34	.44	.05	1.3	.32	
	MISSING	***	23	5#	.44	.20		.08	
2	5	1	65	15	-.14	.07	1.6	-.27	etr003aevip
	4	2	54	13	.07	.06	1.5	-.10	
	3	3	71	17	.09	.05	.9	-.10	
	2	4	62	15	.23	.04	.7	.01	
	1	5	169	40	.44	.05	1.3	.33	
	MISSING	***	13	3#	-.09	.14		-.05	

17	5	1	66	16	-.20	.06	1.3	-.32	etr021aev1n
	4	2	48	11	.00	.06	1.3	-.13	
	3	3	69	17	.08	.04	.7	-.10	
	2	4	69	17	.13	.04	1.0	-.06	
	1	5	166	40	.50	.04	1.0	.45	
	MISSING	***	16	4#	.79	.35		.14	
10	1	1	49	12	-.23	.07	1.2	-.29	etr011aev1p
	2	2	47	11	-.16	.05	.8	-.24	
	3	3	85	21	.08	.04	.9	-.12	
	4	4	88	21	.34	.04	.6	.14	
	5	5	143	35	.45	.05	1.2	.34	
	MISSING	***	22	5#	.46	.21		.08	
33	1	1	53	13	-.25	.06	1.0	-.32	etr040aev1p
	2	2	45	11	-.13	.06	.8	-.21	
	3	3	84	20	.01	.04	.7	-.18	
	4	4	85	20	.31	.04	.6	.11	
	5	5	150	36	.49	.05	1.0	.42	
	MISSING	***	17	4#	.90	.27		.18	
4	1	1	43	10	-.27	.06	.9	-.30	etr005aev1p
	2	2	55	13	-.18	.05	.7	-.27	
	3	3	84	20	.04	.04	.8	-.16	
	4	4	85	20	.32	.04	.9	.10	
	5	5	149	36	.52	.05	1.0	.43	
	MISSING	***	18	4#	.21	.17		.00	
32	5	1	50	12	-.26	.07	1.3	-.32	etr039aev1n
	4	2	44	11	.00	.06	1.2	-.13	
	3	3	81	20	.09	.04	.9	-.10	
	2	4	81	20	.22	.04	.7	.02	
	1	5	157	38	.45	.05	1.2	.36	
	MISSING	***	21	5#	.59	.22		.12	
15	5	1	52	13	-.26	.07	1.1	-.33	etr019aev1n
	4	2	40	10	-.08	.06	1.1	-.17	
	3	3	82	20	.01	.04	.6	-.18	
	2	4	78	19	.18	.04	.8	-.02	
	1	5	161	39	.52	.04	1.0	.48	
	MISSING	***	21	5#	.56	.22		.11	
12	1	1	52	13	-.06	.07	1.8	-.18	etr015aev1p
	2	2	39	9	-.21*	.06	.8	-.25	
	3	3	79	19	.09	.05	1.0	-.10	
	4	4	80	19	.28	.05	.9	.08	
	5	5	165	40	.39	.04	1.2	.28	
	MISSING	***	19	4#	.65	.26		.12	
16	1	1	45	11	-.26	.07	1.1	-.30	etr020aev1p
	2	2	35	8	-.15	.07	.9	-.20	
	3	3	83	20	.04	.04	.7	-.15	
	4	4	93	22	.23	.05	1.0	.03	
	5	5	161	39	.47	.04	1.0	.40	
	MISSING	***	17	4#	.75	.30		.14	
22	5	1	36	9	-.31	.09	1.3	-.29	etr027aev1n
	4	2	32	8	.00	.09	1.6	-.11	
	3	3	56	13	.03	.05	.9	-.12	
	2	4	89	21	.23	.04	.8	.03	
	1	5	202	49	.35	.04	1.1	.28	
	MISSING	***	19	4#	.72	.24		.14	
19	5	1	34	8	-.24	.08	1.4	-.25	etr024aev1n
	4	2	19	5	-.12	.10	1.2	-.13	
	3	3	46	11	-.18*	.06	.6	-.25	
	1	5	256	62	.38	.03	1.0	.42	
	MISSING	***	19	4#	.57	.27		.10	
13	5	1	24	6	-.17	.13	2.0	-.17	etr016aev1n
	4	2	23	6	-.16	.09	1.2	-.16	
	3	3	45	11	-.09	.06	.8	-.19	
	2	4	53	13	.04	.04	.4	-.11	
	1	5	272	65	.34	.03	1.0	.36	
	MISSING	***	17	4#	.74	.31		.14	

* Average ability does not ascend with category score

Missing % includes all categories. Scored % only of scored categories

Apêndice 4 – Desordem nas categorias dos itens - Autoestima

"etr????f1?" ITEM CATEGORY/OPTION/DISTRACTOR FREQUENCIES: MEASURE ORDER

ENTRY NUMBER	DATA CODE	SCORE VALUE	DATA COUNT	%	AVERAGE ABILITY	S.E. MEAN	OUTF MNSQ	PTMEA CORR.	ITEM
51	1	1	47	11	.39	.15	2.5	-.21	etr073af1p
	2	2	82	19	.33*	.07	.8	-.33	
	3	3	149	35	.92	.06	1.1	-.04	
	4	4	101	23	1.38	.08	1.3	.23	
	5	5	51	12	1.92	.15	1.1	.36	
	MISSING	***	6	1#	.93	.35		-.01	
3	1	1	33	8	.13	.16	1.6	-.26	etr003af1p
	2	2	54	12	.24	.10	1.1	-.29	
	3	3	142	33	.78	.06	1.2	-.15	
	4	4	123	28	1.21	.06	.9	.15	
	5	5	82	19	1.81	.11	1.2	.42	
	MISSING	***	2	0#	-.06			-.05	
52	1	1	14	3	-.06	.23	1.4	-.20	etr074af1p
	2	2	42	10	-.07*	.09	.5	-.36	
	3	3	169	39	.66	.05	.8	-.27	
	4	4	133	31	1.28	.06	.9	.20	
	5	5	71	17	2.03	.12	.9	.49	
	MISSING	***	7	2#	.47	.34		-.06	
24	1	1	22	5	-.27	.16	1.0	-.30	etr040af1p
	2	2	40	9	.26	.12	1.3	-.24	
	3	3	145	34	.64	.06	1.0	-.25	
	4	4	145	34	1.25	.06	.9	.20	
	5	5	78	18	1.85	.11	1.1	.42	
	MISSING	***	6	1#	.58	.27		-.05	
18	1	1	30	7	-.14	.15	1.3	-.32	etr032af1p
	2	2	61	14	.20	.07	.8	-.33	
	3	3	117	27	.70	.06	1.1	-.17	
	4	4	113	26	1.25	.06	.8	.17	
	5	5	112	26	1.70	.09	1.1	.45	
	MISSING	***	3	1#	1.77	.88		.06	
19	1	1	33	8	.13	.13	1.6	-.25	etr033af1p
	2	2	42	10	.15	.11	.9	-.29	
	3	3	130	30	.74	.06	1.1	-.16	
	4	4	121	28	1.13	.06	1.0	.10	
	5	5	106	25	1.69	.10	1.3	.42	
	MISSING	***	4	1#	.63	.54		-.03	
15	1	1	35	8	-.01	.15	1.7	-.31	etr025af1p
	2	2	48	11	.42	.10	1.4	-.21	
	3	3	108	25	.66	.07	1.0	-.20	
	4	4	133	31	1.10	.06	1.0	.08	
	5	5	109	25	1.73	.09	1.2	.45	
	MISSING	***	3	1#	-.51	.32		-.11	
49	1	1	28	6	.57	.19	3.1	-.11	etr071af1p
	2	2	45	10	.30*	.11	1.5	-.24	
	3	3	114	26	.50*	.07	.9	-.29	
	4	4	141	33	1.09	.06	1.0	.09	
	5	5	104	24	1.71	.10	1.2	.44	
	MISSING	***	4	1#	2.07	.82		.10	
6	1	1	28	6	-.17	.14	1.2	-.32	etr006af1p
	2	2	37	9	.35	.12	1.4	-.20	
	3	3	112	26	.58	.06	.9	-.24	
	4	4	140	32	1.09	.06	1.1	.08	
	5	5	115	27	1.70	.09	1.1	.46	
	MISSING	***	4	1#	1.21	.86		.02	
62	1	1	19	4	-.05	.21	1.7	-.23	etr088af1p
	2	2	35	8	-.15*	.09	.5	-.35	
	3	3	123	29	.46	.05	.7	-.34	
	4	4	132	31	1.11	.05	.7	.09	
	5	5	120	28	1.87	.08	.8	.57	
	MISSING	***	7	2#	.60	.33		-.05	
26	1	1	19	4	-.24	.20	1.3	-.27	etr043af1p
	2	2	29	7	.05	.11	.8	-.26	
	3	3	117	27	.47	.06	.8	-.33	
	4	4	164	38	1.13	.05	.8	.12	
	5	5	103	24	1.81	.09	.9	.49	
	MISSING	***	4	1#	.39	.32		-.05	

22	1	1	17	4	-.31	.19	1.1	-.27	etr037af1p
	2	2	26	6	-.04	.14	.9	-.27	
	3	3	100	23	.37	.06	.6	-.35	
	4	4	173	40	1.10	.05	.7	.10	
	5	5	116	27	1.76	.09	1.0	.49	
	MISSING	***	4	1#	.04	.43		-.08	
67	1	1	15	4	-.44	.19	1.0	-.28	etr094af1p
	2	2	34	8	-.09	.10	.7	-.33	
	3	3	97	23	.32	.06	.5	-.37	
	4	4	143	34	1.11	.05	.7	.09	
	5	5	135	32	1.76	.07	.9	.55	
	MISSING	***	12	3#	.61	.20		-.06	
69	1	1	17	4	.14	.27	2.4	-.18	etr098af1p
	2	2	29	7	-.18*	.12	.7	-.33	
	3	3	94	22	.35	.06	.6	-.36	
	4	4	140	33	1.01	.05	.7	.01	
	5	5	138	33	1.77	.07	.8	.56	
	MISSING	***	18	4#	.56	.18		-.09	
20	1	1	18	4	-.07	.22	1.7	-.23	etr034af1p
	2	2	23	5	-.06	.11	.7	-.26	
	3	3	92	21	.49	.07	1.0	-.27	
	4	4	177	41	1.06	.05	1.0	.07	
	5	5	121	28	1.58	.09	1.3	.39	
	MISSING	***	5	1#	1.21	.44		.02	
27	1	1	16	4	-.45	.12	.8	-.29	etr044af1p
	2	2	26	6	-.09	.12	.7	-.28	
	3	3	112	26	.50	.06	1.0	-.30	
	4	4	134	31	1.14	.06	.9	.12	
	5	5	145	33	1.55	.08	1.2	.42	
	MISSING	***	3	1#	.69	.21		-.02	
5	1	1	23	5	-.14	.15	1.4	-.28	etr005af1p
	2	2	29	7	-.20*	.11	.7	-.33	
	3	3	80	18	.44	.07	.9	-.27	
	4	4	122	28	.98	.05	.6	.00	
	5	5	179	41	1.55	.07	1.1	.50	
	MISSING	***	3	1#	.52	.21		-.03	
23	1	1	10	2	-.45	.22	1.0	-.23	etr039af1p
	2	2	34	8	-.26	.09	.6	-.38	
	3	3	88	20	.37	.06	.8	-.32	
	4	4	126	29	.83	.04	.3	-.10	
	5	5	176	41	1.71	.06	.9	.63	
	MISSING	***	2	0#	.89			.00	
34	1	1	14	3	-.32	.24	1.5	-.25	etr051af1p
	2	2	21	5	.03	.15	1.1	-.23	
	3	3	78	18	.32	.08	.9	-.33	
	4	4	152	35	.97	.05	.8	-.01	
	5	5	166	39	1.54	.07	1.1	.46	
	MISSING	***	5	1#	.41	.46		-.06	
41	1	1	10	2	.44	.44	4.8	-.09	etr060af1p
	2	2	27	6	-.11*	.12	.9	-.29	
	3	3	86	20	.24*	.06	.6	-.38	
	4	4	124	29	.91	.06	.7	-.05	
	5	5	184	43	1.57	.07	1.0	.53	
	MISSING	***	5	1#	.44	.28		-.05	
39	1	1	12	3	-.15	.24	1.6	-.20	etr058af1p
	2	2	25	6	-.20*	.12	.8	-.31	
	3	3	72	17	.20	.06	.5	-.37	
	4	4	135	31	.87	.05	.6	-.08	
	5	5	188	44	1.59	.06	1.0	.56	
	MISSING	***	4	1#	.03	.66		-.08	
28	1	1	11	3	-.47	.23	1.1	-.24	etr045af1p
	2	2	20	5	-.47*	.10	.4	-.33	
	3	3	63	15	.12	.06	.4	-.37	
	4	4	150	35	.81	.05	.5	-.13	
	5	5	184	43	1.66	.06	.8	.62	
	MISSING	***	8	2#	.68	.18		-.04	

38	1	1	4	1	-.51	.67	1.8	-.15	etr057af1p
	2	2	17	4	-.30	.17	.8	-.27	
	3	3	75	17	.07	.05	.4	-.44	
	4	4	147	34	.80	.05	.5	-.13	
	5	5	188	44	1.63	.06	.9	.60	
	MISSING	***	5	1#	.70	.23		-.03	
35	5	1	28	6	.46	.18	3.6	-.14	etr052af1n
	4	2	31	7	.49	.12	2.1	-.14	
	3	3	39	9	.19*	.11	1.0	-.26	
	2	4	66	15	.45*	.07	.4	-.23	
	1	5	268	62	1.33	.06	1.2	.47	
	MISSING	***	4	1#	.95	.29		.00	
4	1	1	17	4	-.15	.25	2.2	-.24	etr004af1p
	2	2	19	4	-.33*	.09	.6	-.29	
	3	3	60	14	.32	.09	1.1	-.28	
	4	4	95	22	.81	.07	.8	-.10	
	5	5	240	56	1.40	.06	1.0	.49	
	MISSING	***	5	1#	.39	.45		-.06	
11	1	1	10	2	-.76	.20	.8	-.28	etr013af1p
	2	2	17	4	-.28	.11	.7	-.27	
	3	3	67	15	.23	.07	.8	-.33	
	4	4	108	25	.75	.07	1.0	-.14	
	5	5	231	53	1.47	.05	.9	.55	
	MISSING	***	3	1#	.94	1.39		.00	
14	1	1	12	3	.06	.30	2.7	-.16	etr023af1p
	2	2	19	4	-.35*	.16	.9	-.30	
	3	3	58	13	.17	.07	.6	-.33	
	4	4	104	24	.79	.06	.8	-.11	
	5	5	241	56	1.40	.06	1.0	.50	
	MISSING	***	2	0#	.48			-.03	
13	1	1	6	1	-.53	.13	1.1	-.19	etr015af1p
	2	2	10	2	-.23	.23	1.1	-.20	
	3	3	42	10	.23	.14	2.1	-.26	
	4	4	99	23	.59	.06	.7	-.22	
	5	5	273	63	1.32	.05	1.0	.46	
	MISSING	***	6	1#	.41	.35		-.06	

* Average ability does not ascend with category score

Missing % includes all categories. Scored % only of scored categories

Apêndice 4 – Desordem nas categorias dos itens - Autoeficácia

"etr????f2?" ITEM CATEGORY/OPTION/DISTRACTOR FREQUENCIES: MEASURE ORDER

ENTRY NUMBER	DATA CODE	SCORE VALUE	DATA COUNT	%	AVERAGE ABILITY	S. E. MEAN	OUTF MNSQ	PTMEA CORR.	ITEM
10	1	1	31	7	.18	.12	1.3	-.25	etr012af2p
	2	2	56	13	.33	.07	.9	-.29	
	3	3	114	26	.88	.07	1.6	-.16	
	4	4	87	20	1.27	.08	1.1	.04	
	5	5	143	33	1.89	.11	1.5	.46	
	MISSING	***	5	1#	1.01	1.15		-.01	
59	1	1	18	4	.01	.18	1.3	-.22	etr085af2p
	2	2	44	10	.21	.08	.8	-.29	
	3	3	112	26	.59	.06	.8	-.31	
	4	4	137	32	1.25	.06	1.0	.04	
	5	5	118	28	2.21	.11	.9	.57	
	MISSING	***	7	2#	.25	.14		-.10	
29	1	1	19	4	-.08	.13	.9	-.24	etr046af2p
	2	2	39	9	.06	.07	.5	-.32	
	3	3	120	28	.58	.05	.6	-.34	
	4	4	122	29	1.24	.06	.7	.03	
	5	5	127	30	2.23	.10	1.0	.61	
	MISSING	***	9	2#	.64	.35		-.06	
9	5	1	27	6	-.09	.10	.9	-.29	etr011af2n
	4	2	48	11	.51	.09	1.7	-.21	
	3	3	98	23	.69	.07	1.3	-.23	
	2	4	101	23	1.06	.08	1.2	-.05	
	1	5	158	37	1.94	.09	1.2	.53	
	MISSING	***	4	1#	2.11	1.19		.07	
8	1	1	16	4	-.01	.23	1.7	-.21	etr009af2p
	2	2	42	10	.14	.08	.8	-.30	
	3	3	117	27	.56	.05	.6	-.33	
	4	4	108	25	1.18	.06	.7	.01	
	5	5	151	35	2.05	.10	1.0	.58	
	MISSING	***	2	0#	.43			-.03	
16	5	1	24	6	-.05	.13	1.0	-.27	etr027af2n
	4	2	37	9	.29	.10	1.3	-.24	
	3	3	101	23	.62	.06	1.1	-.28	
	2	4	103	24	.95	.05	.6	-.11	
	1	5	167	39	2.03	.09	1.0	.60	
	MISSING	***	4	1#	.12	.42		-.08	
45	1	1	12	3	-.07	.18	1.0	-.19	etr064af2p
	2	2	35	8	.02	.07	.5	-.31	
	3	3	106	25	.54	.06	.9	-.32	
	4	4	124	29	1.23	.06	.9	.03	
	5	5	153	36	1.94	.10	1.1	.51	
	MISSING	***	6	1#	.64	.30		-.05	
68	5	1	37	9	.33	.13	2.1	-.24	etr096af2n
	4	2	37	9	.55	.12	2.3	-.18	
	3	3	62	15	.71	.11	2.2	-.18	
	2	4	62	15	.86	.09	1.0	-.12	
	1	5	224	53	1.67	.08	1.3	.45	
	MISSING	***	14	3#	.43	.13		-.12	
21	5	1	17	4	-.23	.14	.9	-.25	etr035af2n
	4	2	28	6	.14	.09	.8	-.24	
	3	3	83	19	.37	.06	.5	-.35	
	2	4	123	28	.88	.05	.5	-.16	
	1	5	182	42	2.03	.08	.8	.65	
	MISSING	***	3	1#	.47	.03		-.04	
54	5	1	7	2	-.11	.32	1.5	-.15	etr076af2n
	4	2	21	5	.18	.13	1.2	-.20	
	3	3	69	16	.46	.08	1.2	-.28	
	2	4	114	27	.71	.07	.8	-.25	
	1	5	218	51	1.77	.07	.9	.55	
	MISSING	***	7	2#	1.22	.71		.00	

48	5	1	7	2	.25	.33	2.2	-.11	etr069af2n
	4	2	27	6	.14*	.11	1.2	-.24	
	3	3	65	15	.12*	.06	.4	-.40	
	2	4	91	21	.71	.06	.7	-.22	
	1	5	240	56	1.77	.07	.8	.61	
	MISSING	***	6	1#	1.12	.87		.00	
40	5	1	14	3	-.09	.16	1.3	-.21	etr059af2n
	4	2	19	4	.16	.15	1.5	-.19	
	3	3	40	9	.12*	.07	.5	-.30	
	2	4	71	16	.48	.07	.5	-.28	
	1	5	287	67	1.63	.06	.9	.56	
	MISSING	***	5	1#	.38	.08		-.07	
42	5	1	9	2	.32	.30	3.0	-.11	etr061af2n
	4	2	16	4	.20*	.18	1.7	-.17	
	3	3	41	10	.04*	.07	.5	-.33	
	2	4	74	17	.42	.06	.3	-.31	
	1	5	290	67	1.62	.06	.9	.56	
	MISSING	***	6	1#	.32	.11		-.08	

* Average ability does not ascend with category score

Missing % includes all categories. Scored % only of scored categories

Apêndice 5 – Desordem nas categorias dos itens - Otimismo

"etr????f3?" ITEM CATEGORY/OPTION/DISTRACTOR FREQUENCIES: MEASURE ORDER

ENTRY NUMBER	DATA CODE	SCORE VALUE	DATA COUNT	%	AVERAGE ABILITY	S.E. MEAN	OUTF MNSQ	PTMEA CORR.	ITEM
32	5	1	147	34	-.34	.06	1.1	-.46	etr049af3n
	4	2	91	21	.19	.06	1.0	.01	
	3	3	111	26	.39	.06	1.0	.15	
	2	4	45	10	.80	.12	1.2	.26	
	1	5	38	9	.82	.15	2.4	.25	
	MISSING	***	4	1#	.31	.67		.01	
63	5	1	120	28	-.24	.06	1.2	-.32	etr089af3n
	4	2	107	25	.06	.07	1.5	-.08	
	3	3	109	25	.23	.06	1.3	.04	
	2	4	52	12	.60	.11	2.3	.19	
	1	5	43	10	.96	.15	1.9	.32	
	MISSING	***	5	1#	.76	.47		.07	
66	5	1	80	19	-.65	.07	.7	-.51	etr093af3n
	4	2	107	25	-.02	.05	.9	-.16	
	3	3	136	32	.33	.05	.8	.12	
	2	4	68	16	.75	.07	.7	.31	
	1	5	33	8	1.24	.15	.9	.38	
	MISSING	***	12	3#	-.24	.34		-.08	
56	5	1	59	14	-.57	.10	1.2	-.37	etr078af3n
	4	2	80	19	-.15	.08	1.2	-.20	
	3	3	108	25	.00	.05	.8	-.13	
	2	4	83	19	.50	.06	.9	.19	
	1	5	96	23	.86	.08	1.2	.45	
	MISSING	***	10	2#	.03	.23		-.03	
25	5	1	75	17	-.64	.09	1.3	-.46	etr042af3n
	4	2	57	13	-.29	.07	.7	-.23	
	3	3	95	22	.14	.06	1.2	-.02	
	2	4	91	21	.52	.05	.5	.23	
	1	5	111	26	.69	.08	1.4	.38	
	MISSING	***	7	2#	.86	.27		.10	
30	5	1	74	17	-.59	.09	1.5	-.43	etr047af3n
	4	2	61	14	-.32	.07	.8	-.25	
	3	3	74	17	.02	.06	.8	-.09	
	2	4	114	27	.39	.04	.6	.15	
	1	5	106	25	.88	.07	1.0	.50	
	MISSING	***	7	2#	.47	.29		.04	
50	5	1	46	11	-.80	.10	.8	-.42	etr072af3n
	4	2	73	17	-.36	.06	.7	-.30	
	3	3	113	26	.04	.05	.8	-.10	
	2	4	111	26	.41	.05	.7	.17	
	1	5	86	20	1.05	.08	.8	.54	
	MISSING	***	7	2#	.36	.31		.03	
60	5	1	52	12	-.86	.09	.7	-.47	etr086af3n
	4	2	62	14	-.36	.08	.9	-.27	
	3	3	110	26	.03	.05	.6	-.10	
	2	4	111	26	.48	.04	.5	.22	
	1	5	96	22	.90	.08	1.0	.48	
	MISSING	***	5	1#	.40	.45		.03	
57	5	1	50	12	-.84	.10	.9	-.46	etr081af3n
	4	2	65	15	-.42	.06	.6	-.32	
	3	3	83	19	.02	.05	.7	-.10	
	2	4	110	26	.39	.04	.6	.15	
	1	5	122	28	.85	.07	.9	.52	
	MISSING	***	6	1#	.12	.39		-.01	
33	5	1	44	10	-.87	.11	.9	-.44	etr050af3n
	4	2	52	12	-.36	.08	.9	-.24	
	3	3	116	27	-.05	.05	.7	-.17	
	2	4	96	22	.45	.05	.6	.18	
	1	5	121	28	.79	.07	1.0	.47	
	MISSING	***	7	2#	.46	.30		.04	

7	5	1	65	15	-.77	.08	1.0	-.49	etr008af3n
	4	2	46	11	-.28	.08	1.0	-.20	
	3	3	69	16	.07	.08	1.4	-.06	
	2	4	101	23	.30	.06	1.0	.08	
	1	5	154	35	.70	.06	1.0	.47	
	MISSING	***	1	0#				.00	
37	5	1	31	7	-.58	.15	2.4	-.26	etr055af3n
	4	2	60	14	-.57	.09	.8	-.37	
	3	3	81	19	-.11	.06	.7	-.17	
	2	4	118	27	.24	.05	.9	.05	
	1	5	142	33	.77	.06	1.0	.52	
	MISSING	***	4	1#	.72	.53		.06	
58	5	1	40	9	-.78	.10	1.1	-.38	etr082af3n
	4	2	41	10	-.40	.13	2.0	-.23	
	3	3	81	19	.06	.07	1.3	-.07	
	2	4	117	27	.29	.05	1.0	.08	
	1	5	149	35	.59	.06	1.2	.36	
	MISSING	***	8	2#	.06	.36		-.02	

Missing % includes all categories. Scored % only of scored categories

Apêndice 6 – Desordem nas categorias dos itens – Autorregulação

"etr????f4?" ITEM CATEGORY/OPTION/DISTRACTOR FREQUENCIES: MEASURE ORDER

ENTRY NUMBER	DATA CODE	SCORE VALUE	DATA COUNT	%	AVERAGE ABILITY	S. E. MEAN	OUTF MNSQ	PTMEA CORR.	ITEM
44	5	1	55	13	-.50	.10	1.0	-.40	etr063af4n
	4	2	69	16	.19	.09	1.7	-.15	
	3	3	123	29	.46	.06	1.1	-.04	
	2	4	104	24	.73	.06	1.0	.12	
	1	5	79	18	1.38	.14	1.6	.41	
	MISSING	***	6	1#	.39	.41		-.02	
43	1	1	69	16	-.51	.09	.9	-.47	etr062af4p
	2	2	65	15	.04	.07	.9	-.21	
	3	3	116	27	.40	.05	.8	-.08	
	4	4	79	18	.85	.06	.7	.15	
	5	5	103	24	1.43	.10	1.1	.52	
	MISSING	***	4	1#	.79	.65		.02	
70	1	1	46	11	-.18	.14	1.7	-.26	etr101af4p
	2	2	59	14	.21	.09	1.7	-.14	
	3	3	142	34	.38	.06	1.3	-.12	
	4	4	100	24	.72	.07	1.6	.11	
	5	5	71	17	1.33	.15	1.5	.37	
	MISSING	***	18	4#	.36	.33		-.04	
55	1	1	43	10	-.55	.14	1.2	-.37	etr077af4p
	2	2	68	16	-.06	.07	.8	-.26	
	3	3	139	32	.34	.05	.8	-.13	
	4	4	110	26	.90	.05	.6	.22	
	5	5	70	16	1.58	.15	1.2	.47	
	MISSING	***	6	1#	.34	.41		-.02	
17	1	1	49	11	-.71	.11	.9	-.46	etr029af4p
	2	2	58	13	-.12	.06	.6	-.26	
	3	3	140	32	.43	.05	.8	-.07	
	4	4	107	25	.89	.06	.8	.21	
	5	5	78	18	1.49	.13	1.1	.46	
	MISSING	***	4	1#	.56	.61		.00	
65	1	1	20	5	-.53	.18	1.2	-.24	etr092af4p
	2	2	52	12	-.30	.10	.8	-.32	
	3	3	135	32	.24	.06	1.0	-.20	
	4	4	127	30	.84	.06	1.1	.21	
	5	5	91	21	1.21	.12	1.4	.37	
	MISSING	***	11	3#	.77	.48		.04	
61	1	1	28	7	-.63	.17	1.3	-.32	etr087af4p
	2	2	52	12	-.24	.09	.8	-.29	
	3	3	101	23	.14	.06	.8	-.22	
	4	4	141	33	.71	.05	1.0	.14	
	5	5	108	25	1.28	.10	1.0	.46	
	MISSING	***	6	1#	1.63	.81		.12	
5	5	5	116	27	1.46	.09	.8	.58	etr066af4p
	MISSING	***	5	1#	.36	.54		-.02	
	1	1	20	5	-1.03	.12	.6	-.35	
	2	2	39	9	-.39	.10	.7	-.30	
	3	3	112	26	.12	.06	.9	-.25	
	4	4	126	29	.63	.05	.6	.06	
47	5	5	133	31	1.30	.09	.9	.52	etr002af4n
	MISSING	***	6	1#	.34	.41		-.02	
	2	5	39	9	-.59	.13	1.4	-.36	
	4	2	37	9	-.05	.13	1.8	-.18	
	3	3	50	12	.09	.07	.7	-.17	
	2	4	129	30	.51	.05	.7	-.01	
1	1	5	178	41	1.05	.08	1.2	.44	etr001af4p
	MISSING	***	3	1#	-.65	.68		-.08	
	1	1	23	5	-.66	.13	1.3	-.29	
	2	2	22	5	-.46	.15	.9	-.23	
	3	3	83	19	-.09	.07	.7	-.31	
	4	4	107	25	.46	.06	.7	-.04	
5	5	5	200	46	1.08	.07	1.0	.51	etr000af4p
	MISSING	***	1	0#				.00	

Missing % includes all categories. Scored % only of scored categories

ANEXOS – Parecer do comitê de ética

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC

**PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: CONSTRUÇÃO E ESTUDOS INICIAIS DE VALIDAÇÃO DE UMA MEDIDA DE RESILIÊNCIA

Pesquisador: Carlos Henrique Sancineto da Silva Nunes

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 15611713.0.0000.0121

Instituição Proponente: Universidade Federal de Santa Catarina

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 358.021

Data da Relatoria: 12/08/2013

Apresentação do Projeto:

Dissertação de Piacentini, orientada por Nunes da Pós Graduação em Psicologia, que pretende entrevistar numero 440 sujeitos, cerca de 90% controles e o restante com história de neoplasia maligna

Objetivo da Pesquisa:

Desenvolver e realizar estudos iniciais de validação de uma escala que meça resiliência em seus diferentes componentes/fatores.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Suficiente, embora na avaliação dos riscos da pesquisa os autores tenham incluído riscos referentes a dificuldades na realização da mesma.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pode contribuir para o conhecimento generalizável sobre o tema.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Adequado

Recomendações:

Não há.

Endereço: Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima

Bairro: Trindade **CEP:** 88.040-900

UF: SC **Município:** FLORIANOPOLIS

Telefone: (48)3721-9206 **Fax:** (48)3721-9696 **E-mail:** cep@reitoria.ufsc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
SANTA CATARINA - UFSC



Continuação do Parecer: 358.021

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Pela aprovação

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

FLORIANOPOLIS, 13 de Agosto de 2013

Assinador por:
Washington Portela de Souza
(Coordenador)